

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Geografia



Dissertação de Mestrado

**Agricultura Urbana: O caso da Horta do Pestano -
Pelotas / RS**

José Luiz Lourenço Ribeiro

Pelotas, 2019

José Luiz Lourenço Ribeiro

**Agricultura Urbana: O caso da Horta do Pestano -
Pelotas / RS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Dra. Liz Cristiane Dias

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R484a Ribeiro, José Luiz Lourenço

Agricultura urbana : o caso da horta do Pestano - Pelotas / RS / José Luiz Lourenço Ribeiro ; Liz Cristiane Dias, orientadora. — Pelotas, 2019.

106 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Geografia. 2. Saber popular. 3. Horta urbana. 4. Educação geográfica. I. Dias, Liz Cristiane, orient. II. Título.

CDD : 910

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Dedico primeiramente aos meus pais!

A minha mãe Neuza Jassira Lourenço Ribeiro, pelos anos de carinho, atenção, conflitos e diálogos. Por se doar, dar parte do seu tempo, da sua vida para que a minha existisse.

Meu Pai, Luiz de Souza Ribeiro, que com muito trabalho, amor e dedicação doou parte do seu tempo e energia para que eu estivesse aqui, em uma pós-graduação, em uma Universidade Federal de qualidade.

Aos meus irmãos Teilor Israel Lourenço Ribeiro, Luiz Eduardo Lourenço Ribeiro e irmã Maria Eduarda Lourenço Ribeiro, pelo apoio, pelas vivências, pelas brigas e afetos, situações relevantes que me constituem e me dão forças hoje para seguir.

Dedicado também, aos salientes, Ana Paula Melo, Bianca Barbosa, Emelli Moreira, Fernanda Burkert, Lucas Serpa, Luciano Martins da Rosa e Thaiane Lima por serem a minha família nestes sete anos de Universidade Federal de Pelotas.

Dedico aos republicanos, Rodrigo Matos, Grazielle Cardozo e Lívia Arouche pelos anos de vida juntos em três residências diferentes. Foram anos de luta né? Continuemos firmes e juntos nas empreitadas da vida.

Dedico aos tantos amigos e pessoas que passaram pela minha vida e que consigo lembrar agora, todos são significativos e colaboraram para o que sou hoje.

Dedico à vida e a toda sua complexidade e mistério, você me instiga.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço aos meus professores da rede pública de ensino fundamental e médio. Com o apoio e empenho de vocês hoje sou pesquisador, em uma Universidade Pública, Obrigado!

Agradeço a todos os professores do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

Agradeço, de coração a minha orientadora Liz Cristiane Dias, pelos anos de apoio a este projeto e pelos valores humanos e afetivos transmitidos nas pesquisas.

Agradeço ao PIBID, pelos anos de experiência, pelas vivências acumuladas nas escolas em que passei. Obrigado!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, pelo apoio irrestrito a minha pesquisa e atitude que acredito como pesquisador.

O trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) Código de financiamento 001.

Resumo

Está cada vez mais evidente a utilização de espaços ociosos nas áreas urbanas brasileiras por iniciativas que buscam enfrentar e superar dificuldades expostas por suas realidades sociais, torna-se importante compreender esses mecanismos. Esta escrita busca analisar a potencialidade das atividades realizadas na “Horta do Pestano, no município de Pelotas / RS”, como iniciativas de resistência e fortalecimento de práticas alternativas de produção e consumo de alimentos, bem como promover um debate dessas práticas no contexto da Educação Geográfica. A pesquisa é baseada na metodologia história oral, onde foram analisados as histórias orais de (oito) voluntário da horta urbana do Pestano, no bairro Três Vendas no município de Pelotas. Verificou-se que nas práticas realizadas cotidianamente pelos voluntários há um apego ao saber popular e aos laços afetivos ali construídos com o trabalho voluntário, além de estabelecerem conexões com a educação geográfica mesmo que informal. A partir desses resultados podemos concluir que, essas iniciativas carregadas de saberes únicos atrelados a uma educação geográfica de contexto informal, produz nestes espaços outra concepção de desenvolvimento e construção de laços afetivos, caracterizando com isso a construção de um mecanismo de superação de obstáculos impostos pela desigualdade social, encontrada em seus contextos de vida no bairro Três Vendas.

Palavra Chave: Horta Urbana, Geografia, Educação Geográfica, Saber Popular.

Abstract

The use of idle spaces in Brazilian urban areas by initiatives that seek to overcome and overcome difficulties presented by their social realities is becoming increasingly evident, it is important to understand these mechanisms. This writing seeks to analyze the potential of the activities carried out in the “Urban Horta of Pestano, in the municipality of Pelotas / RS”, as initiatives to resist and strengthen alternative practices of food production and consumption, as well as to promote a debate of these practices in the context of Geographical education. The research is based on oral history methodology, where the oral histories of (eight) volunteer of the urban garden of Pestano, in the neighborhood Três Vendas in the municipality of Pelotas, were analyzed. It was verified that in the practices carried out daily by the volunteers there is an attachment to the popular knowledge and to the affective ties built there with the volunteer work, besides establishing connections with the geographic education, even if informal. Based on these results, we can conclude that these initiatives, loaded with unique knowledge linked to a geographical education of informal context, produce in these spaces another conception of development and construction of affective bonds, characterizing with this the construction of a mechanism of overcoming obstacles imposed by inequality, found in their life contexts in the Três Vendas neighborhood.

Keyword: Urban Vegetation, Geography, Geographic Education, Popular Knowledge.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Município de Origem Paterna do Autor	12
Figura 2 – Município de Origem Materna do Autor	13
Figura 3 – Voluntários da Horta Urbana do Pestano	22
Figura 4 – Espacialização dos Distritos de Pelotas	41
Figura 5 – Regiões Administrativas de Pelotas - Destaque Três Vendas . 2019 .	42
Figura 6 – Ruas Quatro e Dez no Pestano	43
Figura 7 – Ruas catorze e Vinte no Pestano	44
Figura 8 – Horta do Pestano no bairro Três Vendas - 2019	45
Figura 9 – Entrada do Colégio Sinodal Alfredo Simon	46
Figura 10 – Horta Urbana Pestano e Centro Comunitário	47
Figura 11 – Porteira Aberta da Horta do Pestano	48
Figura 12 – Parte Interna da horta	49
Figura 13 – Parte interna da horta.	49
Figura 14 – Área de produção de hortaliças	50
Figura 15 – Área de produção de hortaliças	50
Figura 16 – Culturas Produzidas,	51
Figura 17 – Culturas Produzidas	51
Figura 18 – Árvores Frutíferas	52
Figura 19 – Árvores e Frutas	52
Figura 20 – Diferentes Culturas de Árvores Frutíferas	53
Figura 21 – Itens produzidos pelos voluntários	53
Figura 22 – Criação de animais domesticados	54
Figura 23 – Silvicultura e Araucárias	54
Figura 24 – Espacialização do comércio dos itens produzidos na Horta Urbana do Pestano	56
Figura 25 – Densidade Arbórea em 2002	65
Figura 26 – Densidade Arbórea em 2018	66

Lista de quadros

Quadro 1 – Ordem Cronológica dos Entrevistados	21
Quadro 2 – Ordem Cronológica das Entrevistas	24
Quadro 3 – Dinâmicas Espaciais da Agricultura Urbana	30
Quadro 4 – Diferentes Aspectos da Agricultura Urbana	31
Quadro 5 – Habilidades da Unidade Temática 'O Sujeito e o Seus Lugar no Mundo'	40

Lista de abreviaturas e siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AU	Agricultura Urbana
AUP	Agricultura Urbana Periurbana
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
DA	Despesas Administrativas
DO	Despesas Operacionais
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDS	MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
US-EPA	United States Environmental Protection Agency

Sumário

	INTRODUÇÃO	11
1	METODOLOGIA	18
1.1	Revisão de Literatura	18
1.2	Encaminhamento das Entrevistas	21
1.3	História Oral	24
2	PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA URBANA	28
2.1	Cidade: Centro das Transformações e Contradições	32
2.2	A Esfera Coletiva e a Resistência dos Saberes Marginalizados	33
2.3	O indivíduo e a construção de outras formas de existir	35
2.4	Educação Geográfica: Uma Lente Interpretativa	37
3	O CASO DA HORTA URBANA DO PESTANO	41
3.1	As Dinâmicas Espaciais da Horta do Pestano	43
4	ANÁLISES PRELIMINARES	46
4.1	Perfil dos Voluntários	48
4.2	Itens Produzidos na Horta do Pestano	48
4.3	Rota de Comercialização e Consumo dos Produtos	54
5	AS HISTÓRIAS ORAIS E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS	57
5.1	Demais contextos levantados	63
5.1.1	Fragilidades	64
5.1.2	Potencialidades	64
6	CONSIDERAÇÕES	67
6.1	Resultados Obtidos	67
6.2	Conclusão	68
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXOS	74
	ANEXOS	75

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma análise pessoal a respeito dos impactos da agricultura urbana, não apenas na sociedade e suas diferentes escalas e recortes de manifestação¹, mas também para as pessoas e seus diferentes significados de sociedade e comunidade². Não consigo, como indivíduo e pesquisador desassociar essa reflexão da minha vida, dos percalços que passei e que de alguma forma me constituem como sujeito pesquisador.

Escrever aqui sobre agricultura urbana, me faz pensar algumas questões particulares que me desafiaram e continuam me desafiando como pesquisador, desde de pequeno fui ensinado a não expressar meus sentimentos, engolir o choro e de alguma forma lidar sozinho com minhas problemáticas internas, acredito que ao fazer isso me tornei um ser observador, é claro que aprendi a lidar com essas questões da minha forma e acabei me tornando uma pessoa bem comunicativa, porém, ainda assim muito observador.

Esse contexto da minha história de vida que conjuntamente a parte materna e paterna que também me constituem, justificam os “porquês” do meu interesse em pesquisar sobre agricultura urbana, já que no seio familiar pude observar como é rico, interessante e poderoso a forma como as pessoas e em especial minha família reproduziam uma cultura que para eu, era comum nas minhas férias ao visitar meus parentes do interior.

Essas características urbanas com pequenos detalhes rurais se manifestavam em um ambiente complexo e carregado de diversidade, da minha infância ao início de minha vida adulta vivi em Porto Alegre / RS, mais precisamente na zona sul da capital, em umas das maiores periferias do Rio Grande do Sul, crescer na Restinga não só me fez compreender que ser periférico é sinônimo de ser marginalizado mas também simboliza resistir e construir mecanismos de superação, se utilizando de seus próprios conhecimentos e recursos.

¹ Marcelo Lopes de Souza (2013, p. 180) diferencia o conceito de escala basicamente em duas vertentes, primeiro a escala cartográfica e suas nuances matemáticas que de forma artificial espacializa um ambiente existente na realidade e temos também a escala geográfica, carregada de estruturas e camadas complexas presentes nos mecanismos das sociedades humanas, tais como os fenômenos físicos, sociais e ainda os fenômenos inerentes do indivíduo. Nas diferentes escalas se manifestam os conceitos balizadores da Geografia como território e lugar.

² Cada indivíduo possui de acordo com a sua bagagem, instrumentos de leitura da realidade no qual perpassam suas vivências, António Nóvoa (2012, p.09) esclarece que somos uma “invenção viva”, carregados de problemáticas, sentidos próprios e Relatos diversos.

Figura 1 – Município de Origem Paterna do Autor



Fonte: IBGE - 2019. Elaborado pelo autor. Na figura, visualizamos em destaque o município de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte, município de nascimento do pai do autor.

Meus pais não nasceram no mesmo estado que eu, sou natural do estado do Rio Grande do Sul porém minha mãe tem sua origem no sudoeste do Paraná e meu pai no noroeste do Rio Grande do Norte (Figura 1), ambos, pai e mãe de algo forma falavam de suas vidas, nas suas cidades natais, com os olhos brilhando e a partir daí, com este processo oral de conhecimento da própria história mesmo que indireta, acabei me apaixonando pelas trajetórias de vida dos meus pais, por mais que a agricultura urbana seja o tema do meu estudo, na verdade ela faz parte das trilhas e dos encantos que vivenciei.

No caso do meu pai, por motivos que eu não sei e acredito que não seja interessante desvelar agora, sempre tivemos um certo distanciamento, acredito que as horas e os dias que meu pai passava fora, trabalhando, de alguma forma nos distanciavam, porém, essa atmosfera não era predominante, na minha família há um costume de todos sentarem à mesa nos horários de refeição, seja almoço, janta ou os cafés de início e fim de dia, religiosamente nos reuníamos e era nesse contexto que meu pai se abria e contava sobre sua vida, sua história com uma linguagem carregada de saudosismo.

Ele contava sobre suas vivências Mossoró (Figura 1), dos momentos de pesca

no rio, das subidas nas árvores para colher aquelas frutas típicas do nordeste, das galinhas, bodes, vacas, porcos e outros animais que criavam, domavam e brincavam. Um mundo que eu, um jovem da Periferia de Porto Alegre só conhecia durante as férias. Mas, sua história não se resumiam a estes fatos felizes, meu pai também falava sobre os momentos pesados, em que tinha que trabalhar, complementar a renda da família, o que incluía trabalhar nas usinas de carvão, um ambiente sujo, quente, triste e devastador para uma criança cheia de sonhos interrompidos pela condição social.

Este contexto de pobreza mesmo que atenuado pelas oportunidades que o meio proporcionava, acabou por incentivar essa migração forçada, meu pai junto de sua família saíram no auge da ditadura militar para o Rio Grande do Sul, diferentemente de outras famílias nordestinas que se encaminhavam para as regiões densas do sudeste, meus avós paternos escolheram o sul, mas segundo eles o custo de vida em Porto Alegre era razoavelmente favorável naquele período, além das propriedades relativamente grandes, o que favoreceu que plantassem e criassem animais para complementar a renda já que o trabalho era farto, ao menos naquele período.

Figura 2 – Município de Origem Materna do Autor



Fonte: IBGE - 2019. Elaborado pelo autor. Na figura podemos ver em destaque o município de Chopinzinho, município de nascimento da mãe do autor.

Quando lembro dos fatos e narrativas de vida da família da minha mãe, possuo

um pouco mais de subsídios, nascida no sudoeste do Paraná na cidade de Chopinzinho (Figura 2), minha mãe sempre fez questão de falar das suas histórias, de como era bom viver no campo, de que não passavam fome e nem precisavam trabalhar, pois o sustento era tirado da terra, segundo ela, não passavam necessidades, as únicas dificuldades estavam em conseguir roupas, sapatos e outros utensílios importantes para ir na cidade, mas no campo, não tinham essa preocupação, a vida simples já bastava.

Diferentemente da família do meu pai, meus avós maternos migraram do sudoeste do Paraná, para o norte do Rio Grande do Sul, a cidade de Sananduva se tornou lugar de morada por muitos anos, porém, já na adolescência minha mãe se viu obrigada a trabalhar, já que as oportunidades de estudar estavam distantes, diante das condicionantes de sua vida migrou para Porto Alegre, onde as oportunidades eram numerosas, bem mais que em Sananduva.

Foi em Porto Alegre que meus pais se conheceram, casaram, compraram juntos uma casa na periferia e ali desde que me conheço por gente eles produzem ao menos o básico para o consumo próprio.

É muito viva a imagem do meu pai criticando os pesticidas e o mal que eles fazem a nossa saúde e a importância em produzir em casa. Radite, rúcula, alface, Tomate, tomate cereja, pêssego, limão e outros itens que meus pais produziam e ainda doavam, bons tempos que não voltam, mas, a memória ainda é viva e é a partir dessa observação e memória que me veio a curiosidade em pesquisar sobre a agricultura urbana, pesquisa essa que em parte contempla um pouco de mim e da minha história.

Os questionamentos a respeito desses hábitos caseiros, tão comuns na minha família veio anos mais tarde na universidade, no curso de Licenciatura em Geografia. Meu objeto de estudo não era a agricultura urbana, eram outros, ligados a educação formal porém, através dos diálogos e leituras esses fatos e hábitos instigaram-me a pensar os “porquês” da existência dessa prática tão ligada ao meio rural, porém, manifesta nas cidades, nos seus tecidos urbanos.

Na universidade pude experimentar pela primeira vez a atmosfera das escolas, salas de aula, dos alunos e da complexidade do ensino público, através do PIBID³(Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Com as ações e realizações que construímos, percebi a emergência de olhar cada aluno, professor e/ou gestor como um “ser” carregado de vivências e situações inclusive conflituosas com o meio social, fora as suas capacidades únicas de construção de possibilidades através dos seus próprios

³ Segundo Barbosa e Carlos (2018, p.02), O PIBID é um programa vinculado ao ministério da educação, um de seus principais objetivos é ligar as escolas públicas e universidades através de atividades extra curriculares, envolvendo professores universitários, professores de escolas, bolsistas (universitários) e estudantes da rede pública de ensino.

instrumentos.

Foi a partir deste contexto que tive a oportunidade de construir meu trabalho de conclusão de curso para licenciatura em Geografia, naquele momento apresentei minha pesquisa a respeito da Agricultura Urbana como agente disseminador da educação geográfica e ambiental.

O objetivo foi apresentar um retrato das pesquisas sobre a agricultura urbana e uma análise a respeito da educação geográfica e educação ambiental nestas pesquisas. Concluímos que a educação geográfica e ambiental não fazia parte da maioria das pesquisas, panorama este que mais tarde daria subsídios para o projeto de mestrado. Posteriormente no mestrado, pude dar continuidade ao projeto de pesquisas sobre a agricultura urbana, porém, com ênfase na análise de iniciativas distintas e alternativas de produção e consumo no meio urbano que fossem construídas de forma coletiva.

O percurso acadêmico, somado à colaboração de colegas da universidade, me fez acreditar que é possível construirmos a partir dos nossos saberes em conjunto com outras formas de pensar, outra realidade coexistente a atual no qual estamos de alguma forma sendo influenciados, porém não aprisionados.

Nesse sentido, apego-me às minhas raízes como professor de Geografia e acredito no que concebe a Educação Geográfica, que no que lhe concerne, sustenta que os indivíduos devem ser dotados da capacidade de interpretar as informações da sociedade em sua volta (CALLAI, 2017 p. 84), de forma crítica e autônoma, se utilizando de instrumentos na busca efetiva de mudanças positivas à sua existência como ser humano e ao seu coletivo, como dialoga Callai: “A educação geográfica considerada nessa interpretação traz junto consigo a possibilidade de fazer uma educação cidadã, uma vez que o objetivo é abordar os conteúdos da geografia, construindo conceitos para fazer a análise geográfica com o olhar numa postura de formação para a cidadania. (2017, p.86)“.

Com isso, vislumbramos que a educação geográfica ultrapassa as fronteiras das escolas e universidades e abraça toda a construção social com seus instrumentos de análise geográfica, potencializando seus agentes, primeiramente na visualização crítica dos aspectos sociais, com isso possibilitando mudanças estruturais nesta sociedade injusta, já que a principal função da educação geográfica é a formação para a cidadania.

Num mundo em que há tanta diversidade e cruéis diferenças sociais o conhecimento se constitui num fator de acesso à possibilidade de igualdade. À escola cabe fazer um ensino que possa ser de atendimento a todos, pois ela é a possibilidade de promover a justiça social, mas não de modo mágico e sim por meio de posturas que permitam ao aluno ter o acesso ao conhecimento. (CALLAI, 2017, p.86)

Conjuntamente a essa premissa da Educação Geográfica, construí parte das

ideias que delineiam essa dissertação, e que tem como base de análise a Horta Comunitária do Bairro Pestano, que pode ser um grande laboratório onde eclodem práticas que encontram na Educação Geográfica similaridades e legitimação de práticas coletivas e transformadoras, não apenas das mulheres e homens participantes mas de grupo, vislumbrando um espaço de transposição das dificuldades vindouras de suas diferentes realidades sociais.

Neste sentido, tem-se como pressuposto a movimentação de um coletivo específico e com similaridades, pode resultar na criação de outras estruturas sociais com funções distintas e ligadas às necessidades de seus indivíduos formadores. Possivelmente as hortas urbanas mais especificadamente a horta urbana do Pestano, possui como finalidade contemplar as necessidades desses voluntários, que podem ser complexas e distintas já que estamos lidando com pessoas de origens diferentes com idades diferentes e com expectativas diferentes de si e de seus círculos sociais.

Objetivo

Analisar a potencialidade das atividades realizadas na “Horta Urbana do Pestano, no município de Pelotas / RS”, como iniciativas de resistência e fortalecimento de práticas alternativas de produção e consumo de alimentos, bem como promover um debate dessas práticas no contexto da Educação Geográfica.

Objetivos Específicos

- Delinear um perfil dos voluntários presentes na horta urbana do bairro Pestano no Município de Pelotas / RS.
- Identificar quais as práticas de produção estão sendo realizadas e as dificuldades enfrentadas na sua manutenção.
- Traçar a rota de consumo dos alimentos produzidos.
- Identificar os desafios e processos de resistência travados pelos envolvidos na iniciativa da horta urbana.
- Discutir os entraves, as possibilidades e o contexto gerador de práticas e vivências dessa iniciativa tendo como lente interpretativa a educação geográfica.

Problema da Pesquisa

Partindo como base os contextos revelados pelos estudos teóricos encaminhados desde o período da graduação em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas, alguns pontos podem ser considerados relevantes para justificarmos esta pesquisa. O

primeiro está relacionado ao contexto histórico brasileiro carregado de desigualdades e potencializador das transformações espaciais, motivadas principalmente pelo conflito dessas contradições sociais.

Podemos anexar também a educação Geográfica, irrestrita ao ambiente escolar, pode ser sentida, ouvida e visualizada nas diferentes escalas de manifestação desses agentes e indivíduos transformadores destes espaços. Por último temos a interrelação destes aspectos, que somados, podem definir e articular outras realidades de vida, outras formas de pensar, ocupar e transformar esse espaço dinâmico. Diante desta realidade qual a contribuição destes aspectos sociais e afetivos mesclados a um saber geográfico na transformação de pessoas e lugares?

1 METODOLOGIA

A partir da leitura dos diversos autores, temas e teorias científicas que dão base aos argumentos aqui expostos, é importante organizar esse estudo de forma a facilitar ao autor e ao leitor compreender as formas, técnicas e encaminhamentos necessários para alcançar os objetivos. Neste sentido, a metodologia da pesquisa aqui exposta visa demonstrar os caminhos percorridos e os seus procedimentos, como cita Gerhardt W. Silveira: “A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa (2009. p.12)”.

Pensando nessas dinâmicas a metodologia desta pesquisa está dividida em quatro partes.

- 1) Revisão de Literatura
- 2) Encaminhamento da Entrevistas
- 3) História Oral
- 4) Análise Qualitativa dos Dados

1.1 Revisão de Literatura

Este percurso se fez importante devido à (duas) questões, conforme Silva e Menezes (2005), a primeira, é a respeito da maturidade e inserção no tema, já que esse movimento de pesquisa e leitura ressignifica o entendimento do pesquisador sobre as temáticas estudadas, e a segunda, é sobre a construção do pesquisador através da interpretação pessoal dessas leituras, que surge com a irradiação dos diferentes formas de pensar destes autores pesquisados.

A revisão de literatura consistiu primeiramente na busca de referenciais teóricos, que somados, contribuíram para o esclarecimento das questões trazidas por esta dissertação e o fomento de novas ideias a respeito da horta urbana do Pestano, como um espaço de construção de práticas educativas.

A revisão bibliográfica aqui realizada é entendida por diversos autores, como a coluna espinhal da pesquisa, ou seja, sem a busca cuidadosa de artigos, livros, revistas, vídeos, áudios e outras ferramentas, é impossível ter a devida segurança e confiabilidade exigida para construir qualquer material de cunho científico, ou que, no menor dos casos, tenha a intenção de colaborar no campo da pesquisa.

Portanto, é indispensável para o pesquisador o apego aos referenciais teóricos. Igualmente afirma Pizzani:

Como a pesquisa bibliográfica é um trabalho investigativo minucioso em busca do conhecimento e base fundamental para o todo de uma pesquisa, a elaboração de nossa proposta de trabalho justifica-se, primeiramente, por elevar ao grau máximo de importância esse momento pré-redacional; como também justifica-se pela intenção de torná-la um objeto facilitador do trabalho daqueles que possivelmente tenham dificuldades na localização, identificação e manejo do grande número de bases de dados existentes por parte dos usuários. (2012, p.54)

O primeiro mergulho de busca de referências na construção do pensamento da pesquisa é o passo mais importante e parte do fator “curiosidade” (Meadows 1999), considerado o grande impulso motivacional do início de qualquer pesquisa, como sinaliza Pizzani: “o homem sempre foi movido pela intensa curiosidade e isso se traduz na incessante busca pelo conhecimento, perfazendo dessa construção um processo social realizado a partir do trabalho e do esforço coletivo” (2012). A dedicação na procura de uma boa bibliografia que auxilie o pesquisador e ajude o leitor a compreender as dinâmicas expostas na escrita da dissertação, também se soma ao primeiro passo dado na construção de qualquer pesquisa.

Durante o processo de coleta das informações teóricas se constroem os primeiros passos do raciocínio do pesquisador. O primeiro contato na busca de informações é vital para o andamento pleno da pesquisa; há ainda o esclarecimento de ideias que outrora haviam dúvidas e o amadurecimento do pesquisador em seu processo de estudo, já que a construção das ideias se faz a partir deste contato; o sujeito pesquisador somado às influências dos teóricos pesquisados cria o conhecimento, a sua própria base, carregada de um saber único formado a partir desse mergulho. Valente (2003, p. 140) agrega que: “o conhecimento é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação. É algo construído por cada um, muito próprio [...]”.

Sabidamente, diante da importância desta revisão, os autores foram pertinentes e separados por temas norteadores, que contribuíram na construção deste saber sobre as diferentes abordagens teóricas que este estudo pesquisa.

Agricultura Urbana

A respeito das problemáticas que circundam a organização das atividades de produção urbana de alimentos e seus diferentes aspectos que “conflituam” com os espaços urbanos, posso destacar Maria Silvana Ribeiro (2015) que traz os aspectos positivos da agricultura urbana para a promoção da saúde física e mental de quem produz alimentos na cidade. Altair José Machado (2002) que neste estudo em específico aborda sobre as transformações da paisagem urbana alterada pelo advento das iniciativas de agricultura urbana no Brasil e Luc J. A. Mougeot (1999), que se apegou em estudar as diferentes manifestações da agricultura urbana nas cidades estabelecendo critérios

para a denominação de algumas iniciativas como hortas comunitárias entre outras.

Contexto Urbano

Para direcionar os aspectos urbanos e suas problemáticas específicas este estudo se apropriou de Henri Lefevre (2001) como o livro “o direito à cidade” onde o autor busca explanar sobre os diferentes aspectos macroeconômicos que tornaram o meio urbano complexo e desigual. Janis Amorim Araújo (2012) com o artigo “sobre a cidade e o urbano” que traz sobre a luz de Lefebvre as características desiguais dos espaços urbanos brasileiros Ana Fani Carlos (2007) que no livro “O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade” problematiza sobre os aspectos contraditórios da construção do urbano no Brasil.

Saberes Marginalizados

Com intuito de explanarmos sobre os aspectos deste saberes específicos de quem é excluído pela sociedade hegemônica, utilizei como principais referências Milton Santos (2012) com seu livro “Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência Universal” onde o autor aborda as problemáticas das sociedades ocidentais na contemporaneidade e as suas possibilidades atrelados ao pluralismo epistemológico. Carlos Walter Porto Gonçalves (2017) e o livro “A globalização da natureza” onde o autor destaca as características nocivas do capitalismo e a necessidade de abandonarmos a visão eurocêntrica de construção social para possibilitar a configuração de uma realidade menos desigual. Para este aspecto também se utilizou das teorias de Boaventura de Souza Santos (2007) e (2012) onde o autor explana sobre a necessidade de valorizar outras formas de conhecimento não europeias nomeadas ‘epistemologias do Sul’, além de Rogério Haesbaert (2002) como um livro “territórios alternativos” onde o autor fala sobre a criação de outras formas de desenvolvimento aflorados pela desigualdade dos espaços urbanos.

História Oral

Neste estudo a história oral adentra com uma configuração metodológica utilizada como instrumento onde podemos analisar as diferentes realidades dos oito voluntários pesquisados, para o desenvolvimento desta escrita, utilizei como embasamento principal a autora Verena Alberti (2005) com seu livro “Manual de história oral” onde a autora busca auxiliar o leitor a compreender os mecanismos responsáveis pelo desenvolvimento adequado da história oral como método e também como metodologia. Cristine Josso (2010) e o livro “experiências de vida e formação” onde autora trata da importância das Histórias de Vida os estudos das Ciências Sociais e José Meyhi (1996) com o livro “manual da história oral” onde explana sobre os percalços da história oral como metodologia nos estudos das ciências humanas.

Educação Geográfica

Sobre os aspectos da educação geográfica como uma base teórica indispensável para relacionar essas diferentes construções e aspectos epistemológicos utilizei helena Callai (2017) e o artigo “Educação geográfica cidadania e cidade” onde a autora fala sobre a importância da geografia para construção de cidadãos críticos e os aspectos do ensino, além, da base Nacional comum curricular onde é estipulado critérios específicos de atuação da geografia no ensino.

1.2 Encaminhamento das Entrevistas

O encaminhamento das entrevistas com os voluntários da horta urbana do Pestano, foram organizados durante os períodos de visitação à horta urbana do Pestano, onde em conjunto com os cinco voluntários presentes definimos os dias específicos e o melhor momento destes dias para a realização das entrevistas, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Ordem Cronológica dos Entrevistados

Cronograma de Entrevistas		
Entrevistado	Local da Entrevista	Data e Hora da Entrevista
Leceu	Horta do Pestano	09hs – 15/02/2019
Luiz Carlos	Horta do Pestano	10hs – 15/02/2019
Euzira	Residência da entrevistada	11hs – 15/02/2019
Francisco	Horta do Pestano	10hs – 22/02/2019
Neiva	Residência da entrevistada	11hs – 22/02/2019

Fonte: Elaborado pelo autor.

Primeiramente, foi feita uma visita à horta do Pestano¹, de modo a construir junto às pessoas que ali trabalham de forma voluntária um diálogo e contato inicial. A intenção dessa conversa estava em organizar de forma prévia, os rumos das entrevistas, essa intencionalidade é necessária para evitar problemas que podem ocorrer, já que o pesquisador é antes de tudo um indivíduo estranho e não participante², que da mesma forma precisa do consentimento dessas pessoas.

¹ Nos dias 26 e 28 de Julho de 2018, foram realizadas visitas à horta comunitária do bairro Pestano, a iniciativa não possui nome definido, sendo conhecida como horta do Pestano. Essas duas visitas foram organizadas para reconhecimento do local da pesquisa e contato inicial com as pessoas participantes.

² Acredita-se que demonstrar aos voluntários a importância da iniciativa e de suas colaborações através de seus respectivos saberes é muito relevante, devido ao processo seguinte de entrevista, no qual os mesmos serão protagonistas através de seus relatos e vivências, agora observados pelo pesquisador.

Na horta urbana do Pestano, atualmente, trabalham como voluntárias cinco pessoas, todos moradores do bairro Três Vendas (Figura 1), na região do Pestano e próximos à horta na rua Zeferino Costa, por ordem cronológica os entrevistados são: **Leceu**, morador do Pestano e aposentado, trabalha a dois anos na horta; **Luiz Carlos**, morador antigo do Pestano e um dos primeiros participantes da horta urbana do Pestano além de voluntário é aposentado; **Euzira**, aposentada e voluntária antiga da iniciativa horta urbana; **Francisco**, morador do bairro, voluntário e o proponente da ideia de construção da horta urbana do Pestano, com apoio do Colégio Alfredo Simon Sinodal e por último a voluntária **Neiva**, moradora do bairro, trabalha nas proximidades da horta.

Os passos de agendamento e definição do local das entrevistas ocorreram de forma satisfatória, o espaço escolhido para as mesmas foi a própria horta do Pestano, esse movimento é importante porque a horta é o tema norteador de suas narrativas.

Figura 3 – Voluntários da Horta Urbana do Pestano



Fonte: Registrado pelo autor e autorizada pelos voluntários registrados. Na figura, quatro dos cinco voluntários da horta urbana do Pestano, da esquerda para a direita o voluntários Leceu, a voluntária Neiva e por ultimo os voluntários Francisco e Luiz Carlos.

Conforme a escrito anteriormente, a intencionalidade de ouvir e problematizar sobre suas narrativas se deu de forma temática, ou seja, essas lembranças são amarradas a um tema central “a horta do Pestano”, a metodologia se apropria dos pressupostos da história oral temática (MEIHY, 1996), a partir desta ramificação da história oral, encaminhamos a entrevista, com questões norteadoras, capazes de auxiliar na construção destas narrativas que surgem com o processo de instigação da

memória, os questionamentos foram:

- 1) O que fazia antes de ser voluntário na horta comunitária Pestano?
- 2) Como conheceu a horta?
- 3) Por que trabalhar na horta até os dias de hoje?
- 4) Qual a importância da horta comunitária na sua rotina?
- 5) O que espera do futuro sendo voluntário na horta?

O encaminhamento das entrevistas se deu de forma enriquecedora, pois o deslocamento até o bairro Três Vendas nos revela as diferenças sociais existentes no município de Pelotas, onde do Centro à Zona Norte os traços periféricos vão tomando formas.

O bairro Três Vendas, na Zona Norte de Pelotas possui diferentes paisagens e as diferentes manifestações da mesma são marcantes, o processo de proximidade do bairro também denuncia o degrade social presente no município, do centro ao bairro podemos visualizar nitidamente que Pelotas é uma cidade desigual.

A partir do direcionamento até a horta, agora no sentido bairro horta do Pestano, o Impacto é igualmente interessante, pois, ao sair de um espaço periférico urbano, com suas características marcantes, atividades culturais próprias e adentramos em outra realidade, com suas árvores frutíferas, com sons de pássaros, cacarejar de galinhas e o som do trabalho humano agindo no arado da terra, dão outra atmosfera ao ambiente da horta. O que tornou interessante realizar as entrevistas neste espaço de trabalho, transformando o pesquisador pela irradiação deste ambiente, da mesma forma que auxiliou os entrevistados a direcionarem e correlacionarem este espaço que eles construíram com suas narrativas.

Um dos passos importantes da entrevista destinada à história oral está contido nos procedimentos que asseguram a idoneidade do entrevistado, tal como, a autorização por eles assinada, neste caso utilizamos, o “termo de consentimento livre e esclarecido” de todos os oito entrevistados (conforme quadro 1 e 2), o que assegura também a livre utilização destes dados para o campo científico.

Conforme relatado pela entrevista do voluntário Francisco, já trabalharam ali ou se beneficiaram deste trabalho mais de 22 famílias, atualmente o número caiu para cinco voluntários, o auge de trabalhadores voluntários na horta se deu no seu período de início em 2002, onde o projeto apoiado pelo Colégio Alfredo Simon Sinodal, algumas instituições luteranas e o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) teve seu início.

Foram entrevistados cinco voluntários os únicos participantes até então, este período de entrevista (quadro 1) foi escolhido justamente pela problemática do final de ano, segundo os próprios voluntários o período mais quente do verão é o mais problemático para a manutenção da horta, o período de fevereiro é o mais ideal, devido ao período de chuvas e da proximidade do outono.

As entrevistas foram organizadas da seguinte forma: o pesquisador em frente ao entrevistado (voluntário), como instrumento de coleta foi utilizado um celular como gravador e câmera fotográfica, o caderno de campo com as informações a respeito da ambiência deste espaço e outras informações que não foram captadas pelo áudio, cada um dos entrevistados de forma consentida assinou o termo de livre consentimento³.

Quadro 2 – Ordem Cronológica das Entrevistas

Cronograma de Entrevistas		
Entrevistado	Local da Entrevista	Data e Hora da Entrevista
Volnei	Escola Alfredo Simon Sinodal	15hs – 26/02/2019
Fábio	Sede do CAPA	09hs – 27/03/2019

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além dos cinco voluntários, para complementar as informações vindouras das entrevistas realizadas com os voluntários da horta urbana do Pestano, foram entrevistados⁴ os representantes (quadro 2) das outras esferas que estiveram presentes na construção da horta do Pestano, entrevistamos o diretor do Colégio Alfredo Simon Sinodal como representante da mesma, que falou sobre a Constituição da horta na propriedade que pertence a escola; o representante do CAPA também foi entrevistado com intuito de explicar se houver participação da instituição no desenvolvimento da horta.

1.3 História Oral

Basicamente quando estamos teorizando sobre história oral, estamos nos referindo há vários mecanismos de coleta destes dados, que geralmente coletam histórias

³ anexado no adendo desta pesquisa.

⁴ Para a entrevista dos representantes dessas duas instituições que e contribuíram para a formação da horta urbana do Pestano, optamos pela entrevista narrativa, essas entrevistas foram centradas em duas perguntas: (a) como que as instituições chegaram até a horta do Pestano e (b) qual o papel destas instituições hoje para a horta urbana do Pestano.

de vida, memórias e vivências através de gravações, essas informações gravadas, na atualidade possuem um valor significativo devido ao peso subjetivo dessas informações.

Um dos fatores mais relevantes da utilização da história oral como metodologia está na possibilidade de validação e visibilidade de outras perspectivas de vida que não estão documentados ou que não são encontradas no formato escrito.

Conforme sinaliza Alberti (2005) essa metodologia já era utilizada em períodos antigos porém, passou a ter maior visibilidade como técnica de pesquisa dentro das “ciências”, principalmente após a segunda guerra mundial.

Naquele período havia um certo desconforto com as técnicas utilizadas, que não se mostravam adequar-se à realidade dos objetos de estudo, esses indivíduos carregados de memórias precisavam ser ouvidos, e as informações coletadas de forma segura, com isso diversas técnicas foram agregadas ao que hoje conhecemos como história oral (ALBERTI, 2005, p. 12); que teve como ganho a visibilidade como instrumento de coleta de dados dentro do campo científico, como afirma Verena Alberti:

Foi impossível também, de certa forma, romper o enclausuramento Acadêmico que transformava a entrevista em simples suporte documental - e duvidoso - da pesquisa social e histórica, para mostrar a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, como poder e o contra poder existentes, e como os processos macro culturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama e interruptor - sempre mal decifrado - que é a história humana. (2005, p. 13)

A intencionalidade de ligar a entrevista à coleta de dados se faz necessária neste caso em específico, pelo fato de não haver outros registros que mensuram a especificidade que esta dissertação busca nas pessoas voluntárias. “A entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: Acontecimentos poucos parecidos ou nunca evocados, experiências pessoais impressões particulares etc. (ALBERTI, 2005, p. 22)”.

A investigação aqui, procura na memória dos voluntários da horta urbana do Pestano, e na sua vivência, as especificidades de quem experiência este espaço produzido e vivido, como afirma Verena afirma:

Mas acreditamos que a principal característica dos documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tem um pouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo sua peculiaridade- e a história oral como um todo- decorre de toda uma postura com relação a história e as configurações socioculturais que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viver é neste sentido que não se pode pensar em História oral sem pensar em biografia e memória (ALBERTI, 2005, p. 23)

Conforme a narrativa, a naturalidade é que a pessoa entrevistada (neste caso os voluntários da horta urbana do Pestano) construa informações; esse processo que retira da memória fatos relevantes simultaneamente acaba por emergir sentimentos e situações que ressignificam a entrevista, o entrevistado e os pontos abordados pela mesma, como confirma Marie Christine Josso:

O que representa um desafio neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, não tomamos consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo passivo segundo as circunstâncias, à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações os desejos e o seu Imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, e a explorar para que surja Um Ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. Transformar a vida socioculturalmente programada, numa obra inédita a construir a construir, guiada por um momento de lucidez, qual é o objeto Central que oferece a transformação da abordagem história de vida (2010, p. 22)

A desacomodação causado pela entrevista, não apenas traz as peculiaridades deste indivíduo, mas regressa com ele as experiências construídas pela interação coletiva. As hortas comunitárias como a própria nomenclatura afirma, são espaços de interação comunitária, coletiva, construída com o esforço de um grupo de pessoas. A união desses fatores também transforma cada um destes indivíduos; de forma distinta cada um compreende esse espaço de convivência de forma diferente. Passeggi, também agrega, afirmando:

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles são habitados, mediante o processo de biografização. (PASSEGGI, SOUZA e VICENTINI, 2001, p.371)

O movimento de pensar em si, no coletivo e nas atividades resultantes dessa conexão de vivências que são trazidos pela experiência da entrevista⁵, posicionam esse indivíduo para um novo patamar, agora de protagonista, o ato de recordar traz um novo sentido, uma mudança de paradigma da sua atuação. Pineau (2006), encaminha que essa aproximação nos faz pensar que aparição contemporânea dos relatos e das histórias de vida possa ser interpretada como indicadora da libertação de

⁵ Pineau (2006, p.338-339) encaminha que essa aproximação nos faz pensar que aparição contemporânea dos relatos e das histórias de vida possa ser interpretada como indicadora da libertação de um segundo limiar da modernidade biológica, de uma revolução bioética e biopolítica, remetendo aos indivíduos o encargo de construir sentido com suas vidas. (2006, p. 338-339)

um segundo limiar da modernidade biológica, de uma revolução bioética e biopolítica, remetendo aos indivíduos o encargo de construir sentido com suas vidas.

Ciente da complexidade da história oral como metodologia, existem diferentes gêneros da história oral que surgem com intuito de abarcar os diferentes contextos e problemáticas visualizados quando adentramos nessas Histórias de Vida, Meihy e Ribeiro (2011) subdividem a história oral basicamente em quatro instâncias: a história oral de vida, a história oral temática, a história oral testemunhal e por fim, a tradição oral.

Para esta pesquisa dissertativa, se utilizou da metodologia história oral temática como o principal recurso na busca dessas histórias de vida dos cinco voluntários que trabalham e exercem suas funções de produzir alimentos e relações sociais na horta urbana do Pestano.

A principal característica da história oral temática, está na organização dos questionamentos, das memórias e dos relatos a partir de um tema norteador, que relaciona e perpassa toda estrutura de memória, de construção dos relatos das lembranças. Como explana Ichikawa e Santos:

Na história oral temática há maior objetividade: a partir de um assunto específico e preestabelecido, busca-se o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido. Ela tem características bem diferentes da história oral de vida, pois detalhes da vida pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central. (2003, p.02)

A história oral temática aqui organiza os percalços dessas narrativas através de um tema único, no caso em específico desta pesquisa o tema norteador que perpassa todos os relatos, é a horta urbana do pestano e o movimento de produção de alimentos.

2 PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA URBANA

A produção urbana de alimentos sempre esteve atrelada durante muito tempo e em diversas sociedades ao cotidiano do espaço das cidades (MACHADO, 2002; RIBEIRO, 2015). A partir do advento do processo de industrialização e a explosão urbana houve um distanciamento dessa sociedade mais urbana de hábitos¹ como a produção de alimentos (RIBEIRO, 2015. p.02).

Diante do contexto social múltiplo das áreas urbanas dos municípios brasileiros, observa-se o retorno dessas práticas como alternativas à desigualdade social costumeiramente relacionada a este cotidiano do Brasil.

Esse panorama específico, com altos índices de desigualdade social nas cidades, condiciona o desenvolvimento de alternativas, criadas na intenção de superar a realidade desigual que muitas famílias se encontram (RIBEIRO, 2015, p. 73) principalmente quando estão relacionados à alimentação, saúde, meio ambiente e geração de renda.

Portanto, a agricultura urbana volta a alterar a paisagem das cidades e a fomentar a sobrevivência desses hábitos próximos de uma cultura rural², formando assim, pequenos espaços de ruralidade.

No Brasil, a temática da Agricultura Urbana e Periurbana deve ser compreendida dentro do cenário das mudanças da sociedade contemporânea em que se destacam o fenômeno da globalização, o avanço das tecnologias da informação, a estruturação de um sistema agroalimentar com forte repercussão nos hábitos alimentares. (RIBEIRO, 2015. p73)

Pensar a respeito da dimensão que a agricultura urbana desencadeia sobre a realidade da cidade³, nos desafia a compreender essas práticas. A agricultura urbana e periurbana, pode ser compreendida sobre diversas lentes, e teoricamente há muito subsídio, porém, cabe recortar os processos que desencadeiam o surgimento dessas iniciativas.

¹ Segundo William (2011, p241); Santos (2012, p.44); Porto-Gonçalves (2017, p.19 - 20) Com o advento da industrialização e paralelamente a monetarização da vida humana, as estruturas sociais sofreram importantes alterações, aos poucos as pessoas foram se acostumando ao imediatismo, o perfil de consumo neste caso se distanciava do anterior regido por tempos mais lentos.

² As características do mundo rural são estabelecidas basicamente por outros laços sociais atrelados ao tempo da produção ou seja está condicionado naturalmente ao tempo mais lento das plantas, estações do ano e fazes lunares, neste espaço o ser humano ainda mantém controle sobre o seu tempo específico de necessidades e produções.

³ Segundo Carlos, Ana Fani (2007, p.11), a cidade, enquanto construção humana, é um produto histórico social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações

Apesar da condição de coexistência ao desenvolvimento das cidades, a agricultura urbana e agricultura periurbana⁴, ainda não possuem de forma categórica critérios fixos que categorizem essas práticas (MACHADO, 2002), o conceito torna-se amplo se analisarmos especificamente cada um dos seus impactos, sejam eles sociais, culturais, territoriais e ambientais.

A FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) lançou em 2017 uma publicação onde estabelece alguns critérios que categorizam as diferentes modalidades de agricultura urbana, porém para a realidade dos países “em desenvolvimento”, onde a agricultura urbana está associada à superação de desigualdades sociais e acesso à soberania alimentar.

Em outras instituições como US-EPA (United States Environmental Protection Agency / Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos), se entende que a agricultura urbana e periurbana e suas diferentes ramificações ultrapassam a operacionalidade social do fenômeno nos países em desenvolvimento e tomam em territórios norte-americanos outra conjuntura, ligada à reconexão ao sentido de comunidade e sustentabilidade, como afirma a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos: “Em todo o país, as comunidades estão adotando o uso da agricultura urbana e hortas comunitárias para a revitalização do bairro” (Tradução livre. US-EPA, 2011.p.01).

No Brasil (duas) instituições estatais estabelecem normas que definem a agricultura urbana. A EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e o MDS (Ministério do Desenvolvimento Social) construíram de forma separada materiais teóricos e cartilhas explicando a dinâmica da agricultura urbana, estabelecendo características e funcionalidades do fenômeno.

Para estas instituições, produzir alimento em áreas urbanas no Brasil está predominantemente ligado a diversos fatores, como, a busca da soberania alimentar, a alternativa à baixa renda e ao desemprego.

Vemos que, a alarmante desigualdade social das cidades, outro fator que não é descartado é a ocupação da cidade por seus moradores, ou seja espaços ociosos que antes estariam expostos a sujeira, doenças e criminalidade podem através dessas iniciativas trazer ao meio urbano a sensação de segurança e acesso a práticas sustentáveis, como insere Machado: “A limpeza dessas áreas e sua utilização para plantio e outras formas de produção proporcionam melhoria considerável ao ambiente local, diminuindo a proliferação de vetores das principais doenças [...]”(2002. p.10).

⁴ A agricultura urbana e agricultura periurbana como o próprio nome já determina, são atividades de plantio, de pequeno e médio porte, destinadas a produção, consumo e comercialização destes alimentos produzidos. As áreas urbanas e periurbanas são delimitadas pelos municípios, segundo IBGE (2017, p.11) as áreas urbanas são caracterizadas na atualidade como as ocupações densas do município em comparação ao total de sua população, as áreas periurbana por outro lado é a zona de transição entre a área rural e urbana.

Inúmeros organismos internacionais e instituições vinculadas ao governo, estabeleceram normativas de acordo com a complexidade das diferentes sociedades e conjunturas econômicas, porém, há teóricos que somam a essas realidades outras funções e definições da agricultura urbana e agricultura periurbana, em 1999 o biólogo Luc J.A. Mongeot publicou um estudo intitulado “Agricultura Urbana: definições, potenciais e riscos, e desafios políticos” (de tradução livre) neste estudo ele declara que a complexidade do fenômeno e sua ligação à subjetividade da sociedade e dos indivíduos é uma característica primordial e não apenas suas ‘nuances’ econômicas e sociais.

Muitas das definições mais usuais do que vem a ser a “agricultura urbana” desprezam uma característica crítica que a faz ser realmente “urbana”. A agricultura urbana é diferente da agricultura rural (e complementar a ela) justamente por que ela está integrada no sistema econômico e ecológico urbano. A não ser que essa dimensão seja melhor compreendida e tornada operacional, o conceito continuará sendo pouco útil no enfrentamento científico, tecnológico e político. (MONGEOT, 1999. p.01)

Com base nas informações do estudo de Mongeot, foram estabelecidos critérios importantes para compreendermos a complexidade das manifestações da agricultura urbana e periurbana (Quadro 3).

Quadro 3 – Dinâmicas Espaciais da Agricultura Urbana

Agricultura Urbana						
Localização	Produção	Função	Mercado	Propriedade	Organização	Objetivo
Urbana Peri-urbana	Policultura Animais Agroflorestal Fitoterápicos	Multifuncional Climática Sustentabilidade Biodiversidade Inclusão Social Saúde Educação Lazer Saber Popular	Local Círculos curtos	Publica Privada Comunitária Ocupada	Individual Publica Coletiva	Comercial Autoconsumo Educação Lazer

Fonte: Mongeot. 1999. Elaborado pelo autor.

Neste sentido, para construirmos estruturas e definições de agricultura urbana temos que observar onde as iniciativas se manifestam, se em áreas urbanas ou periurbanas, quais as categorias de produção, que podem ser dedicados desde à policultura até a produção de plantas medicinais, além das funções e da escala de sua atuação, conforme podemos analisar no quadro 3.

No que diz respeito aos critérios de identidade da agricultura urbana e periurbana, é necessário atentar-se a outro aspecto como a propriedade onde há produção, se está em um local privado, público, comunitário entre outros; qual sua produção; se a organização desta iniciativa é individual, pública e/ou coletiva além do objetivo de existência da mesma que pode estar contido em educar, produzir ou garantir o lazer dos seus participantes. Cada uma dessas características compõe um tipo diferente de agricultura urbana, como podemos analisar no quadro 4.

Quadro 4 – Diferentes Aspectos da Agricultura Urbana

Tipos de manifestação da Agricultura urbana / periurbana				
Tipo AUP	Propriedade	Produção	Gestão	Finalidade
Horta Urbana	Pública	Horticultura Agrofloresta A. Domésticos	Pública (Ex: Município)	Lazer, Educação, autoconsumo
Horta Residencial	Privada	Horticultura, A domésticos, Plantas fitoterápica	Individual	Autoconsumo
Ocupação	Ocupada	Horticultura, Agrofloresta A. Domésticos Plantas fitoterápica	Coletiva	Autoconsumo, lazer e educação.
Horta Comunitária	Comunitária	Horticultura, Agrofloresta, A. Domésticos	Coletiva	Autoconsumo, lazer e educação.
Horta Medicinal	Pública Privada	Plantas fitoterápica	Coletiva Individual	Lazer
Horta Escolar	Pública Privada	Horticultura	Coletiva	Educação

Fonte: Mongeot, 1999. Elaborado pelo autor.

Conjuntamente aos critérios que definem o que seria a agricultura urbana é pertinente pensar a respeito da dimensão que a iniciativa desencadeia sobre a realidade da cidade, com isso cabe resgatar autores que colaboraram para compreensão dos agentes da manifestação de diferentes fenômenos sobre “a cidade”.

Iniciativas como a agricultura urbana pode ser compreendidas sob o olhar de diversos teóricos, porém, neste escrito o recorte se dará em quatro linhas de pensamento específicas, na busca de auxiliar na compreensão do funcionamento e da dinâmica de construção de territórios compreendidos como alternativos.

Compreendendo a existência e coexistência de diversos fatores que influenciam a dinâmica das sociedades, o que inclui o município de Pelotas-RS e de forma específica

a horta do Pestano, e tendo como objeto de leitura a partir dos voluntários, optou-se por dividir essas esferas em:

- 1) Cidade: Centro das transformações e contradições
- 2) A esfera coletiva e a resistência dos saberes marginalizados
- 3) O indivíduo e a construção de outras formas de existir
- 4) Educação Geográfica: uma lente interpretativa

A conexão destes autores, utilizados nestas quatro linhas reflexivas é pertinente para ligar essas teorias sobre a complexidade dos espaços sociais produzidos pelos diferentes grupos humanos ali estabelecidos, mediante suas necessidades e conflitos sociais.

2.1 Cidade: Centro das Transformações e Contradições

Explanar sobre agricultura urbana sem atentar-se também às nuances das áreas urbanizadas, torna essa reflexão uma redução dos reais conflitos existentes na cidade, conflitos potencializados com o advento da industrialização e sua cultura, e ainda existentes na sociedade moderna, o filósofo Henri Lefebvre, se ateu em pensar a respeito das contradições presentes na cidade e as problemáticas geradoras desse conflito.

As observações referentes às cidades e suas dinâmicas não podem ser desassociadas do processo de industrialização, segundo Lefebvre (2001), o advento das indústrias é o potencializador das transformações das sociedades, os percalços que hoje estrangulam a sociedade moderna só podem ser compreendidos por completo, incluindo esse recorte de transformação.

Para apresentar expor problemática Urbana, impõe-se um ponto de partida: O processo de industrialização. Sem possibilidade de contestação, esse processo é, há um século e meio, o motor das transformações na sociedade. Se distinguirmos o indutor e o induzido, pode se dizer que processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade Urbana, sem omitir a crescente importância dos lares das questões relativas à cultura. (LEFEBVRE, 2001. p.11)

Ao destacar essa informação, compreende-se então parte da construção de nossa sociedade moderna, e a cristalização dos pilares que formam a cultura calcada na industrialização, que paralelamente busca normatizar uma forma de pensamento e cultura, como afirma Heloísa Nogueira: “A ordem capitalística fabrica a relação do

homem com o mundo e consigo mesmo, a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o corpo, com a alimentação, com a ideia de tempo presente, com o passado e com o futuro (1997, p.02)".

O processo de normatização das culturas ditas "rudimentares" ou "marginais" irrompe em conflitos, expondo a contradição das sociedades urbanizadas. A verdadeira face do urbano moderno está nas diferenças, James Araújo complementa: "Onde há contradições na/da cidade irrompe o urbano pleno de sentido porque é o negativo da dispersão e da segregação! O pensamento formal presente, sobretudo, no planejamento de cidades, nega a crise e tenta minimizá-la a uma condição marginal (2012. p.136)".

Afirmativamente essa face carregada de conflitos socioculturais, fomentou nas cidades uma estrutura de segregação, longe dos centros urbanos. Nas periferias sobrevivem outras formas de viver, sejam elas vulneráveis socialmente ou culturalmente distantes do viver urbano moderno, se formaram ilhas de ruralidade e outros saberes esmagados pela cultura urbana moderna atrelado ao hábito de consumo (LEFEBVRE, 2001. p.20).

Araújo (2012) ressalta o crescente risco de rompimento desse tecido a partir da segregação territorial.

O que pesa sobre nossa cotidianidade, o consumo dirigido, é corolário da ideologia do crescimento econômico e esta ideologia obsessiva marca a fase de mundialização do capitalismo industrial e, conseqüentemente, da cidade industrial. Contudo, os limites dessa fase de crescimento econômico há muito apontam no horizonte, seja pela crise ecológica sem precedentes, seja pela crise da cidade conduzida pela segregação socioespacial que, dentre outras coisas, conduz a uma alarmante violência, traduzida geralmente como desordem (ARAÚJO, 2012. p.139)

As possibilidades de surgimento de novas formas de habitar esse meio urbanizado está contido em uma ótica de direito a cidade, em que esses diferentes rostos buscam a luz da suas vivências alternativas dentro deste espaço de múltiplas possibilidades, a tentativa de fugir a essa normativa é um ato revolucionário⁵.

2.2 A Esfera Coletiva e a Resistência dos Saberes Marginalizados

Somado às ideias anteriormente mencionadas pode-se concluir que nas áreas urbanizadas, o que inclui grande parte dos municípios do Brasil, a realidade encontrada é a da diferença, essas heterogeneidades podem ser raciais, culturais, sociais e de outras numerosas formas de distinção.

⁵ Araújo (2012) elucida que o ato de habitar é uma condição revolucionária porque é capaz de se opor dialeticamente ao movimento de homogeneização do capital, mas habitar não se resume apenas a ter uma moradia, afinal, trata-se do direito à cidade no sentido político mais profundo possível.

Boaventura de Souza Santos expõe a importância de visibilizar esses saberes muitas vezes marginalizados por estarem distantes da compreensão academicista e formal, ele comenta: “Nós precisamos de outras formas de conhecimento, porque o conhecimento eurocêntrico (não apenas esse conhecimento mas as outras ciências), esse conhecimento foi construído para não valorizar essas outras experiências (SANTOS, 2012)”

Segundo o pensamento do autor existem outras formas de ver o mundo, de viver o mundo e construí-lo, essas outras formas são concebidas por uma cosmovisão distante do olhar eurocêntrico⁶ presente na lente das sociedades ditas modernas e urbanizadas.

Para conhecermos essas outras visões de mundo é interessante removermos essas lentes que encobrem a compreensão de outras realidades e outras possibilidades de ocupação, desenvolvimento e essas possibilidades só podem ser concretizadas com uma justiça cognitiva global (SANTOS, 2007. p.77).

As epistemologias do sul, conforme o próprio autor intitula, são justamente essas outras formas de ver, ocupar e desenvolver ciência, essas formas são distintas ao eurocentrismo e ao mesmo tempo diferentes entre si, pois representam as múltiplas possibilidades humanas de desenvolvimento, conforme a citação de Souza Santos:

O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (2007. p.85).

A existência de outras epistemologias podem ser exemplificadas pelo surgimento de outras formas de ocupar e resistir, esses territórios são alternativos ao modo de viver e desenvolver das sociedades modernas, urbanizadas e coexistem ao modelo hegemônico atual numa relação linear, porém, de invisibilidade e marginalização.

As “sociologias ausentes” devido a essa característica excludente da sociedade atual que não pode ver e perceber a existência de outras formas e, com isso possibilidades, a citação Boaventura de S. Santos, reafirma que: “A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido

⁶ Porto-Gonçalves (2017, p.51); Santos (2012, p.120) elucidam que o pensamento hegemônico que é imposto pelas conjunturas capitalistas e monetarizantes, impõem um único saber como o ideal e adequado as civilizações humanas na atualidade, este saber único advém das filosofias europeias dominantes que excluem e marginalizam outras epistemologias, esse eurocentrismo centraliza a produção de saberes ao mesmo tempo que exclui outras formas de pensar pela desnaturalização destes.

como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível (2007.p.79)”.
Neste sentido a agricultura urbana ou ainda partes pertencentes a essa forma de produção nas áreas urbanizadas podem ser compreendidas como outra forma de ocupar, com saberes específicos de outra ciência pertencente a uma pluralidade de saberes.

A manifestação desses saberes também é uma forma de resistência e sobrevivência dessas técnicas e cosmovisões que não devem ser vistas como excludentes em si, mas coexistentes.

Na ecologia de saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica. Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que têm se tornado visíveis por meio das epistemologias feministas e pós-coloniais, e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não-científicos. (SANTOS, 2007. p.88)

Observa-se que esses saberes invisíveis aos olhos dos grupos hegemônicos e com isso pelas sociedades modernas, existem e transformam de maneira silenciosa o espaço urbanizado.

A transformação desse “espaço” se dá pela manifestação das suas epistemologias, saberes e necessidades coletivas e, principalmente individuais, como afirma Santos: “A ecologia de saberes é ao mesmo tempo, constituída por sujeitos desestabilizadores — individuais ou coletivos — e constitutiva deles. (SANTOS, 2007. p.93). Com isso, vê-se que os esforços de desestabilização dessa estrutura que silencia e inviabiliza parte do coletivo e de indivíduos cheios de saberes próprios construídos a partir de outras realidades e situações.

2.3 O indivíduo e a construção de outras formas de existir

Pensando num espaço coletivo carregado de contradições e conflitos causados pelo caos dessa diversidade. Conclui-se que neste espaço aqui mencionado “a cidade”, não apenas vivem os coletivos e a soma de seus saberes, mas também vivem indivíduos e suas experiências individuais, formadas através desse embate múltiplo de trocas de vivências e desigualdades (NOGUEIRA, 1997, p.01).

A problemática persistente como já se observou, está quando esses saberes que vivem fora da diagramação hegemônica (NOGUEIRA, 1997. p.02) são dominados ou no caso invisibilizados, como também afirma Maffesoli:

Dominar, controlar, possuir, se retomamos as ocorrências cartesianas, constituem, desde então, o inconsciente coletivo moderno. Aliás se poderia dizer “burguesa”, tanto se encontra no capitalismo e no socialismo. O denominador comum de tudo isso é que tudo (natureza e social) se torna manipulável, manobrável.(2017, p.05)

Paralelamente a este processo excludente há diversas formas e modalidades de resistência e persistência às investidas que marginalizam esse saber. Rogério Haesbaert, elucida justamente este ponto, em que o indivíduo através do processo de resistência cria núcleos de desenvolvimento e sobrevivência a uma cultura que “mercadorisa” a vida na sociedade urbanizada, esses territórios alternativos⁷ surgem desse processo, como aponta Haesbaert:

As formas de manipulação do espaço, parece claro, não jogam apenas um papel decisivo para a realização das estratégias político-econômicas dominantes. Elas podem corresponder também à base para a formulação de propostas minoritárias de convivência social e a um referencial indispensável para a articulação e/ou preservação de identidades coletivas diferenciadoras (2006, p.14).

A construção desses territórios alternativos só se faz possível com esses processos de resistência que permite a continuidade e construção de outras formas de saber, distantes de padrões socialmente naturalizados, como diz Nogueira:

O que caracteriza um processo de singularização é que ele seja automodelador: que ele capte os elementos da situação - quer ocorra com o indivíduo ou com o grupo -, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas independentemente dos constructos do poder global. (1997. p.02).

Através desses ensaios emancipatórios (ensaios, pois não há uma libertação por completa dessa cultura urbana, há a coexistência) surgem iniciativas que destoam da paisagem urbana, essas ilhas com aspectos próprios são construídas da soma das subjetividades excluídas (NOGUEIRA, 1997. p.02), esse novo aspecto carregado de anseios emancipatórios é revolucionário

Ao lado de uma geopolítica global das grandes corporações brotam “micropolíticas” capazes de forjar resistências menores – mas não menos relevantes -, em que territórios alternativos tentam impor sua própria ordem, ainda minoritária e anárquica, é verdade, mas talvez por isso mesmo embrião de uma nova forma de ordenação territorial que começa a ser gestada (Haesbaert, 2006. p.15).

Nesse sentido, tendo em vista o surgimento de muitas iniciativas de diferentes formas, a agricultura urbana pode ser caracterizada como umas delas, que surgem em

⁷ Haesbaert (2006 p.15) teoriza que os territórios alternativos são espaços sociais criados com a finalidade de superação coletiva de obstáculos sociais resultantes do processo de marginalização e exclusão social.

movimento adverso ao proposto pela sociedade urbana. Uma iniciativa que se propõe a ser uma alternativa ao desemprego, exclusão social, soberania alimentar e resistência desse saber popular excluído.

2.4 Educação Geográfica: Uma Lente Interpretativa

Com o propósito de auxiliar na compreensão dessa realidade e atuar de forma crítica e construtiva, analisar essas iniciativas do ponto de vista educacional e não apenas restrito a uma condição de conflito social, nos remeteria a outro patamar de problematização.

A educação geográfica adentra como um de diversos recursos que nos abrem a interpretar a realidade que nos cerca socialmente, e que, de alguma forma torna esse espaço vivido e ocupado complexo. Essas práticas espaciais traduzem grande parte dos percalços que desencadeiam o desenvolvimento de iniciativas como a horta urbana do Pestano.

A BNCC, dispõe à Educação Geográfica essas funções, dentro dos aspectos do ensino, onde cada um destes indivíduos carregados de vivências e realidades distintas podem de acordo com sua bagagem, somado às práticas escolares, visualizarem essa realidade social e 'natural' de forma crítica.

A utilização de pressupostos formais como a Base Nacional Comum Curricular ocorre para se pensar possibilidades de educação informal, já que a educação geográfica ultrapassa as fronteiras da educação informal, contribuindo para se pensar novas possibilidades do ensino de Geografia a partir da educação geográfica.

Tal abordagem, possibilita a construção de sujeitos, cidadãos capazes de interpretar essas diferentes escalas presentes neste espaço geográfico e altera-lo conforme suas condições, necessidades e olhares de mundo.

a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (BNCC, 2019, p. 359)

Os olhares se direcionados a essas iniciativas como a horta urbana do Pestano, com lentes focadas ao ensino, para além das janelas e portas das escolas, encontrarão um solo fértil, em que muito de suas práticas dialogará com os preceitos da educação geográfica, como a sustentabilidade, a emancipação, o olhar crítico sobre as diferentes manifestações que nos afetam como pessoas, cidadãs, mulheres e outras concepções de olhar e ocupar o mundo, como complementa Nogueira e Carneiro:

Essa perspectiva de cidadania, na formação da consciência espacial- cidadã, exige ainda dos sujeitos envolvidos uma atitude reflexiva - olhar para si na relação com o outro e com o entorno sócio-cultural, vendo-se como agente construtor de uma visão mais justa, mais solidária e democrática (2009. p.26).

Nesses espaços, em que a presença de outra linguagem se diferencia dos hábitos e comportamentos do coletivo urbano é observável a práticas de outras formas de viver, com outros costumes e trejeitos, distanciando-se do comportamento urbano naturalizado e mais próximo de algo próprio ou alternativo, sem amarras e possivelmente invisível ou incompreensível para algumas epistemologias.

Nessa perspectiva, pertencer a um espaço, ser cidadão nele, implica pertinência sócio-cognitiva, no sentido de saber-pensar o espaço de vivência, onde o sujeito vive suas experiências de mundo. Quantos são privados desse exercício, quando apenas copiam repetem, reproduzem? Quantos são levados à alienação no e com o espaço, quando não o explicam, não o apreendem, não o compreendem? A cidadania que se constrói em um lugar físico, também se constrói em um lugar político, no jogo de poderes e em um lugar afetivo, de pertencimento, considerando-se aí o direito e o dever de refletir, pensar, interagir intelectualmente sobre esse espaço-lugar, portanto, o espaço do cidadão, além do aspecto físico e social, assume aspectos intelectivos e afetivos, em sentido de uma cidadania pensante, crítica, criativa no espaço habitado e apropriado. (NOGUEIRA, CARNEIRO, 2009 p.27)

Com isso, podemos destacar a importância de adentrarmos nesse campo prático, em que essas ideias emancipatórias presentes no ideário da Educação Geográfica, podem ser observadas de perto e possivelmente tais práticas saem do campo teórico tomando forma e, principalmente formando núcleos de coexistência, resistindo e a partir disto construindo alternativas às desventuras encontradas em um ambiente urbano contraditório.

Essas diferentes formas de manifestação nos dizem muito sobre suas escalas de atuação e as dimensões nos quais estão inseridas, como afirma Moreira “[. . .].podemos dizer que a geografia é um discurso teórico universal que combina a escala mais simples das coisas singulares da percepção à mais abstrata e complexa da totalidade do conceito, embutindo em sua estrutura desde as práticas espaciais e seus saberes até o pensamento abstrato que é o domínio da ciência. (2010, p. 48)“.

Neste sentido quando abordamos essas iniciativas como a horta urbana do Pestano, também de maneira indireta a relacionamos a essas problemáticas de construções da sociedade na totalidade. São as práticas espaciais, carregadas de desigualdades, contradições e subjetividades que fundamentam o surgimento da complexidade espacial das sociedades humanas, Moreira ainda agrega com a citação:

A diversidade cultural e ambiental do planeta faz do processo de seletividade uma tensão permanente entre unidade e diversidade, transformando a locali-

zação seletiva em uma distribuição múltipla e, conseqüentemente, o habitat em um arranjo espacial plural (MOREIRA, 2010, p17).

Com isso podemos observar que a diversidade proporciona a criação de diferentes realidades, dimensões e escalas, todos esses aspectos da vida nas civilizações humanas geram contradições e da contradição surgem novas concepções espaciais⁸. Essas novas concepções nada mais são que novos arranjos, frutos dessa percepção da realidade e do poder de transformação da mesma.

A partir das leituras da BNCC e outros teóricos da educação Geográfica, podemos atestar que grande parte dos conceitos teóricos trazidos por estas referências vão ao encontro de diversas atividades realizadas na horta urbana do Pestano.

Salienta-se, com isso, que a iniciativa horta urbana do Pestano também é um espaço de prática da educação Geográfica, conforme a síntese das habilidades presentes na 'Base Nacional Comum Curricular - BNCC', podemos evidenciar que as atividades ali realizadas podem ser consideradas outra lente interpretativa dos conceitos educacionais da Geografia.

Relacionando às práticas realizadas neste espaço onde se produz alimento e relações sociais, no caso a horta urbana do Pestano, com a primeira unidade temática da BNCC da Geografia para os anos finais do ensino fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos), podemos evidenciar a conexão deste conjunto curricular às práticas realizadas na horta urbana do Pestano.

A BNCC, pontua diferentes critérios embasado em conceitos específicos de cada campo de conhecimento científico para escolas de ensino fundamental.

A Geografia, para o ensino fundamental estabelece unidades temáticas com objetivos de gerar 'habilidades', essas habilidades estão no cerne dos objetivos da educação geográfica.

Para este estudo, cabe ressaltar os anos finais e suas diferentes habilidades na unidade temática "**O sujeito e o seu lugar no Mundo**" presente do Quadro 5, para interligar com as diferentes atividades relatadas nas entrevistas que são vividas e realizadas na horta urbana do Pestano.

Observando as unidades temáticas presentes na Base Nacional Comum Curricular apresentada no quadros 05, é evidente a diversidades de características que envolvem a Educação Geográfica nas escolas, o que nos faz refletir sobre seus impactos fora dos muros dessas instituições, o que nos encaminha a buscar conexões entre essas unidades temáticas e as práticas realizadas na horta urbana do Pestano.

⁸ Segundo Moreira (2017), A mobilidade de homens e mulheres, jovens e idosos, plantas e animais, produtos e capitais, é a resposta (não a solução, necessariamente) para as tensões, contradições e regulações do espaço

Quadro 5 – Habilidades da Unidade Temática 'O Sujeito e o Seus Lugar no Mundo'

Ano de Ensino	Habilidades
1º Ano	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares. - Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares.
2º Ano	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive. - Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças. Riscos e cuidados nos meios de transporte e de comunicação. - Comparar diferentes meios de transporte e de comunicação, indicando o seu papel na conexão entre lugares, e discutir os riscos para a vida e para o ambiente e seu uso responsável.
3º Ano	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo. - Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens. - Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.
4º Ano	<ul style="list-style-type: none"> - Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira. - Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. - Distinguir funções e papéis dos órgãos do poder público municipal e canais de participação social na gestão do Município, incluindo a Câmara de Vereadores e Conselhos Municipais.
5º Ano	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura. - Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.

3 O CASO DA HORTA URBANA DO PESTANO

O município de Pelotas no sudeste do Rio Grande do Sul, assim como os outros municípios brasileiros possuem dentro dos seus limites espaciais uma diversidade cultural, racial, regional e também social.

Pelotas é dividida em nove distritos (Figura 4) , essas porções distritais são carregadas de peculiaridades que vão desde a ocupação por imigrantes alemães, franceses, portugueses entre outros, dentro desses limites também há colonos quilombolas, comunidades indígenas, todos esses indivíduos de alguma forma estão carregados de histórias, vivências e diferentes formas de habitar e construir o seu espaço social, essa problemática não seria diferente nesta porção de Pelotas que é objeto de estudo desta pesquisa.

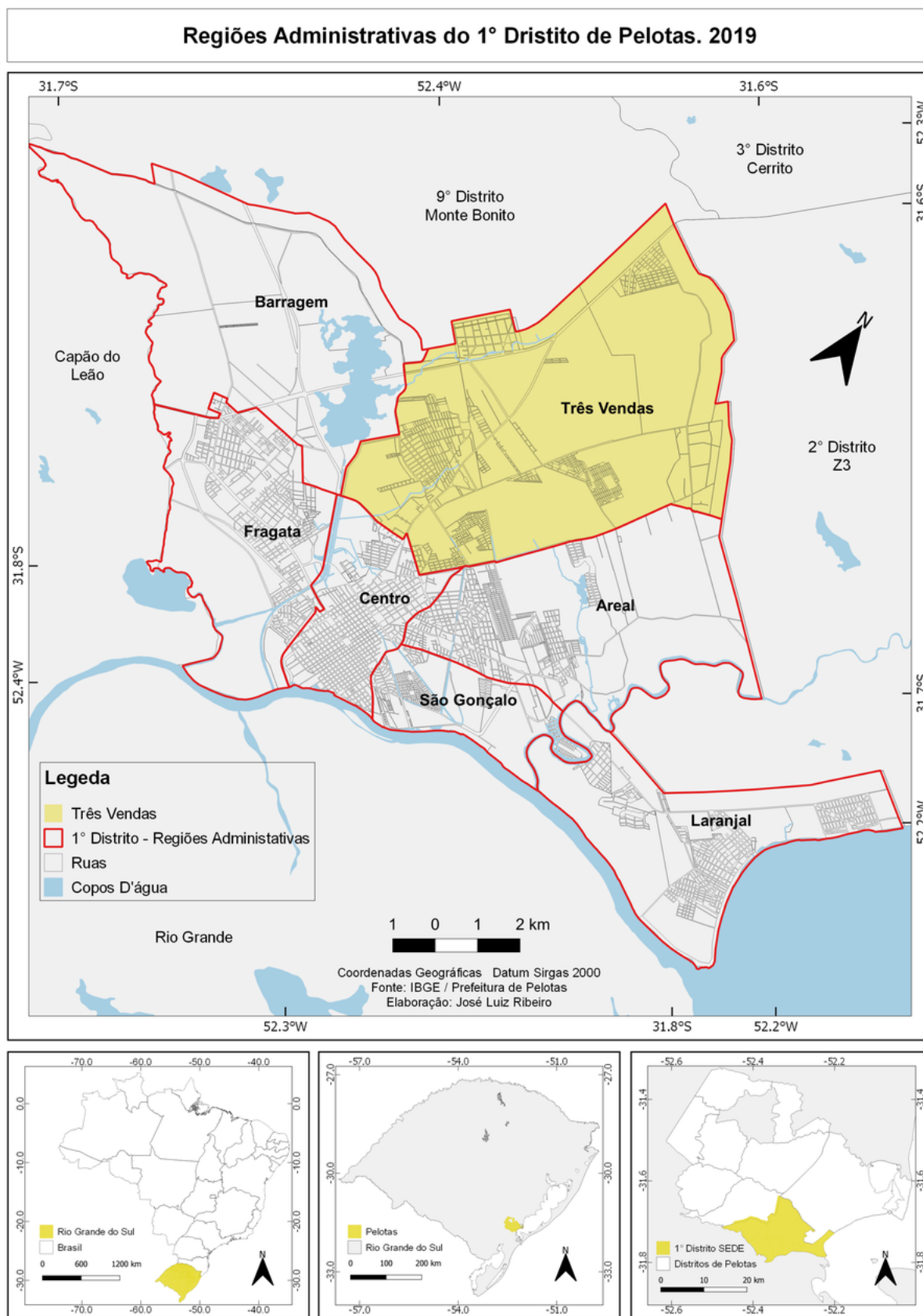
Figura 4 – Espacialização dos Distritos de Pelotas



Fonte: IBGE / Prefeitura de Pelotas 2019. Elaborado pelo autor

De uma forma específica a horta urbana do Bairro Pestano assim como o seu próprio nome evidência, fica situada na região do Pestano, seus residentes denominam o Pestano como um bairro, porém, de acordo com o plano diretor municipal de Pelotas, a área urbana da mesma é dividida em regiões administrativas ou bairros, a porção que cabe ao Pestano fica situada na região norte da área urbana de Pelotas mais conhecido como bairro Três Vendas (Figura 5), este mesmo bairro é subdividido em microrregiões uma dessas regiões é o Pestano.

Figura 5 – Regiões Administrativas de Pelotas - Destaque Três Vendas . 2019



Fonte: IBGE / Prefeitura de Pelotas. Elaborado pelo autor.

Por isso quando nos referimos ao Pestano como bairro neste estudo estamos seguindo um raciocínio local não apenas dos residentes daquela área mas também dos moradores de Pelotas na forma como denominam suas regiões, mesmo que estas determinações não estejam de acordo com a formalidade decretada pelas suas instituições oficiais.

3.1 As Dinâmicas Espaciais da Horta do Pestano

Como anteriormente explicado a região do Pestano é uma microrregião pertencente ao bairro Três Vendas, concomitantemente o bairro Três Vendas se junta as grandes áreas administrativas do primeiro distrito de Pelotas (figura 8).

O primeiro distrito de Pelotas, é responsável por grande parte das movimentações culturais, sociais e econômicas do município, não que as outras regiões administrativas não possuem tais características, mas, é no primeiro distrito que o município de Pelotas experimenta os traços de uma vida urbana mais próxima dos grandes centros, como, a verticalização urbana, a intensa circulação de pessoas, a movimentação de bens e serviços, além de outras características que dão a essa porção de Pelotas feições urbanas, assim como outras cidades ocidentais e urbanas, salvo especificidades locais.

Redirecionando as atenções ao Pestano, podemos caracterizá-lo como uma região com muitas oportunidades, ali é observado uma desatenção por parte das instituições municipais, essa conclusão pode ser evidenciada quando fazemos visitas ao bairro, é muito comum as ruas não terem asfalto, o esgoto estar a céu aberto, as ruas não terem calçada, como podemos verificar nas figura 6 e 7, entre outras características muito familiares a outras periferias do Rio Grande do Sul.

Figura 6 – Ruas Quatro e Dez no Pestano



Fonte: Streetview/Google - 2011. Na figura, das esquerda podemos visualizar a rua quatro, a direita a rua dez, nota-se as ruas sem asfalto e com esgoto a céu aberto.

Essas características de uma forma geral constituem fisicamente as “Vilas” como são chamadas as favelas no Rio Grande do Sul, este aspecto estruturalmente escasso conversa com diferentes estudos teóricos que denunciam a invisibilidade que esses indivíduos carregados de saberes, histórias e vivências ricas e específicas sofrem, por serem pobres.

Figura 7 – Ruas catorze e Vinte no Pestano



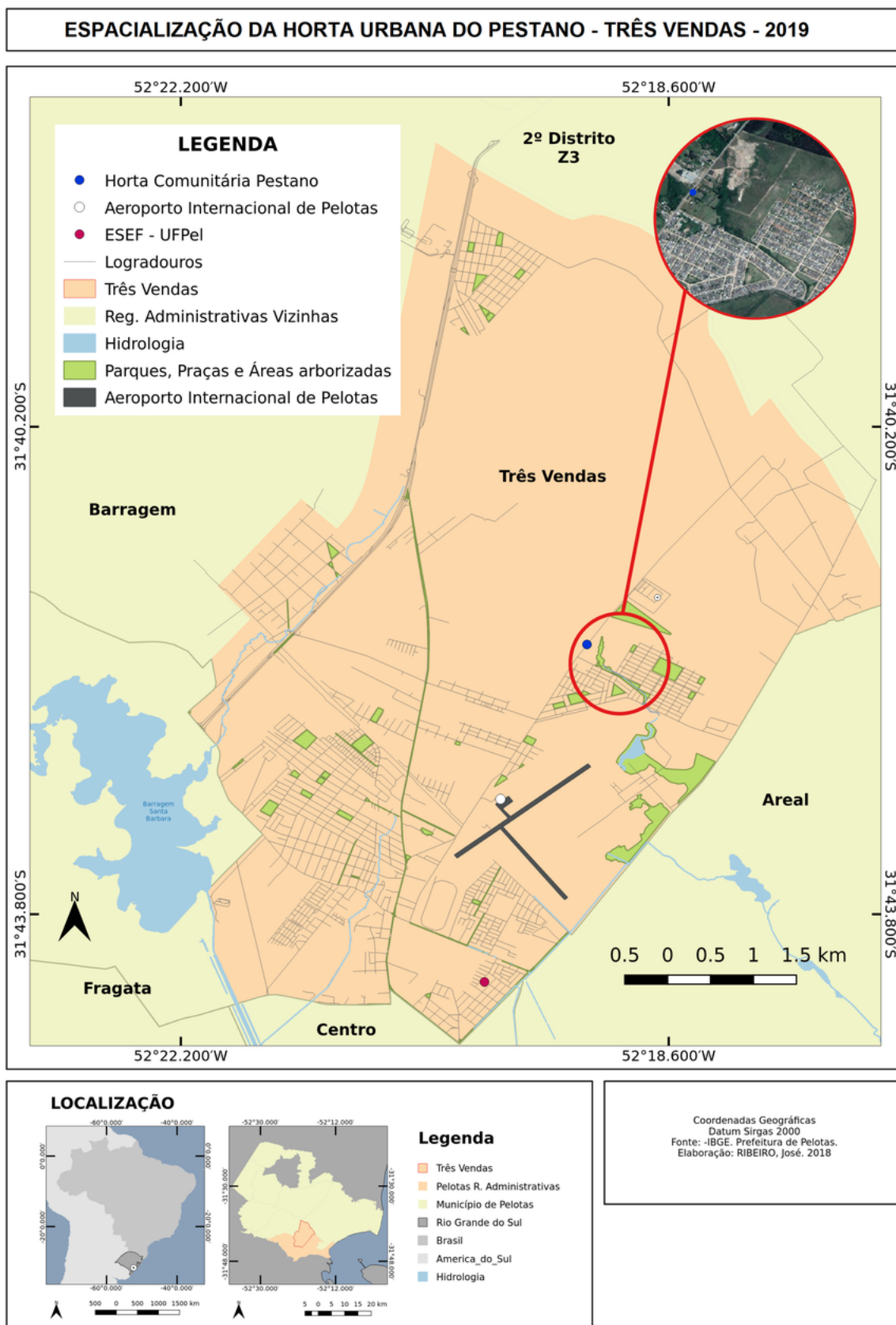
Fonte: Streetview/Google - 2011. Na figura, a esquerda a rua Catorze e a direita a rua Vinte. Nota-se a presença de animais domesticados e a inexistência de redes de esgoto.

A pobreza neste caso justifica o processo de marginalização dessas pessoas, onde devido à sua condição social, permanecem às margens da sociedade urbana e com isso carecem de serviços essenciais, implicando em seus processos de desenvolvimento.

Essas implicações da mesma forma que são obstáculos visíveis ao processo de desenvolvimento das pessoas que moram na periferia, não evitam a condição desses indivíduos de criarem mecanismos de superação dessas dificuldades. Possivelmente há um conjunto de instrumentos nos quais essas pessoas se apropriam para a superação desses obstáculos.

As hortas urbanas de alguma forma, fazem parte, de uma iniciativa entre várias atividades que podem ser exemplo destes mecanismos usados por esses indivíduos na superação dessas dificuldades, que podem ser inúmeras como a dificuldade do acesso à terra, a soberania alimentar, o complemento da renda entre outras.

Figura 8 – Horta do Pestano no bairro Três Vendas - 2019



Fonte: IBGE / Prefeitura de Pelotas. Elaborado pelo autor.

4 ANÁLISES PRELIMINARES

Para compreender melhor quais movimentos que esses indivíduos utilizam para superar esses obstáculos nos quais cada um é submetido de acordo com as suas vivências, foi proposto um diálogo onde cada um desses voluntários puderam falar um pouco da sua história de vida atrelada a horta urbana do Pestano, a partir dessas informações pode-se compreender o porquê da existência dessa iniciativa no Pestano.

O desenvolvimento da iniciativa horta urbana do Pestano está diretamente ligado ao Colégio Sinodal Alfredo Simon (Figura 9). Na década de sessenta, três paróquias pertencentes à comunidade Luterana (Paróquia São João; Paróquia Três Vendas e Paróquia Trindade), tomaram a frente e visualizaram a necessidade de criação de um colégio, esse movimento é resultante do alto volume de migrantes, que em sua maioria eram luteranos vindouros das zonas rurais do sudeste do Rio Grande do Sul.

Figura 9 – Entrada do Colégio Sinodal Alfredo Simon



Fonte: Colégio Simon Sinodal.

As primeiras intenções eram de criação de um colégio agrícola, justamente para abarcar a realidade das pessoas migrantes que estavam aportando principalmente na zona norte de Pelotas. Com isso havia a necessidade de um espaço amplo para as atividades agrícolas propostas pelo colégio e assistência social à comunidade. A atual propriedade onde hoje é a horta do Pestano, é fruto de um acordo entre essas paróquias mantenedoras e a Prefeitura de Pelotas, para a construção e desenvolvimento de projetos de assistência social à comunidade no Três Vendas

1963, quando foi fundado, e aí então, se iniciou dentro desse início do colégio se buscava também um espaço, pra atividades então de agricultura, dos alunos e o espaço também que o que as igrejas pudessem utilizar como o Centro Comunitário, E aí se consegui através da prefeitura a doação daquele terreno lá no Pestano, que antes não existia o bairro, só plantação como os fundadores costumam dizer, era só plantação de arroz, e aí como se conseguir aqueles nove hectares de lá, né, nessa com a formalidade, de sempre utilizar

para educação ou para área assistencial né, então, esse viés né a gente sempre, sempre seguiu, então, aconteceram por parte da igreja e por parte do colégio diversos projetos assistenciais, então tem formalizado lá no local o Centro Comunitário Bom Pastor e dentro desse centro comunitário metade do espaço é utilizado com uma horta Comunitária (Relato, Volnei Matias Filho).

Anos mais tarde o colégio alterou sua vocação agrícola para assistencialista, onde atua como suporte educacional na região do Três Vendas, com isso as práticas agrícolas na propriedade foram finalizadas, ressurgindo anos mais tarde com o projeto hortas urbanas, idealizado por um dos moradores do Pestano (Francisco), ligado à comunidade Luterana em Parceria com o Colégio Sinodal Alfredo Simon e o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), com as funções de atender à comunidade do Pestano e dar utilidade a essa propriedade antes improdutiva.

No período atual além do funcionamento da horta urbana do Pestano, que está voltado a atender a comunidade com a parceria entre os moradores do Pestano. Há ainda o funcionamento do Centro Comunitário Bom Pastor mantido na mesma propriedade onde se encontra a horta urbana do Pestano (Figura 10).

Figura 10 – Horta Urbana Pestano e Centro Comunitário



Fonte: Googleearth.com - 2018. Na figura podemos ver o Centro Comunitário Bom Pastor destacado pelo círculo amarelo e a propriedade da horta urbana do Pestano, destacada pela linha laranja. Na parte superior da figura pode ser visualizado grandes propriedades e a parte inferior da imagem a porção densa das residências do Pestano.

4.1 Perfil dos Voluntários

A horta urbana do Pestano já contou com 22 famílias ao todo no início da construção da iniciativa, atualmente cinco voluntários trabalham naquele espaço, produzindo, comercializando e consumindo estes itens, fruto de seus esforços.

O perfil predominante das cinco pessoas pesquisadas é do aposentado, das cinco pessoas voluntárias na horta quatro estão aposentados e utilizando da produção da horta como um complemento de renda ou amenização dos impactos inflacionários que atingem com mais pressão àqueles pouco remunerados.

A característica religiosa também é predominante neste grupo, já que três dos cinco voluntários são adeptos da religião Luterana. Durante seus relatos são evidentes a participação da congregação luterana na construção da horta e nos dias atuais através do centro educacional Bom Pastor, que fica ao lado da horta e tem como objetivo prestar assistência sócio e educacional à comunidade do Pestano.

A característica rural também é marcante quando visitamos cada um os voluntários, dos cinco pesquisados quatro nasceram e cresceram no interior de Pelotas e nas áreas rurais dos municípios vizinhos, sendo que apenas um nasceu em na área urbana de Pelotas.

4.2 Itens Produzidos na Horta do Pestano

A pequena propriedade com pouco mais de nove hectares, difere do adjetivo “pequeno” quando mensuramos o que é produzido. Ali na horta, o primeiro aspecto que detectamos é de um ambiente projetado, que utiliza o mínimo de espaço, definitivamente cada espaço da propriedade possui alguma árvore, arbusto, grama, hortaliças, semestres entre outras diversas espécies. Todo seu espaço é dedicado a produção e proteção da terra.

Figura 11 – Porteira Aberta da Horta do Pestano



Fonte: Registrado do autor. Na figura, vemos a porteira aberta da horta urbana do Pestano as margens da avenida Zeferino Costa.

Segundo o relato dos voluntários, a propriedade produz uma considerável quantidade de itens, que passam das hortaliças à criação de animais domesticados. O controle da produção é feito integralmente por todos os voluntários.

Esses pequenos ou micro produtores, em pouco espaço de propriedade conseguem produzir grande parte dos seus itens de consumo, como podemos visualizar através das figuras subsequentes.

Figura 12 – Parte Interna da horta



Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem visualizamos diferentes culturas como hortaliças e pés de aipim. Ao fundo avenida Zeferino Costa, bairro Três Vendas. 2019

Figura 13 – Parte interna da horta.



Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem podemos ver as culturas produzidas ao fundo a avenida Zeferino Costa, bairro Três Vendas. 2019

Cada pessoa, interessada em participar da iniciativa, recebe um espaço para sua produção, essas pessoas podem ter acesso ao maquinário que é comunitário, toda

a produção é de responsabilidade de quem produz assim como o lucro gerado pela comercialização que também é movimentada por que produz, os gastos com insumos e sementes também é comunitário.

Figura 14 – Área de produção de hortaliças



Fonte: Registrado pelo autor. Ao fundo vemos além das culturas produzidas, a estufa, com as funções de proteger as culturas sensíveis aos efeitos da geada,além das crianças, moradores da comunidade do Pestano em um dia de curso sobre "Pacs"promovido pelo CAPA.

Figura 15 – Área de produção de hortaliças



Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem, estufa e as diferentes culturas produzidas na horta urbana do Pestano. 2019

Segundo o relato dos voluntários, as produções da horta são condicionadas ao período de cada cultura, ou seja, de janeiro a janeiro não são produzido os mesmos itens, já que as interferências climáticas são decisivas para o sucesso da produção.

Figura 16 – Culturas Produzidas,

Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem, parte da produção de hortícolas, como alface e couve.

Figura 17 – Culturas Produzidas

Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem da esquerda para a direita vemos a produção de aipim, milho e cebolinhas em Fevereiro de 2019

Na propriedade, as principais culturas que marcam os olhos quando adentramos na horta do Pestano são as hortaliças, porém, não são as únicas. Neste espaço há uma variedade importante de árvores frutíferas, que também produzem seus frutos e grande parte foi plantada pelos voluntários.

Figura 18 – Árvores Frutíferas



Fonte: Registrado pelo autor. Na foto, parte da produção de frutas da horta urbana do Pestano, da esquerda para a direita vemos Caquis, Macacujas e Pitangas.

Figura 19 – Árvores e Frutas



Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem, da esquerda para a direita vemos as culturas de Laranja, Figo e Abacaxi.

Figura 20 – Diferentes Culturas de Árvores Frutíferas

Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem, da esquerda para a direita vemos Oliveira, Bananeira e Ibisco.

Figura 21 – Itens produzidos pelos voluntários

Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem, da esquerda para a direita, vemos produção de Tomates, Pimentões e Morangos.

Na propriedade, há também a criação de animais domesticados como galinhas, patos, gansos, codornas, coelhos, vaca, boi e alguns peixes como 'traíras' e carpas. A princípio, as aves são destinadas à produção de ovos apenas, assim como a vaca e boi para o auxílio no arado da terra, para consumo até então, são destinados os peixes, ovos.

Figura 22 – Criação de animais domesticados

Fonte: Registrdo pelo autor. Na imagem, da esquerda para a direita, criação de galinhas, patos e vaca.

Há também a presença de silvicultura e Araucárias, segundo relato dos voluntários o plantio das árvores se deu a dez anos, no início da construção da iniciativa, junto com o plantio das árvores frutíferas. Esse movimento era para a delimitação da propriedade da horta do Pestano, além do amortecimento das correntes de ar, recorrentes na região.

Figura 23 – Silvicultura e Araucárias

Fonte: Registrado pelo autor. Na imagem, vemos silviculturas e araucárias

4.3 Rota de Comercialização e Consumo dos Produtos

Um dos objetivos iniciais da horta urbana do Pestano, conforme relatado pelos voluntários, estava justamente na comunicação desta atividade com a comunidade

local. Inicialmente seus objetivos eram de dar suporte às necessidades dos voluntários, a partir dos itens produzidos, dos auxílios prestados pelo CAPA e do apoio do Centro Comunitário Bom Pastor.

Com o avanço da produção destas culturas, houve abertura de espaço para a comercialização, o que traria emancipação financeira da horta, já que a partir disto o apoio financeiro de outras instituições para os insumos da horta do Pestano não era mais necessário.

A partir dos relatos, é verificado que grande parte dos consumidores dos produtos da horta do Pestano são direcionados primeiramente aos familiares dos voluntários, os vizinhos e pessoas próximas as residências destes voluntários são o segundo grupo de consumidores e por fim o local do Colégio Sinodal também serve como ponto de comercialização em períodos de feira.

No mapa representado (Figura 24) podemos visualizar o alcance espacial dos produtos da horta urbana do Pestano. Podemos verificar primeiramente que o consumo da produção da horta está presente de forma mais significativa no Pestano, porém também se faz presente através das paróquias mantenedoras (pontos rosas) e o Colégio Sinodal (ponto amarelado).

Figura 24 – Especialização do comércio dos itens produzidos na Horta Urbana do Pestano



Fonte: IBGE / Googleearth.com. 2018. Elaborado pelo autor. Na figura, podemos ver em destaque o percurso de comercialização dos itens produzidos na horta urbana do Pestano.

5 AS HISTÓRIAS ORAIS E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS

Considerando que estávamos diante de muitas informações, já que cada indivíduo possui especificidades relativas a sua história de vida de uma forma geral, utilizamos cinco perguntas centrais que modelaram o andamento de suas narrativas, como o objeto de estudo desta pesquisa é a horta urbana do Pestano, utilizarmos a horta como tema central das narrativas.

A intencionalidade de utilizar cinco perguntas centrais está justamente na curiosidade em saber como que a horta urbana do Pestano se estabelece diante do intercâmbio desses saberes específicos já que estamos lidando com voluntários, suas diferentes histórias de vida e expectativas a respeito deste espaço que coletivamente é construído.

Neste sentido foram construídas questões que visavam expor os diferentes contextos de cada um dos voluntários, ao mesmo tempo, que poderíamos associá-las às problemáticas contidas nas habilidades das unidades temáticas da BNCC para Geografia, além de dar visibilidade ao dinamismo de iniciativas como a horta urbana do Pestano para a realidade das áreas urbanas.

O primeiro questionamento, '**O que fazia antes de ser voluntário na horta comunitária Pestano?**', é direcionado a introduzirmos esses diferentes contextos a este escrito, mostrando a diversidade social dos voluntários da horta urbana do Pestano.

Como podemos constatar a partir das respostas dos voluntários, grande parte destes já vivenciaram uma rotina de trabalho antes de iniciar os seus projetos dentro da horta urbana. Sendo que, dois desses voluntários, trabalhavam na cidade, exerciam funções ligadas à indústria e ao comércio. Já às duas voluntárias, nos informaram que trabalhavam em casa e em casas de terceiros, trabalhavam como empregadas domésticas ou cuidadoras do lar.

Antes eu era, eu trabalhava na cidade, primeiro eu trabalhava na colônia, eu era "coloneiro" da colônia, aí depois que eu trabalhei na cidade, aí depois eu me aposentei, aí eu gosto de trabalhar na horta, gosto de mexer na terra, aí eu voltei pra terra, porquê eu goste de passar tempo na terra, plantando (E01)

Antes eu era servente, Servente da firma, aí da "frente", São Marcos, quebrei o braço ali, me aposentei. (E02)

Eu ficava em casa e estava sem emprego, e eu gostei me criei na lavoura, e gostei de trabalhar. (E03)

Eu plantava essa horta aqui! [. . .]: Antes daqui eu plantava nas terras lá da dona Landa, plantava lá (E05)

O quarto entrevistado além de trabalhar na indústria do município de Pelotas, antes de se dedicar a horta do Pestano já realizava um projeto similar ao que e trabalha

atualmente, o que demonstra o seu interesse pessoal em dar continuidade ao projeto que hoje ele realiza junto com outros voluntários.

[...] eu executei e por vezes também coordenei um trabalho de uma horta que se chamava Granja Municipal de Pelotas, hoje existe a are com o mesmo nome, mais ela não funciona mais como anteriormente. (E04)

A busca por essa informação de origem laboral dos voluntários, é significativa por que nos faz compreender que eles possuem origens de trabalho diferentes, exerciam funções distintas no mundo do trabalho, mesmo assim constroem de forma coletiva um espaço próprio que de alguma forma lhes é significativo. O que nos remete ao pensamento de que tais valores construídos e que resistem a um ordenamento naturalizador, são frutos de um movimento de resistência, como afirma Santos:

Aqui são as relações de proximidade que avultam, esse é o domínio da flexibilidade tropical com a adaptabilidade extrema do atores, uma adaptabilidade endógena. A cada movimento novo, há um novo reequilíbrio em favor da sociedade local e regulado por ela. (2012. p.146)

Podemo associar esses relatos que nos falam sobre a coexistência de diferentes contextos de vida às habilidades encontradas nas unidades temáticas da BNCC, onde podemos encontrar o enunciado: “Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças. (BNCC, 2019, p. 373), onde podemos reconhecer uma prática da educação geográfica neste espaço.

A forma como esses voluntários chegaram a horta urbana também é importante, pois, nos leva aos caminhos de informação percorridos até os esses indivíduos que hoje são voluntários. O que nos direciona ao segundo questionamento, '**Como conheceu a horta?**'.

É, eu moro logo ali a diante, aí sempre eu via, esse, o “chico”, muito, nós já éramos amigos, nós trabalhávamos juntos, nas fabricas, vendendo picolé e nós já nos conhecíamos. Aí um dia eu vim aqui e ele me convidou pra participar da horta aqui e plantar, com eu gostava da terra e vim pra trabalhar com ele, eu trabalho aqui na horta, cuidando a horta, aí eu vim pra cá. (E01)

Ah eu sempre... eu trabalhava aqui na frente, aí antes de eu pegar aqui já tinha alguns outros conhecidos que plantavam aqui [...]. (E02)

Ah, isso era gente conhecida, a gente se conhecia aqui, a gente já morava a muitos anos aqui. (E03)

Bem, Comecei a trabalhar em uma escola, chamada na época era colégio, Escola de primeiro e segundo grau Reverendo Alfredo Simon na época, hoje ela é Colégio Sinodal Alfredo Simon[...], Bem, aí vindo morar aqui e observei, que, tinha muita gente aqui no Pestana que é oriundo da zona rural, e aí eu comecei a plantar árvores frutíferas meus canteiros de hortaliças e o pessoal começou a bater na porteira e perguntar se tinha hortaliças para vender, e aí

eu tive a ideia, porque é um bairro muito pobre, de conversar com a direção e propor para eles, até pra manter melhor a área, “vamos fazer uma horta Comunitária em sociedade com a população” e o pessoal abraçou a causa[. . .] (E04)

Eu conheci ela, que tavam falando ali na igreja, na comunidade, que tavam precisando de gente pra plantar lá, aí fiquei meia, ligada já, eu disse ó, vou perguntar pro Francisco como é que funciona (E05)

Através desses relatos podemos verificar que a principal corrente de informação que torna a horta visível para aqueles que não são voluntários se dá a partir daqueles que já estão participando, ou seja, os vínculos de amizade são os principais portadores de informação dessa iniciativa. Em segunda instância temos a comunidade religiosa como outra porta por onde as pessoas acabam por saber da existência da horta.

Observamos aqui que existem laços sociais e afetivos que ligam o processo de busca desses voluntariados. Inicialmente de acordo com as narrativas, um pequeno grupo de amigos iniciou o que hoje é a horta urbana do Pestano, atualmente a busca por voluntariados ou sua seleção também se dá da mesma forma.

Através dos laços de amizade construídos pela vivência na comunidade social local e religiosa irrompe uma construção social e afetiva desprendida das relações apegadas à materialidade monetária, Santos (2012. p.148) explica: ‘O ponto de partida para pensar alternativas seria, então, a prática da vida e da existência de todos’, a partir disso refletimos que o apego a essa afetividade é um instrumento relevante para a construção e fortalecimento da iniciativa horta urbana do Pestano.

Esses relatos podem ser conectados também às habilidades presentes nas unidades temáticas da BNCC, onde é explanado sobre a importância dos movimentos internos na comunidade: “Descrever a história das migrações do bairro ou comunidade em que vive”; “Identificar os lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo”. (2019, p. 373)

Essas informações dos caminhos de comunicação da horta também são relevantes para pensarmos e refletirmos sobre a terceira pergunta, pois, são esses laços de amizade, que nos fazem compreender a relevância da iniciativa para aqueles que trabalham nela.

Apesar de a horta urbana do Pestano ser composta por pessoas com históricos de vida diferentes, com origens de nascimento distantes, com realidades distintas entre eles, as respostas sobre a permanência na horta é composta por pontos de conexão, como podemos evidenciar a partir de suas narrativas. O terceiro questionamento ‘**Por que trabalhar na horta até os dia de hoje?**’ Nos auxilia a compreender as motivações que os mantêm no laboro da horta urbana do Pestano.

Porque eu gosto! É perto da minha casa e gosto[. . .] É, porque distrai a gente,

porque ficar em casa, sentado, olhando televisão, coisas disso aí, eu não me interessava nada, eu gosto de estar mexendo na terra, plantando, colhendo, isso aí é o que eu gosto de fazer. (E01)

ah. . . Porque eu gosto também né, eu pego meus biquinhos por for a aí mas a maioria do meu tempo é trabalhando aqui na horta, eu trabalho um pouquinho de “servente”, agora mesmo eu tava trabalhando num colégio, trabalhei acho que uns cinco dias n colégio, fazendo limpeza, o chico ia podando árvore, eu ia juntando, botando lá no lixo, cortando grama, o chico ia cortando eu ia juntando. (E02).

Ahh. . . A gente tem que ter amizade pro resto da vida! Isso que eu to dizendo, eles são pra mim, até o “guri” também, até hoje em dia onde ele está ele me cumprimenta, eles também, e eu também, tudo que eles fizeram por mim também, quando eu estava em uma situação difícil, quando eu fui. . . estava na horta, tudo que aconteceu entre mim com a minha família, aqui em casa, como eles me acolheram, eu não nunca posso esquecer deles, nunca na minha vida, eu vou virar as costas pra eles, nunca, nem eles pra mim, e eu também não posso pra eles. (E03).

ó, umas das coisas assim ó, eu sou um dos Defensores da causa, de assim, de variedade na mesa, né, e acredito assim que as hortaliças, verduras, legumes são saudáveis para o organismo e que é possível tu colher hortaliças sem utilização de veneno, então assim ó, e também gosto de ver a satisfação das pessoas porque, tu trabalhando aqui ó, visitando como tu tens feito agora, tu vai conversar com eles tu vai observar aquele brilho nos olhos das pessoas, quando tu plantou um milho, quando tu plantou uma batata, tu plantou um alface e aí te perguntam: “ Como é que tá? E aí tu fica alegre e a outra pessoa consegue observar em ti aquela alegria assim no teus olhos Entende” então, é esse tipo de coisa que me faz permanecer aqui. (E04)

Uma porque eu gosto de mexer na terra, me criei assim, dez, onze anos eu já mexia na terra, gosto, gosto, é bom porque dá uma renda a mais, um “dindin” a mais, e quando as plantas são assim meio ruim, aí dá até pra desacorçoar, aí quando muda o clima de novo, aí vamos de novo (risos). (E05)

Podemos verificar que de acordo com as respostas, a principal motivação de permanência dessas pessoas que trabalham como voluntários na horta urbana do Pestano, está contida justamente nos laços de amizade, de alguma forma criou-se ali um espaço social, onde não se compartilha apenas o conhecimento técnico que mantém horta, mas também vínculos afetivos que dão aquele espaço uma relevância a esses voluntários.

Outra justificativa relevante que podemos verificar na leitura dessas histórias é que a proximidade da horta urbana do Pestano das casas desses voluntários também é um motivacional de permanência destes.

Outro fator que também não pode ser negligenciado é que ali, na horta urbana do Pestano, seus voluntários além de produzirem, consumirem e comercializarem esses itens, se apegam a esse espaço numa forma de rememorar e exercitar um saber herdado através de suas origens vindas do Campo.

Seus voluntários veem no espaço da horta uma segunda casa, onde por algum momento eles podem se dedicar a essas funções que também lhes dá prazer.

Neste contexto também podemos inserir conexões desta realidade, exposta pelos relatos e a educação geográfica, como: “Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças. ; Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens” (BNCC, 2019, p. 373 - 375).

O contato com a terra, a espera das primeiras mudas, observação do desenvolvimento das Produções, o diálogo com os outros voluntários, a soma dessas características, segundo os relatos torna a horta uma segunda morada e os voluntários uma segunda família, essas configurações invisíveis tornam a horta urbana do peão um espaço de resistência pelos laços construídos ali.

O que nos liga ao quarto questionamento ‘ **Qual a importância da horta comunitária na sua rotina?** ’ , que está relacionado a intimidade de cada voluntário, já que é significativo compreendermos o impacto que o tempo dedicado a horta possui para cada um desses indivíduos, além de nos revelar outras justificativas que afetam suas decisões em participarem da horta como voluntários.

É, é uma planta que não tem veneno, não tem nada, que a gente colhe, é uma planta que só... não leva nada de veneno, nada, nada. [...] ah! o tempo, é um tempo maravilhoso, por que a gente nem sente quando passa o tempo. (E01)

Ó! Pra mim é bom tchê! Pra mim é bom, faz bem pra saúde, faz bem pra saúde do cara né, e o cara ventila a cabeça, não fica aí... que nem esses meus colegas que eu citei, não fica aí tomando canha na vila, bagunçando aqui com pessoal né, eu tenho aqui... eu venho... quando eu não tô trabalhando no colégio eu venho aqui oito horas, oito horas agora no verão já estou aqui, tenho meus cantero, tenho minhas ferramentas, o barbudo tem a dele, oito hora eu to aqui, o barbudo vem mais tarde, aí no verão a fresquinho ta fresquinho eu venho cedo, pra mim é uma boa, bom pra saúde, e bom pra mente com se diz né cara... Bom pra saúde e bom pra mente. (E02)

[...] eu comecei com um canteirinho, pouquinho coisa, melhorei, como a gente se criou na lavoura né, na colônia, e eu aqui em casa ficava parada, e eu não podia ficar parada, e melhorei, e comecei a trabalhar, minha vida, minha saúde, melhorou tudo... foi tudo... foi muito importante pra mim, é foi muito importante pra mim[...] (E03)

É, o que eu acabei de te falar! Satisfação pessoal, né, tu, é como, tu chega cansado mentalmente, um ambiente desses aqui, me serve como uma terapia. Me motiva a pensar projetos e coisas assim, tu assimila bem melhora isso, tem se eu for enumerar mil coisas assim, se eu precisar de um, uma hortaliça fresquinha, pra uma refeição minha eu vou ali e consigo com eles, né, compro deles, e alguma coisa também eu planto. (E04)

Em primeiro lugar faz bem pra mim não ta em casa, em compensação voltar pra casa, não dá, muito estresse, em primeiro lugar aparece a depressão, que eu não gosto, quero sair fora dela, tenho que fazer alguma coisa, ai eu faço essas coisas aí [...] então eu vou ter que me ocupar mais ainda (risos), por causa que eu fico sozinha aqui a noite. (E05)

Quando nos voltamos novamente a analisar as respostas dos voluntários a respeito do questionamento, atestamos que a horta como uma iniciativa construída pelos voluntários afeta as suas rotinas.

Ao dedicar parte do seu tempo a essas atividades os voluntários indiretamente constroem um espaço de conforto e refúgio, ali são manifestados sentimentos e ações que para eles possuem um alto valor subjetivo a não apenas monetário.

Podemos direcionar este dialogo à habilidade “Selecionar seus lugares de vivência e suas histórias familiares u/ou comunidade, elementos de distintas culturas[. . .] valorizando o que é próprio em cada uma delas [. . .]”. (2019, p. 375)

Algumas narrativas falam sobre os produtos sem agrotóxico, outros falam a respeito de não estar em casa, outro voluntário falou a respeito dos laços de amizade e ainda outro falou da problemática da depressão. De alguma forma, a horta urbana do Pestano se caracteriza não apenas como um espaço de resistência, mas também como um local de refúgio para problemas específicos internos e familiares de cada um desses indivíduos. O que também nos encaminha a refletir sobre as perspectivas destas pessoas a respeito da horta urbana do Pestano.

Visualizando o histórico destas narrativas tensionada pelos questionamentos a respeito da horta do Pestano, vemos como é importante esse espaço para esses participantes, constatamos com a leitura destas histórias orais que a horta já faz parte da rotina e afeta de forma direta a vida daqueles que ali trabalham.

Quando esses indivíduos falam de suas perspectivas sobre essa iniciativa também podemos ficar atentos com futuro de outras iniciativas, nos remetendo ao último questionamento: ‘ **O que espera do futuro sendo voluntário na horta?** ’, o que nos leva a refletir sobre as condicionalidades que essas pessoas humildes, simples, de periferia então interligadas.

Olha! meu futuro aqui na horta é. enquanto eu “tiver” saúde, tiver força, é trabalhar aqui, porque aqui eu me sinto bem, e colhendo umas plantinhas e aqui que eu me sinto “melhorado”. (E01)

É, eu pra mim, eu. . . eu pra mim ta bom né cara, ta bom a hortinha, tem melhorado e vai melhorar mais um pouco né cara, como se diz né, acho que vai vir até mais gente mas um future bom. Eu ganho meu salário fixo, sou aposentado né cara, aqui eu ganho em ajudar o pessoal e manter a minha família, como se diz né cara. (E02)

Olha, muitas vezes e agora eu estou pensando, eu sinto muita falta das plantações da horta mas eu não tenho mais condições de trabalhar, eu preciso caminhar, a sair assim, mas eu não tenho condições mais. . . mas eu nunca na minha vida iria abandonar se eu tivesse saúde, se eu tivesse saúde eu estaria hoje em dia lá na horta. Só que eu não tenho essa saúde e o coração também. (E03)

Olha tche! Eu, até mesmo, como, tu estás me fazendo uma entrevista, que pessoas como tu, teu órgão de ensino divulgue esse tipo de trabalho para que isso aí, se estenda por outros bairros, por outros municípios. (E04)

Ficar na saúde e não ter doença, se eu ficar parada eu acho que a doença entra (risos), a doença entra, eu sei por mim, sei pela minha mãe também, quando a mãe parou de plantar, de criar os bichinhos dela entrou numa depressão que foi até o final da vida, nunca mais deu pra tirar o remédio. (E05)

A partir da leitura do quinto questionamento, podemos nos ater a alguns detalhes revelados por essas narrativas, o primeiro detalhe é que a maioria desses voluntários são aposentados, ou seja, pelas narrativas, não há outra perspectiva de vida desvinculada da horta, esse apego a este espaço é justificado pelos laços afetivos ali construídos.

Esses aspectos subjetivos por mais distintos e próprios de cada um destes voluntários também pode ser conectado à educação geográfica, na descrição: “Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens; Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares”. (BNCC, 2019, p. 375)

Outro ponto interessante, é que as pessoas que ali participam, veem que a sua saúde ou a perspectiva de saúde está diretamente ligada as atividades que eles ali mantêm, como se alimentar dos produtos da horta, respirar a atmosfera daquele ambiente que eles ajudaram a construir é significativo pra eles e é por isso que as suas perspectivas de vida são pensadas conjuntamente as atividades que eles exercem, de forma prazerosa na horta urbana do Pestano.

5.1 Demais contextos levantados

A análise das histórias orais, reveladas pela entrevista realizada com os voluntários da horta do Pestano em Pelotas, trouxe uma gama grande de informações, tais aspectos ultrapassam os objetivos propostos pela pesquisa e contribuem para a construção de novos pensamentos a respeito da vida e particularidades das pessoas que dali constroem parte de suas vidas .

Esses contextos surgiram com a predominância de palavras como: **horta, trabalho, plantar** (uma referencia que os voluntários trazem do meio rural), **aposentadoria, comercialização, voluntários**. Outras palavras não foram mencionadas, mas estão diretamente ligadas à atividade e a suas histórias orais como: **estrutura** (revelada nas entrevistas e visualizada ao visitar a horta), **tempo de produção, ar puro, árvores e agroecologia**, revelando fragilidades e potencialidades da atividade exercida por essas pessoas na horta urbana do Pestano.

5.1.1 Fragilidades

Ao analisar as narrativas, verificamos que um dos empecilhos que prejudicam os voluntários, é a falta de estrutura, no local há sim uma estufa e um pequeno local onde armazenam parte dos insumos, porém, ainda é um espaço precário diante da quantidade e diversidade dos itens produzidos.

Outro fator visível é o decrescente número de voluntários. A horta urbana do Pestano, conforme os relatos, já abarcou mais de vinte duas famílias, todas trabalhando, produzindo e consumindo dos frutos ali produzidos, atualmente o número é de cinco voluntários (cinco famílias beneficiadas).

Uma das justificativas pela baixa procura está em parte da cultura do consumo imediatista, ali na horta o consumo é condicionado ao tempo e época dos itens que são produzidos, esperar o tempo de crescimento da planta, o melhor período para plantio e outras características naturais para aqueles que plantam parece não ser muito convidativo, já que o público que consome e procura seus produtos não possui o mesmo interesse em voluntariar-se e produzir.

Uma das movimentações necessárias para se produzir na horta está em saber manusear os instrumentos e o principal, pôr a mão na terra, essa atitude de sujar-se e exercer o trabalho braçal em um ambiente onde os instrumentos de trabalho são simples, dão a essa iniciativa um aspecto insalubre, afastando possíveis voluntários que podem adquirir os mesmos itens através do supermercado.

Apesar dessas dificuldades fazerem parte dos aspectos visíveis da horta urbana do Pestano ainda há outras características que podem ser consideradas positivas são exemplos de potencialidades que podem inspirar outras iniciativas além de fortalecerem suas próprias práticas.

5.1.2 Potencialidades

Uma das características mais evidentes que percebemos através da iniciativa é a construção de laços afetivos entre os participantes, que apesar de suas origens distintas se apegam as similaridades, construindo ali um espaço de integração coletiva, onde esses diferentes saberes se interligam para o desenvolvimento da iniciativa e superação de suas necessidades.

Com a produção dos diferentes itens pelos voluntários, é evidenciado a importância da iniciativa no complemento de suas rendas, como visualizamos anteriormente os voluntários são em sua maioria aposentada de baixa renda, o ato de produzir ali é de extrema importância quando relacionamos essa prática ao custo de vida.

Um dos aspectos mencionados nos relatos é a produção agroecológica da horta

urbana do Pestano, a não utilização de produtos tóxicos, sementes transgênicas e a parceria com a comunidade do Pestano, constroem um ali um espaço onde podemos visualizar o mínimo de integração saudável entre os voluntários e o que é produzido.

Outro fator relevante é a ressignificação que esses indivíduos dão a espaços e propriedades ociosas dentro das zonas urbanas. Conforme relatado por um dos voluntários, a propriedade onde está inserida a horta era um espaço vazio, ocioso onde não era aproveitado o seu espaço nem para o plantio de árvores.

A mudança das características ambientais deste espaço também é perceptível já que com o início dos trabalhos da iniciativa contida na horta urbana do Pestano foi evidenciado a multiplicação da mancha arbórea neste espaço, como podemos ver comparando as figuras 25 e 26.

Figura 25 – Densidade Arbórea em 2002



Fonte: Googleearth.com. - 2002. Na figura, visualizamos a densidade arbórea na áreas da horta urbana do Pestano. Com destaque a reduzida presença de árvores.

Com auxílio do banco de imagens do 'googleearth.com', onde na busca por imagens antigas, podemos visualizar que no início da iniciativa em 2002 (figura 25), a propriedade onde encontramos a horta urbana do Pestano contava com uma mancha de cobertura arbórea pequena, indo ao encontro dos relatos, que demarcavam a área como com poucas árvores.

A partir da análise das imagens recentes de 2018 (figura 26) podemos concluir que a área que hoje se encontra a horta urbana do Pestano teve um significativo ganho no que diz respeito a mancha arbórea, evidenciando o impacto na paisagem local.

Figura 26 – Densidade Arbórea em 2018



Fonte: Googleearth.com - 2018. Na figura, verificamos a densidade arbórea no ano de 2018 na área já consolidada de ocupação da horta urbana do Pestano

6 CONSIDERAÇÕES

Com base no conjunto de informações reveladas através das histórias orais dos voluntários que participam da horta urbana do Pestano, conjuntamente as informações teóricas e as habilidades das unidades temáticas apresentadas no quadro 05, podemos considerar diversos pontos para dialogar, discutir e refletir a respeito do exemplo da horta urbana do Pestano.

Essas histórias foram importantes, pois, direcionam o diálogo a respeito desses espaços de resistência por diversos meandros. Além dos resultados que obtivemos e que dialogaram com as hipóteses, objetivos e objetivos específicos, essas narrativas também nos fazem pensar a respeito de outras perspectivas e problemáticas que a iniciativa nos revela.

6.1 Resultados Obtidos

Um dos fatores mais importantes que a pesquisa revelou, é que, a horta urbana do Pestano não pode ser considerada comunitária de acordo com o referencial teórico utilizado nesta pesquisa.

O espaço utilizado pelos voluntários, é um território privado, pertencente a uma escola privada e cedido a estes voluntárias, porém, mesmo diante desta característica a horta urbana do Pestano é indiretamente comunitária já que ali são construídos laços de afeto e parcerias que ultrapassam essas barreiras do privado e individual.

Um fator importante que também foi revelado, é que a horta urbana do Pestano é um exemplo de um território de resistência, construído mesmo que de forma indireta para ser um refúgio e exercício do Saber que cada um desses participantes traz consigo, saber esse, construído de acordo com suas vivências, já que todos os participantes possuem raízes no Rural, sendo assim eles conseguem mesmo que indiretamente reproduzir pequenas iniciativas comuns a atividades encontradas com mais afinco em áreas rurais.

A principal característica dos voluntários que participam da horta urbana do Pestano é a característica do aposento, a sua maioria é caracterizada por aposentados, porém são Aposentados de baixa renda, que precisam criar alternativas diante da realidade social que vivem, essas pessoas tem na horta a construção de uma destas iniciativas.

Assim Como em outras iniciativas de agricultura Urbana esplanadas por alguns teóricos, a horta urbana do Pestano tem como uma de suas características a comercialização de seus produtos através de circuitos curtos, ou seja, os itens produzidos ali são consumidos e vendidos principalmente para a comunidade local, sendo assim os

principais beneficiados pela iniciativa são justamente os vizinhos que circundam a propriedade da horta, além, dos moradores, amigos e familiares próximo dos voluntários. Essa característica se mostra relevante, pois permite que esses grupos e comunidades tenham acesso a alimentos saudáveis e diversificados já que sua condição de vulnerabilidade social é um entrave ao acesso de uma alimentação plena.

Por mais que durante a entrevista as cinco questões norteavam as narrativas dos voluntários outras informações surgiam ao passo do diálogo, tais informações são ricas e contribuíram para que pudéssemos compreender outras dinâmicas que perpassam a realidade das atividades da horta urbana do Pestano.

6.2 Conclusão

Como pesquisador, de alguma forma haviam teóricos e pesquisadores específicos que me prendiam a leitura. Autores que falavam sobre a realidade que vivi e das possibilidades que estes “saberes” possuem em alterar a realidade desigual que visualizamos, em algo positivo.

Esta pesquisa me proporcionou a reflexão, ao adentrar na horta urbana do Pestano tive contato com pessoas humildes, simples, gente preta, gente branca, gente mulher, gente homem, um misto de realidades, de rostos e histórias diferentes, mas um item era igual entre todos, a potencialidade das suas vivências e práticas.

Na horta urbana do Pestano, pude experienciar algo que não via a muitos anos, pessoas simples me ensinando sobre a importância da simplicidade, da sujeira da terra, do canto dos pássaros, da sombra das árvores, do calor do sol e da importância do suor no rosto.

A palavra trabalho voltou a ter significado, aliás, ressignificado, trabalho agora é sinônimo de amizade, de parceria, de coletividade. Trabalho agora também é pedir ajuda, é aprender.

Neste sentido, a iniciativa presente na horta urbana do Pestano em uma escala mais generalista não se destaca, porém, ela é visível em outras escalas. É na pequenez de suas ações que as raízes dessa solidariedade se firmam, se fortalecem e alteram essas realidades distantes dos nossos olhos. Realidades essas invisíveis quando estamos cegos pelo consumo do desnecessário e embriagados pelo imediatismo da atualidade.

Quando iniciei minhas pesquisas a respeito, lendo Boaventura de Souza Santos, Carlos Walter, Milton Santos, Rogério Haesbaerth, Levebvre entre outras referências, era comum pensar nos invisibilizados, marginalizados e vulneráveis, mas agora, não mais, hoje vejo que nós estamos cegos, por isso eles são invisíveis, estamos distantes e eles nas margens.

E sobre vulnerabilidade? Todos somos! A diferença é que estes, na horta do Pestano e outras pessoas em outras iniciativas buscam se fortalecer a partir de suas perceptivas de mundo, a partir disso alteram esses espaços, criam novas escalas, conjunturas e é assim que sobrevivem.

Possivelmente, vulneráveis e fracos somos nós que, sucumbimos ao caos de uma realidade que pouco a pouco nos consome, nos adoece e que mantemos pelo vício. Fortes são eles, os voluntários, pobres, periféricos mas fortes, inteligentes e sábios, sabem que mesmo diante dos problemas há inúmeras perspectivas e possibilidades de atenuar essas dificuldades e criar novas condições de viver com qualidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SIMÃO, Ana Margarida Vieira da Veiga. **Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. 329p. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica - Educação
- ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: Histórias Dentro Da História**. In: Pinsky, Carla Bassanezi. Fontes Históricas . São Paulo: Contexto, 2005
- ARAÚJO, James Amorim . **Sobre A Cidade E O Urbano Em Henri Léfèbvre**. Geosp - Espaço E Tempo, São Paulo, No31, Pp. 133 - 142, 2012
- BARBOSA, Bianca Sousa; CARLOS, Lígia Cardoso. As contribuições do PIBID no desenvolvimento profissional dos professores do curso de Geografia na Universidade Federal de Pelotas. X CIDU. Porto Alegre. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2019. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: fev.2019.
- BRASIL, Ministério do desenvolvimento social e combate à fome. **Institui o programa nacional de agricultura urbana e periurbana**. Brasília, 2018.
- CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. **Educação Geográfica, Cidadania e Cidade**. ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017. pp.82-100. Disponível em <<https://revista.ufrb.br>> Acesso em: <Fev. 2019>
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.
- FAO. Cidades para la vida: Agricultura urbana y soberanía em siglo XXI. 1 ed. Caracas: Agujero Negro A.C. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** . coordenado pela universidade aberta do brasil -uab/ufrgs e pelo curso de graduação tecnológica planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da sead/ufrgs. porto alegre: editora da ufrgs, 2009.

HAESBAERTH, Rogério, **Territórios Alternativos**, Contexto, São Paulo. 2002.

IBGE. Instituto de Geografia e Estatística. Dados Georeferenciados.. Rio de Janeiro, 2009.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. dos. Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. Anais. . . Atibaia: ANPAD, 2003.

JOSSO, M.-c. **Experiências de Vida e Formação**. Trad. José Cláudio; Julia Ferreira. São Paulo: Paulus; Natal:Edufrn, 2010.R

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. Henri Lefebvre. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MACHADO, Altair Toledo. **Agricultura Urbana** / Altair Toledo Machado, Cynthia Torres De Toledo Machado. – Planaltina, Df : Embrapa Cerrados, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: Sabedoria Da Casa Comum**. Porto Alegre, V. 24, N. 1, Janeiro, Fevereiro, Março E Abril De 2017.

MEADOWS, A. J. A **Comunicação Científica**. Brasília: Briquet De Lemos, 1999.

MEIHY, José. **Manual da História Oral**. São Paulo.1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOUGEOT, Lja. **For Self-Reliant Cities: Urban Food Production In A Globalizing South**. In: Koc M,Macrae R, Mougeot Lja & Welsh J (eds), For Hunger-Proof Cities: Sustainable Urban Food Systems. Ottawa: 1999, P.11-25.

NOGUEIRA, Heloisa G. **P.A Construção Do Sujeito Em Maffesoli e Guattari**.Homenagem A Michel Maffesoli.Logos Comunicação E Universidade. V. 4, N. 1 . 1997

NOGUEIRA, Valdir. CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Educação Geográfica E Formação Da Consciência Espacial-Cidadã: Contribuições Dos Princípios Geográficos**. Bol. Geogr. Maringá, V. 26/27, N.1, P.25-37, 2008/2009.

PASSEGGI, Maria Da Conceição. **Narrar é Humano! Autobiografar é um Processo Civilizatório**. In: Passeggi; Silva (org.) Invenções De Vidas, Compreensão De Itinerários E Alternativas De Formação . São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. P. 103-130.

PINEAU, Gaston. **S Histórias De Vida Em Formação : Gênese De Uma Corrente De Pesquisa-Ação-Formação Existencial**. Educação E Pesquisa, São Paulo, V.32, N.2, P. 329-343, Maio/Ago. 2006.

PIZZANI, L. Et Al. **A Arte da Pesquisa Bibliográfica na busca do Conhecimento . the Art Of Literature In Search Of Knowledge**. Revista Digital De Biblioteconomia & Ciência Da Informação, V. 10, N. 1, 2012. Disponível Em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/12591>>. Acesso Em: 20 De Julho De 2018

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a Natureza da globalização**. 7 ed. Rio de Janeiro:, Civilização Brasileira, 2017.

RIBEIRO, Silvana Maria . **Agricultura Urbana Agroecológica na Perspectiva da Promoção da Saúde**. Saúde Soc. São Paulo, V.24, N.2, P.730-743, 2015.

SANTOS, Boaventura De Souza. **Para Além do Pensamento Abissal: das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes**. Novos Estudos. 2007, N.79, Pp.71-94

SANTOS, Boaventura De Souza. **Boaventura de Sousa Santos - Epistemologias do Sul**. 2012 (6m32s). Disponível Em <<https://www.youtube.com/watch?v=urgy9h2nvzm>> Acesso Em <20 De Julho De 2018)

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVEIRA, Denise Tolfo ; GERHARDT, Tatiana Engel. **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

U.S. EPA (environmental Protection Agency).(2011)**Exposure Factors Handbook: 2011** Edition. National Center For Environmental Assessment, Washington, Dc; Epa/600/R-09/052f. Disponível Em <<http://www.epa.gov/ncea>> Acessado Em <20 De Julho De 2018>

VALENTE, J. A.; Prado, M. E. B. B.; Almeida, M. E. B. (orgs.). **Educação A Distância Via Internet**. São Paulo: Avercamp, 2003.

Anexos

ANEXOS

E01

Nome: Leceu Nunes

Nascimento: ####. Natural: ####

Endereço: ####.

Profissão atual: Aposentado.

Telefone: ####

Data entrevista: 15 de fevereiro de 2019

Pesquisador: José Ribeiro

José Ribeiro: Bom Dia senhor Leceu, meu nome é José Ribeiro, eu sou estudante da Universidade Federal de Pelotas, e eu pesquiso hortas urbanas e antes eu gostaria de agradecer ao senhor, por me dar essa oportunidade de poder entrevista-lo e poder ouvir um pouco mais da sua história aqui na horta comunitária do bairro Pestano.

Leceu: Uhum. . .

José Ribeiro: Eu quero dizer que as perguntas não são perguntas pessoais, são só perguntas vinculadas à horta urbana mesmo.

Leceu: Sim. . .

José Ribeiro: e essas perguntas elas são pra construir a minha pesquisas a respeito de hortas urbanas ela não tem outra finalidade, a finalidade dela é apenas passar para as pessoas como funciona a horta, como que é a horta, a importância dela dentro da cidade, não só pra cidade mas para as pessoas né.

Leceu: Sim. . .

José Ribeiro: Mas pra isso eu preciso ouvir os voluntário, saber o que os voluntários praticam, vazem nas hortas. . .

Leceu: É. . .

José Ribeiro: Pode falar.

Leceu: A horta a gente planta, por que isso aqui não leva nada de veneno, é horta que é plantada, que a gente planta, assim, a gente já passou do tempo, a gente ta aposentado, então a gente não tem o que fazer, então a gente pega pra plantar e vender assim. porquê não leva nada, nada, nada de veneno. Só leva apenas “estrupe” (interrompeu, exitou em falar mais sobre a fertilização dos alimentos. Isso aí é o que a gente produz aí.

José Ribeiro: Sim, eu tenho cinco perguntas pra fazer. A primeira pergunta é, o que o senhor fazia antes de ser voluntário, aqui nessa horta do bairro Pestano?

Leceu: Antes eu era. . . eu trabalhava na cidade. . . primeiro eu trabalhava na colônia, eu era “coloneiro” da colônia, aí depois que eu trabalhei na cidade, aí depois eu me aposentei, aí eu gosto de trabalhar na horta, gosto de mexer na terra, aí eu voltei pra terra, porquê eu goste de passar tempo na terra, plantando.

José Ribeiro: Qual a colônia que o senhor trabalhava (morava)?

Leceu: Eu morava no Arroio do Padre.

José Ribeiro: Ah sim, Arroio do Padre.

Leceu: Sim eu morava em Arroio do Padre.

José Ribeiro: E depois o senhor saiu de lá da colônia.

Leceu: Aí eu andei trabalhando numas fábricas dentro da cidade, mas, nunca gostei muito de trabalhar dentro da cidade, assim, eu sempre gostei de trabalhar na terra, depois eu me aposentei e eu voltei pra terra de novo.

José Ribeiro: Com quantos anos o senhor começou a trabalhar?

Leceu: Na horta assim, na lavoura, eu comecei, eu tinha 12 anos quando comecei a trabalhar na lavoura, eu plantava, eu trabalhava com os colonos lá e eu trabalhava direto só na terra, isso com 12 anos, aí com 40 anos eu vim pra cidade, com 40 anos e hoje eu estou com 64 anos e gosto muito de mexer com a terra, porquê a terra é a coisa mais importante que a gente tem é mexer na terra e plantar.

José Ribeiro: E como que o senhor a horta aqui do bairro Pestano?

Leceu: É, eu moro logo ali a diante, aí sempre eu via. . . esse..o “chico”, muito, nós já eramos amigos, nós trabalhavamos juntos, nas fabricas, vendendo picolé e nós já nos conhecíamos. Aí um dia eu vim aqui e ele me convidou pra participar da horta aqui e plantar, com eu gostava da terra e vim pra trabalhar com ele, eu trabalho aqui na horta, cuidando a horta, aí eu vim pra cá.

José Ribeiro: Faz muito tempo?

Leceu: É deve fazer. . . já vai fazer uns dois anos.

José Ribeiro: Porquê essa horta aqui já faz um bom tempo. . .

Leceu: Éee, ela está a bastante tempo, o que tempo que é eu não sei, mas eu sei que já faz bastante tempo essa horta.

José Ribeiro:É, e por que trabalhar na horta, nessa horta aqui do bairro pestano até hoje?

Leceu: Porque eu gostoo! É perto da minha casa e gosto.

José Ribeiro: sim. . . sim..mas por que que o senhor gosta daqui?

Leceu: É, porque distrai a gente, porque ficar em casa, sentado, olhando televisão, coisas disso aí, eu não me interesso nada, eu gosto de estar mexendo na terra, plantando, colhendo, isso aí é o que eu gosto de fazer.

José Ribeiro. Sim. . . e qual a diferença do senhor estar em casa e estar aqui?

Leceu: ah..aqui tu distrai, tu passa assim. . . tu parece que renova de novo, em casa tu fica só pensando em conta, pensando em “isso”, pensando. . . e aqui não, aqui o tempo passa, aqui renova a mente da gente.

José Ribeiro: Sim, sim. E qual a importância da horta comunitária na sua rotina?

Leceu: É, é uma planta que não tem veneno, não tem nada, que a gente colhe, é uma planta que só. . . não leva nada de veneno, nada, nada.

José Ribeiro: E o tempo que o senhor dedica, a horta hoje? Quanto do seu tempo você dedica a estar aqui na horta?

Leceu: ah! o tempo, é um tempo maravilhoso, por que a gente nem sente quando passa o tempo.

José: sim..Sim..O senhor sente..

Leceu? Eu sinto prazer de trabalhar, na lavoura, de estar aqui na horta e de estar mexendo na horta, eu sinto prazer de estar dentro da horta,

José Ribeiro: O que o senhor produz aqui nessa horta?

Leceu: ahhh.

José Ribeiro: Por que cada um. . . .

Leceu: é, cada um assim. . . eu planto um pouco de cada coisa. Eu planto um pouco de batata, um pouco de abóbora, planto milho, planto feijão, ahhh. Verduras, tudo isso aí eu planto um pouco de cada coisa.

José Ribeiro: Sim. . .

Leceu: Cebola e um pouco de cada coisa.

José Ribeiro: E isso afetou muito? Por exemplo, o senhor não precisa tanto ir no mercado?

Leceu: É, isso aí! Eu não preciso comprar nada, isso aí eu tenho, pra minha casa e meus filhos só sai da horta

José: Sim. . . Sim. . . Quantos filhos são?

Leceu: São três filhos, todos casados, moram todos no mesmo pátio, e todos são servidos aqui da horta.

José Ribeiro: E é aqui no bairro Pestano mesmo?

Leceu: É no bairro Pestano, tudo é, feijão, legumes, e . . . tudo . . . tudo aqui da horta, não precisa ir no super mercado, isso aí a gente . . . não precisa comprar nada . . . abóbora, essas coisas, não precisa comprar nada.

José Ribeiro: Sim . . . Seu Leceu, essa aqui é a ultima pergunta. O que o senhor espera do futuro, do seu futuro trabalhando aqui na horta?

Leceu: Olha! meu futuro aqui na horta é . . . enquanto eu “tiver” saúde, tiver força, é trabalhar aqui, porque aqui eu me sinto bem, e colhendo umas plantinhas e aqui que eu me sinto “melhorado”.

José Ribeiro: Sim . . . E não é só plantas né? Aqui a hora também tem . . .

Leceu: É, tem mais gente . . .

José Ribeiro: Tem mais pessoas mas também temos árvores frutíferas.

Leceu: É, tem limão, tem laranja, tem um monte de planta . . .

José Ribeiro: E o pessoas do bairro Pestano, eles conhecem essa horta aqui?

Leceu: Conhecem!

José Ribeiro: A maioria dos voluntários aqui vem do bairro Pestano, né?

Leceu: Sim . . .

José Ribeiro: Eu vim aqui num sabádo, eles tiveram curso aqui, algumas pessoas estiveram aqui na horta e eu pensei, qual será o vinculo dessas pessoas do bairro co a horta aqui,?

Leceu: É!

José Ribeiro: Acho que alguns devem conhecer.

Leceu: É, conhecem, conhecem.

José Ribeiro: Bom, essa é a ultima pergunta. Eu queria agradecer pelos seus relatos, Quero dizer que é muito importante ouvi-los, porquê é assim que a gente vai construindo, o que a gente precisa, a respeito da horta.

Leceu: É, muito obrigado!

José Ribeiro: Eu que agradeço!

E02

Nome: Luiz Carlos Ferreira Brizolara

Nascimento: ####. Natural: ####

Endereço: #####.

Profissão atual: Aposentado.

Telefone: #####

Data entrevista: 15 de fevereiro de 2019

Pesquisador: José Ribeiro

José Ribeiro: Bom Dia, senhor Luiz Carlos Brizolara, antes eu quero agradecer pela oportunidade de aceitar ser entrevistado, meu nome é José Ribeiro eu estudo as hortas urbanas já a um bom tempo. Então, pra mim, é um prazer vir aqui e ser aceito, para ouvir um pouquinho da sua história aqui na horta comunitária do bairro pestano, que não tem nome né?

Luiz Carlos: Isso...

José Ribeiro: Mas eu chamo de horta comunitária do bairro pestano...

Luiz Carlos: Isso...é...isso

José Ribeiro: Eu tenho cinco perguntas pra fazer, mas não são perguntas pessoais, são perguntas que envolvem só a horta e essas perguntas, elas servem pra me ajudar a construir a minha dissertação que é sobre essa horta aqui do bairro Pestano.

Luiz Carlos: Isso...

José Ribeiro: Bom, deixa eu fazer a primeira pergunta, é senhor Luiz Carlos, o que o senhor fazia antes de ser voluntário na horta comunitária do Pestano?

Luiz Carlos: Antes eu era servente, Servente da firma, aí da "frente", São Marcos, quebrei o braço ali, me aposentei.

José Ribeiro: Sim... Sim... e antes de trabalhar nesta firma, onde o senhor nasceu?

Luiz Carlos: Eu nasci aqui no Pestano mesmo, nasci no pestano, cinquenta e dois anos, vou fazer cinquenta e dois anos.

José Ribeiro: Está novo...

Luiz Carlos: Sim, nasci e me criei aqui...

José Ribeiro: Sim... Sim... daí depois que o senhor saiu dessa empresa o senhor começou a trabalhar aqui já?

Luiz Carlos: É... me aposentei né, e fiquei um ano, um ano e meio, um ano e oito meses, parado aí né! Aí vim no "chico"... ele disse: "Pode pegar um canteiro aí, Bilico!" eu disse - "ó não sei chico, esse meu braço, não sei se vai dar"... "pega um

canteiro e planta devagarzinho”...”pra plantar um temperinho verde”...”um alface aí, vê se dá!”. Aí peguei aqui com o chico, peguei um canteirinho, depois o chico me deu outro, aí vi que dava pra capinar, dava pra plantar e continuei.

José Ribeiro: E da onde veio esse saber, o senhor recebeu algum curso pra plantar ou o senhor já sabia isso?

Luiz Carlos:É eu sempre tive uma coisinha em casa, mexia assim, com um temperinho verde me casa, mesmo trabalhando na são marcos, já tinha. Mas a maioria mesmo eu aprendi aqui com o chico, a maioria mesmo, de fazer canteiro, e...e canteirinho pequeno eu fazia em casa mas canteiro grande eu aprendi aqui com o “chico”.

José: Sim... Seu Luiz Carlos, como que o senhor conheceu a horta, o senhor poderia me relatar um pouco mais específico com o senhor conheceu a horta?

Luiz Carlos? Ah eu sempre... eu trabalhava aqui na frente, aí antes de eu pegar aqui já tinha alguns outros conhecidos que plantavam aqui, o Francisco, tinha o darente, outro colega meu o ouro, trabalham até de noite aí, eles botavam lampada aí no meio da horta e trabalhavam de noite, até as onze horas da noite, lavrando e plantando, era isso aí... eu ja conhecia antes.

Jose: E... por que trabalhar na horta até os dias de hoje?

Luiz Carlos?ah... Porque eu gosto também né, eu pego meus biquinhos por for a aí mas a maioria do meu tempo é trabalhando aqui na horta, eu trabalho um pouquinho de “servente”, agora mesmo eu tava trabalhando num colégio, trabalhei acho que uns cinco dias n colégio, fazendo limpeza, o chico ia podando árvore, eu ia juntando, botando lá no lixo, cortando grama, o chico ia cortando eu ia juntando.

José: Sim... e o quanto da... tipo aqui na horta o senhor produz muito do que o senhor consome em casa?

Luiz Carlos? Ah...

José: ou não precise comprar muito for a?

Luiz Carlos: Não... não... não, não precise não, a maioria que eu planto aqui, que eu preciso mesmo do... eu não preciso não né...levo pro meu irmão levo couve, alface, levo temperinho verde, agora mesmo nós não temo né...ta suja a horta, posso levar milho verde, posso levar um mugango, uma abóbora, agora mesmo é época mesmo, tem alface, tem couve, tem madioca, tem morango essas coisas eu sempre levo, não dou só pros meus irmãos, dou pros meus amigos ali também...”ô amigão tem uma coisa lá pra me dar?”... eu digo: “é... tudo bem!”, e aí tem até os cara lá do postinho ali agora, os guri se atiraram né! Tem um quarto ou cinco lá no postinho da brigada, a brigada abandonou né, “ô bilico! Tem algum molho de couve lá?”...”Bah... depois te

trago lá”.

José Ribeiro: E são todos aqui do Pestano?

Luiz Carlos: Tudo do pestano! Tem uns quarto ou cinco caras que moram juntos ali no postinho.

José Ribeiro: Então de alguma forma as pessoas aqui do Bairro conhecem aqui, a horta?

Luiz Carlos: Conhecem... conhecem! Bah eles conhecem, aqui na horta, olha eu acho que eles nunca veiram a Alda alí que trabalhava na horta, já convidei eles: “ô tche! Vão lá pegar un cantero lá”... “pegar um cantero lá, quebrar o galho de vocês... planta uma couve lá”... “ah, vamo lá, vamo lá, vamo lá”... mas não se interessam, só barbada, vão ali no açougue, ali ganham um pedaço de carne, uma azinha uma coisa, ficam só no banho maria.

Jose: Eles também são aposentados?

Luiz carlos: Não, não... aqueles ali pelo que eu conheço nenhum são apodentados... acho.

José Ribeiro: não trabalham no caso.

Luiz carlos: não trabalham, eles não trabalham.

José Ribeiro: Luiz Carlos, Qua a importância da horta comunitária do Pestano na sua rotina?

Luiz Carlos: Ó! Pra mim é bom tchê! Pra mim é bom, faz bem pra saúde, faz bem pra saúde do cara né, e o cara ventila a cabeça, não fica aí... que nem esses meus colegas que eu citei, não fica aí tomando canha na vila, bagunçando aqui com pessoal né, eu tenho aqui... eu venho... quando eu não tô trabalhando no colégio eu venho aqui oito horas, oito horas agora no verão já estou aqui, tenho meus cantero, tenho minhas ferramentas, o barbudo tem a dele, oito hora eu to aqui, o barbudo vem mais tarde, aí no verão a fresquinho ta fresquinho eu venho cedo, pra mim é uma boa, bom pra saúde, e bom pra mente com se diz né cara... Bom pra saúde e bom pra mente.

José Ribeiro: E o que o senhor espera do seu futuro sendo voluntário aqui da horta?

Luiz Carlos: É, eu pra mim, eu... eu pra mim ta bom né cara, ta bom a hortinha, tem melhorado e vai melhorar mais um pouco né cara, como se diz né, acho que vai vir até mais gente mas um future bom. Eu ganho meu salário fixo, sou aposentado né cara, aqui eu ganho em ajudar o pessoal e manter a minha família, como se diz né cara.

José Ribeiro: No caso uma parte da produção... claro, é um espaço específico

que o senhor pega aqui pra produzir. . .

Luiz carlos: É! Cada um tem o seus cartero, é um espaço que chico vai dando de acordo com o que vai precisando, ta precisando de alface, tá! Pega ali mais um cantero lá.

José Ribeiro: E alguns chegam a vender ou é só pra consumo próprio?

Luiz Carlos: não, nós vendemos, nós vendemos também. Entendesse!

José Ribeiro: e esse dinheiro no caso é pra. . .

Luiz carlos: é nós demo aqui pro chico, o chico acho que manda lá pro colégio. Se vendemos uma caixa de alface. . . uma caixa de alface dá, uma suposição, dá dez reais uma caixa de alface, aí fico com cinco real pra mim e cinco real eu dou pro chico, ele anota ali no caderno. . . "ô o bilico deu cinco reais"

José Ribeiro: sim, por que a propriedade é do colégio?

Luiz Carlos: Isso, tamo na terra deles né cara, tem direitos também, ferramentas, tem direitos né.

José Ribeiro: daí vamos supor, dai grande parte "daqui" vai pra escolar mesmo?

Luiz carlos: Isso, vamos dizer meio a meio né cara, conforme o cara vai vendendo, o cara vende trinta reais, aí quinze é meu e quinze é do colégio né cara.

José Ribeiro: sim, sim.

Luiz Carlos: Tem dias que o cara vende bem, agora no verão mesmo, vendemos bem, tinha alface, vendemos, agora não temos nenhum é de alface e agora ta caro o pé de alface.

José Ribeiro: E onde é que vocês vendem, essa? . . .

Luiz carlos: Eu tenho aqui o. . . mercadinho ali, esperança, eu vendo, tenho lá no el dourado passando o pestano, tem outra lá o "rainaneque", eu vendo aqui no "SM" aqui na Leopoldo Gothe, for a o pessoal que me pede na passada. . . "ô bilico! Traz dois pés de alface!". . . "traz dois temperinhos". . . aí vou indo!

José Ribeiro: Eram só essas as perguntas, quero agradecer mais uma vez. . .

Luiz carlos: É. . . ta beleza!

José Ribeiro: Acho que vai ser bem relevante o seu relato, pra construir a dissertação! E queria agradecer mais uma vez!

Nome: Elzira Luckow Ncitzke

Nascimento: ####. Natural:####

Endereço:####

Profissão atual: Pensionista.

Telefone: ####

Data entrevista: 15 de fevereiro de 2019

Pesquisador: José Ribeiro

José Ribeiro: Meu nome é José Ribeiro, e eu gostaria de agradecer o seu tempo, a senhora dedicar um pouco do seu tempo, pra conversar a respeito do seu relato, lá na horta do bairro Pestano. Eu quero dizer que sou estudante da Universidade Federal de Pelotas, e eu pesquiso hortas urbanas. Essas perguntas que eu vou fazer não são perguntas pessoais, são perguntas a respeito da horta, do porquê a pessoa trabalha na horta, o que fazia antes da horta, qual importância da horta pra sua vida, então não são perguntas pessoais, são perguntas só sobre a horta, pra mim poder construir a minha dissertação a respeito disso.

Euzira: uhum.

José Ribeiro: Eu tenho cinco perguntas pra fazer, pra senhora e deixa eu começar pela primeira pergunta. A primeira pergunta é: o que a senhora fazia antes ser voluntária na horta do pestano?

Euzira: Eu ficava em casa e estava sem emprego, e eu gostei me criei na lavoura, e gostei de trabalhar.

José Ribeiro: Sim.

Euzira: Por isso que eu fui pra lá! E comecei a trabalhar e plantei de tudo um pouco, vendia bem, consegui e adorei, por isso que eu fiquei tanto tempo lá, e gostei de trabalhar, plantava de tudo.

José Ribeiro: Quantos anos faz que a senhora trabalha nessa horta?

Euzira: Olha!

José Ribeiro: somando o tempo que a senhora trabalhava e hoje? (A entrevistada relatou antes da gravação que o período em que trabalhou na horta comunitária do bairro Pestano sofreu descontinuidades)

Euzira: Eu comecei lá, isso foi em dois mil etrês ou dois mil e quatro acho que eu entrei, fiquei oito no por aí, que eu fiquei na horta, é oito anos que eu fiquei na horta. E plantava de tudo, de tudo, plantava repolho, couve, todas as verduras que tinha a gente plantava e vendia bem, atendia bem também, eu tinha freguesia que vinha lá do centro todos os sábados pra comprar verdura, que era tudo verdura nova eu deixava ficar velho, porque se ficava velha eu tinha vaca em sociedade com eles, isso foi pros bichos, coisa velha a gente não vendia pros fregueses. Era só. . . o rendimento era bom.

Tem que atender bem a freguesia, ninguém quer ser mal atendido e por isso que eu tinha, aí como eles não gostavam de mim, eles não sabiam atender as pessoas, e eles (clientes) gostavam do meu atendimento e por isso que eu tinha tanta freguesia.

José Ribeiro: Sim mas, era só por causa dos produtos pra vender a senhora não mantinha outro tipo de vínculo com a horta? Por exemplo, de. . .

Euzira: Tinha, amizade com as pessoas e como eu era da igreja, eu era membro da igreja.

José Ribeiro: A senhora é luterana também?

Euzira: sim, sou luterana.

José Ribeiro: E aí eu sempre participava de qualquer coisa da CAPA, se não era ele era eu que era a responsável, que um de nós dois sempre. . . .era. . . alguma coisa da CAPA, pra todos os lugares, “tu sabe como que a capa funciona!”, Se não fosse ele eu ia, aí se não tinha condições daqui, eu ia até o centro na CAPA mesmo e de lá a gente arrumava condução pra ir, eu aprendi muita coisa, até tenho livros em casa, xarope e de receitas, e assim de. . . enlatados, até tenho receita de tomate seco. . . e. . . eu sabia antes mas eu aprendi muita coisa.

José Ribeiro: Deixa eu te fazer mais uma pergunta, é. . . como que a senhora conheceu a horta?

Euzira: Ah, isso era gente conhecida, a gente se conhecia aqui, a gente já morava a muitos anos aqui.

José Ribeiro: Aqui no Pestano?

Euziraa: É, aqui eu já moro a mais de trinta anos.

José Ribeiro: ahh.

Euzira: Mais que trinta anos! Aqueles pra mim eles são uma família, pra mim. Pra mim são uma família e são todos de casa, eles me tratam bem lá também, sempre fui muito bem tratada e até hoje a gente traz de lá pra comer, só que eu agora não tenho essa saúde mais pra ir, se não duas vezes por semana eu sempre ia lá pegar verduras pra mim, agora eu não tenho mais condições de caminhar, com esse calor, no inverno até eu fui duas vezes por semana, por que eu contei, agora não tenho como ir. . . plantar aqui e casa mais, aí eu sempre ia lá, porquê tu sabe o que está comendo, é tudo sem agrotóxico né, é tudo sem agrotóxico o que nós plantávamos.

José Ribeiro: Sim. . . até porque a senhora plantava aqui na sua casa e. . .

Euzira: Não! Naquele tempo eu plantava só na horta, eu tinha antes aqui em casa, plantava depois mas aqui agora também não dá, eu não posso plantar mais. . . “por causa aqui do lado (vizinho), vem jogando veneno, até veneno me jogou nas

plantas que eu não posso comer”, por isso que eu compro lá agora.

José Ribeiro: É. . .

Euzira: Até o “bilica” me traz, aquele moreno (Luiz Carlos Brizolara) que está lá na horta, ele me traz as vezes algumas coisas.

José Ribeiro: Deixa eu te fazer mais uma pergunta! Por que trabalhar na horta até os dias de hoje? apesar da senhora não estar fixa lá hoje, a senhora continua tendo um vínculo até os dias de hoje com a horta né? Por quê?

Euzira: Ahh. . . A gente tem que ter amizade pro resto da vida! Isso que eu to dizendo, eles são pra mim, até o “guri” também, até hoje em dia onde ele está ele me cumprimenta, eles também, e eu também, tudo que eles fizeram por mim também, quando eu estava em uma situação difícil, quando eu fui. . . estava na horta, tudo que aconteceu entre mim com a minha família, aqui em casa, como eles me acolheram, eu não nunca posso esquecer deles, nunca na minha vida, eu vou virar as costas pra eles, nunca, nem eles pra mim, e eu também não posso pra eles.

José Ribeiro: No caso eles a congregação?

Euzira: É. . .

José Ribeiro: Porque ali tem a horta e do lado da horta tem uma. . . que também é vinculada a congregação.

Euzira: É, é da igreja.

José Ribeiro: Não me lembro o nome agora.

Euzira: É o ponto de pregação bom pastor. Mais. . . mas agora é a família da horta mas é a minha família, é como eu me sinto com a minha família e vai ser pro resto dos meus dias!

José Ribeiro: Sim. . .

Euzira: Já estou com setenta e três anos também.

José Ribeiro: Essa é a próxima pergunta! Qual a importância da horta comunitária aqui Pestano, na tua rotina, na sua rotina, o que altera?

Euzira: Olha, pra mim foi quando eu fui lá e comecei, eu estava com problemas na coluna antes eu estava tomando não sei quantos tipos de remédio, aí eles. . . eu melhorei, fiz fisioterapia, tudo, aí o pastor disse, veio aqui em casa, aí eu cuidava do meu neto que estava aqui, ele foi pra escolinha, depois, volta pra cá, volta pra horta, começa um pouquinho, eu comecei com um canteirinho, pouquinho coisa, melhorei, como a gente se criou na lavoura né, na colônia, e eu aqui em casa ficava parada, e eu não podia ficar parada, e melhorei, e comecei a trabalhar, minha vida, minha saúde, melhorou tudo. . . foi tudo. . . foi muito importante pra mim, é foi muito importante

pra mim, e só que as pessoas não valorizam, aqui da volta que as pessoas tinham, não eram pessoas de confiança, que era assim. . . assim. . . assim. . . eles não sabiam trabalhar, e queria saber trabalhar melhor e não deu certo com a CAPA, aí um saiu e outro saiu, e eu fiquei e segurei até o que eu podia, aí eu sempre atravessa por aqui, aí um dia eu não já não era pra ir, minha família não queria mais, aí eu dobrei lá, “reto aqui mais ou menos até aqui”, meu deu um “treco” no joelho, a vizinha me vou me trouxe a cadeira, sentei, aí meu filho. . . eu liguei lá pra Terezinha pro meu filho, que meu filho estava trabalhando, Filho Euzira: “Mãe, onde é que tu está?, tu foi pela faixa, ou tu foi pelo beco. . .”, eu fui pelo beco, aqui. Aí eu fiquei um mês, eu não fiquei internada mas fui no médico, consultei mas os médicos proibiram, que não podia trabalhar, por que eu não tinha condições desse joelho, aí eu saí. Conseguí um tempinho, como eu tinha vaca em sociedade, tudo do sócio lá.

José Ribeiro: Sim, tem.

Euzira: Eu tinha, uma de sócio com eles, agora é tudo deles lá, mas eu tinha, ele trabalhava de tarde no colégio (Francisco), então eu fazia tudo, eu ficava com a chave, as vezes vinha temporal ele me ligava, tu a em casa ou está na horta, se eu estava na hora, se eu estava lá eu dizia estou aqui, ta então faz isso. . . isso. . . isso, depois entra dentro de casa, espera até nós chegarmos, no inverno era escuro, aí eles me largavam em casa, por isso que estou dizendo, como é que tu vai esquecer uma família assim. Não pode virar as costas.

José Ribeiro: Essa é a ultima pergunta! O que espera do seu futuro, sendo voluntário da horta?

Euzira: Olha, muitas vezes e agora eu estou pensando, eu sinto muita falta das plantações da horta mas eu não tenho mais condições de trabalhar, eu preciso caminhar, a sair assim. . . mas eu não tenho condições mais. . . mas eu nunca na minha vida iria abandonar se eu tivesse saúde, se eu tivesse saúde eu estaria hoje em dia lá na horta. Só que eu não tenho essa saúde e o coração também.

José Ribeiro: Entendo.

Euzira: Isso é o que mais me prejudica, e eu tenho que cuidar da minha saúde, por causa do coração. Não andar muito no sol também, Se não, eu estava até hoje lá.

José Ribeiro: sim.

Euzira: Fui uma ultima vez, acho que não faz um ano e pouco que eu sai, até eu fui na casa de uma. . . lá na Cascata, fomos com o “Fabio”, com uma turma, que era um “pia” aqui dá. . . Cavege, nós fomos. . . um grupo aqui, fui eu e acho que mais uma, duas ou três. . . eu e mais uma senhora que está la agora, e os dois que estão lá na horta, nós fomos lá pra fazer uma visita em uma família.

José Ribeiro: Ah sei. . . a Neiva.

Euzira: A Neiva, o Bilico e Leceu. A Neiva não queria, aí o Chico me disse “não, conversa com ela”. Neiva eu vou contigo, eu disse. E tu vai continuar, e eu não sei até quando eu vou ficar aqui mas vai, tu vai agradecer por fim, tu vai conhecer muita coisa e ela adorou. Só que ela é muito “chucra” assim mas ela vai, ela também está precisando, ela mora pertinho lá, é gente boa.

José Ribeiro: Eu vou encerrar então, eu queria agradecer o seu relato.

Euzira: sim. . .

José Ribeiro: Esse relato é muito importante porquê, como eu estudo hortas urbanas, ele vai me ajudar a construir minha dissertação.

Euzira: com certeza.

José Ribeiro: Ele vai ajudar mais pessoas a saberem a respeito disso e quem sabe até, contribuir na sociedade. . .

Euzira: Isso é falta de vontade das pessoas. . . tem muitas pessoas. . . eles preferem roubar ou pedinchar mas não ir pra lá pra trabalhar, isso que falta pras pessoas. Pra mim não falta, eu tinha condições, como eu te disse, eu estava indo lá, eu ia de manhã e voltava de tarde. (A gravação foi encerrada neste ponto, a entrevistada se ateve a dar atenção a sua vizinha Ines, no qual já havia previamente aguardado sua visita).

E04

Nome: Francisco de Paula da Silva Amaral

Nascimento: #####. Natural: #####.

Endereço: #####.

Profissão atual: Técnico Agropecuário.

Telefone: #####

Data entrevista: 22 de fevereiro de 2019

Pesquisador: José Ribeiro

José Ribeiro: Bom, é, bom dia Francisco! Meu nome é José Ribeiro e eu pesquiso a respeito de hortas urbanas e no meu TCC eu pesquisei a respeito de hortas urbanas e a educação ambiental. E agora na minha dissertação eu tô, é, pegando um exemplo, essa horta aqui do Pestano eu vou estudar a vivência dessas pessoas a partir dessas que elas fazem na hortas urbanas. Eu tenho, no caso cinco perguntas, não são perguntas pessoais são perguntas que envolvem a horta, né. . . E, antes eu queria

agradecer né, pela oportunidade de estar te entrevistando, dizendo que vai ser muito importante essa entrevista, pra conclusão da minha dissertação, a primeira pergunta que eu quero te fazer é: o que tu fazia antes de ser voluntária aqui nessa horta do Pestano?

Francisco: Bem em 1986 a 2001. Não! 1999 à 1986, 1989, 1999, eu executei e por vezes também coordenei um trabalho de uma horta que se chamava Granja Municipal de Pelotas, hoje existe a are com o mesmo nome, mais ela não funciona mais como anteriormente. Bem, Como é que funcionava essa horta, essa horta ela requisitava menores infratores ou então menores carentes. Em, que estavam correndo perigo de cair em marginalidade, em função de baixa renda dos Pais trabalharem o dia inteiro, eles ficarem sozinhos em suas casas, pela rua, então dos 12 anos aos 18 anos de idade, esses menores eles iam pra, pra, eram contratados pela prefeitura, por um órgão chamado Fundação assistencial de Pelotas e aí esses menores lá recebiam todas as orientação técnica de agricultura. Tinham um acompanhamento psicológico e com assistente social, tinha um lazer, esportes, e, então recebia toda a alimentação, toda a vestuária, uniformes com botas, macacão, tudo, todo equipamento que fosse necessário para desenvolver as práticas agrícolas. Bem, o que que era exigido nesse momento, deles, era exigido que eles tivessem matriculados em uma escola regular e que no final do ano eles fossem aprovados. Bom, aí em função e eles recebiam carteira assinada, vale-transporte, alimentação lá diária, almoço, lanches e o vale-transporte e a carteira assinada e o salário proporcional às horas que eles trabalhavam, então, assim ó, sempre o inverso do turno de trabalho, e se caso tivesse alguma atividade na escola dele que coincidissem com o horário do trabalho eles eram dispensados, pra, a prioridade era a escola era a educação, em função da chegada da implantação do estatuto do adolescente isso não foi mais, Assim, não houve mais acesso por parte da prefeitura a esses menores, por quê? Porque como a, esses menores poderiam ser contratados somente como um jovem aprendiz e aí tu não pode ter carteira CLT só depois dos 16 anos e em função disso, assim, ainda com permissão do pai, dificultou, assim burocratizou muito essa parte então inviabilizou da prefeitura prosseguir com o, com esse, com esse trabalho bem, aí foi extinto. O pessoal todo grupo de funcionários inclusive os técnicos foram demitidos, então o que eu fazia antes dessa horta era esse trabalho.

José Ribeiro: sim, sim, e como que tu chegou aqui nessa horta aqui do Pestano?

Francisco: Bem, Comecei a trabalhar em uma escola, chamada na época era colégio, Escola de primeiro e segundo grau Reverendo Alfredo Simon na época, hoje ela é Colégio Sinodal Alfredo Simon, então assim, ó, a escola tinha uma área no caso esta, aqui na Zefelino Costa, onde moravam um casal de idoso e aí a senhora faleceu, ele ficou sozinho e os filho levaram ele pra morar junto. Então iria ficar parado essa

terra, e aí a direção me convidou para vir morar aqui, só cuidar. Bem, aí vindo morar aqui e observei, que, tinha muita gente aqui no Pestana que é oriundo da zona rural, e aí eu comecei a plantar árvores frutíferas meus canteiros de hortaliças e o pessoal começou a bater na porteira e perguntar se tinha hortaliças para vender, e aí eu tive a ideia, porque é um bairro muito pobre, de conversar com a direção e propor para eles, até pra manter melhorar a área, “vamos fazer uma horta Comunitária em sociedade com a população” e o pessoal abraçou a causa, a escola na época até enfrentou dificuldades financeiras mas aí o diretor disse: “olha, no primeiro momento, a gente dá o primeiro passo, assim com sementes, trator aí depois com a venda que eles vão fazendo e vão colhendo as próprias sementes vão levando, na medida que tiveram dificuldade a escola tendo possibilidade a gente vai ajudando, então a gente reuniu um grupo, né, através, também da Igreja Luterana né, que, na Martim Lutero, que nos ajudaram assim, a divulgar para quem tivesse interessado e assim surgiu a horta, as pessoas que tiveram interessados que fossem da zona rural, ou que, porque muitas vezes tu gosta de hortaliça e tudo mais, e não é da zona rural, mas tu quer e tu não tem espaço em casa, os terreno são muito pequeno e aí então foi disponibilizado isso aí, né, nesse trabalho aí eu sou contratado da escola mas por um turno, lá para escola, então assim ó, para não pesar para o colégio eu faço esse trabalho desde o início dessa horta voluntariamente. Assim ó eu não cobro nada da parte técnica né,

José Ribeiro: Deixa eu te fazer uma pergunta, Esse casal né que a esposa acabou morrendo, ficou só o “senhor” eles, são os proprietários aqui?

Francisco: Não, eles já moravam para cuidar a área pra escola.

José Ribeiro: Ah entendi.

Francisco: já moravam aqui, cuidando, em troca, ao invés de um aluguel e o contrato deles eram assim ó, moravam só para ocupar a área, porque eles não tinham condições de trabalhar assim, era só para manter mesmo.

José Ribeiro: Então tipo as árvores que hoje existem aqui elas não existiam antes?

Francisco: tinha pouquíssimas assim umas quatro ou cinco bergamoteiras, um Limoeiro, poucos, claro eles pensavam só no consumo deles. Aí depois que a gente implantou a horta que a gente começou a plantar mais e mais variedades.

José Ribeiro: E isso inclui esse centro comunitário?

Francisco: O centro comunitário surgiu depois da horta, a gente ajudou a construir também.

José Ribeiro: Eu achei que era vinculado.

Francisco: Não, Não, o centro surgiu depois.

José Ribeiro: E por que trabalhar na horta até os dias de hoje?

Francisco: ó, umas das coisas assim ó, eu sou um dos Defensores da causa, de assim, de variedade na mesa, né, e acredito assim que as hortaliças, verduras, legumes são saudáveis para o organismo e que é possível tu colher hortaliças sem utilização de veneno, então assim ó, e também gosto de ver a satisfação das pessoas porque, tu trabalhando aqui ó, visitando como tu tens feito agora, tu vai conversar com eles tu vai observar aquele brilho nos olhos das pessoas, quando tu plantou um milho, quando tu plantou uma batata, tu plantou um alface e aí te perguntam: “ Como é que tá? E aí tu fica alegre e a outra pessoa consegue observar em ti aquela alegria assim no teus olhos Entende” então, é esse tipo de coisa que me faz permanecer aqui. passar os meus conhecimentos, Pra os outros, saber que estão Produzindo um alimento sadio, sem veneno, não é sem agrotóxico! é sem veneno, porque não é só agrotóxico que pode te causar problema, porque não adianta tu dizer que tu não vai botar um agrotóxico. um herbicida um inseticida ou fungicida se tu pegar uma agua poluída, que não tem procedência da análise dela se não sabe se ela tá contaminado ou não, tu não utiliza nenhum produto químico e pulveriza, molha, rega tuas plantas com aquela água poluída, aí tu tá, é veneno, tu tá jogando bactérias, tá jogando coliformes nas plantas, então tenha certeza disso, que tu ta Produzindo alimentos sem veneno, alegria dessas pessoas e conviver, porque também, porque eu moro aqui. Não tem como, eu cheguei aqui quando eu vim morar aqui não tinha Metade dos pássaros que têm hoje (Som de pássaros no ambiente) tem Cardeal, tem a caturrita, tem a saracura, tem animais aqui que não existiam aqui, passarinhos assim que eu achei até que “tavam” extintos, mas porque isso, a gente trabalha em harmonia com a natureza, eu planto milho, as cocotas comem milho mas eu colho milho, eles colhem milho. Eu tenho as frutas, eu como fruta, eles, o pessoal da horta come frutas, os visitantes comem fruta, se vende fruta e os passarinhos comem fruta, são “N” motivos para uma pessoa que, está aqui, né, permanecer.

José Ribeiro: Sim, e tipo, tu chegou aqui e tu começou esse trabalho né, de plantio e tal, tu já trouxe essa cultura de plantar do distrito que morava antes? Porque tu nasceu no terceiro distrito né?

Francisco: É, não mas assim ó, eu nasci no terceiro distrito mas bem pequeno eu vim para área urbana, mas sempre com a tendência de mexer com planta e animais, então, é na raiz.

José Ribeiro: A tua família foi, é de origem rural?

Francisco: foram agricultor! mas no momento, assim ó, dos cinco, meus cinco anos pra frente, já foram bem diferente, era uma agroindústria de doces, bem diferente, indústria e comércio.

José Ribeiro: Qual a importância da horta Comunitária na tua rotina?

Francisco: É, o que eu acabei de te falar! Satisfação pessoal, né, tu, é como, tu chega cansado mentalmente, um ambiente desses aqui, me serve como uma terapia. Me motiva a pensar projetos e coisas assim, tu assimila bem melhora isso, tem se eu for enumerar mil coisas assim, se eu precisar de um, uma hortaliça fresquinha, pra uma refeição minha eu vou ali e consigo com eles, né, compro deles, e alguma coisa também eu planto.

José Ribeiro: Eu até ia te perguntar, como é que funciona por exemplo, os voluntários tem um espaço específico né, que daí eles mantêm, tipo, é uma parte pra eles?

Francisco: É, assim ó, existe, depois eu vou te mostrar ali, O lugarzinho, que eles dizem que eles vendem, se quando tu for conversar com eles vão te dizer isso. A gente vende, é para gente comer mais alguma coisa a gente vende e a metade a gente dá pro chico, eles vão te dizer isso, pra pagar a luz para pagar, a escola paga a luz e água, mas o que que acontece ali, Existe um trator, o trator eu comprei, o trator é minha propriedade, comprei ele, aí, tem que abastecer com diesel, esse dinheirinho que eles dão vai pro diesel, para comprar algum insumo assim, preciso de uma mangueira plástica, um regador, uma inchada nova, né, precisa de algumas sementes que eles não conseguem colher aqui, porque tem muitas plantas que nosso clima não consegue amadurecer, produz a planta mais a semente não chega a se formar, então tu tem que comprar alguma semente de mercado, então, isso quando eles vendem, dão uma parte não, ninguém fica controlando, assim se ele levou 20 pé de alface se ele vai trazer dinheiro de dez, não, ele vai lá vende os alface, ele pega esse dinheiro e diz: “ó, esse dinheiro é pra horta”, não existe um controle, ninguém tá anotando, é uma coisa que tipo de consciência, se essa pessoa não tá tendo condições assim, se ele tem um gasto muito grande em casa, se ele não consegue dar nada, ninguém cobra nada dele então, é, isso é uma coisa assim, são poucos que estão aqui na horta, já teve vinte e duas famílias, uma coisa que nunca ninguém reclamou, aí eu tô ajudando o outro não tá dando, que tá usando, isso é bom, mas é assim que funciona.

José Ribeiro: No caso chegou a vinte e duas famílias né, Por que será que deu uma queda?

Francisco: É, o que foi acontecendo assim ó, as pessoas foram ficando velho, a idade pesou, todos eles frequentam ainda aqui, mas só não plantam mais, e o que que aconteceu, porque que, a tá diminuiu e não foi recolocado, a oferta tá de pé, a igreja quando tem os cultos sempre anunciava é que não apareceu alguém com esse perfil para somar, ou não estou necessitando como terapia ou não tão precisando financeiramente, creio eu, ou não tem tendência a esse tipo de trabalho, procuram uma outra linha. Porque tem muito trabalho nas igrejas, que a gente vê por fora e de

artesanato, talvez seja isso assim, mas na maioria das vezes, as pessoas que foi diminuindo é em função da idade, mas diminuiu, eles plantando mas essas 20 e Poucos família vem com produtos que estão.

José Ribeiro: elas não perderam o vínculo?

Francisco: Não! Totalmente não.

José Ribeiro: Deixa eu te fazer uma pergunta, não sei se tu vai conseguir responder. Tu sabe mais ou menos as culturas que tem aqui? O que é produzida de hortaliças, o que é produzido de sementes, plantas?

Francisco: Quantidade de semente não!

José Ribeiro: Não, só as espécies!

Francisco: Semente só, vou começar pelas sementes! semente de milho crioulo, feijão preto, feijão da praia, alho, batata doce, mudas, mandioca ou aipim, a semente de salsa, semente de mostarda, semente de couve, a cebolinha verde, muda de morango, Semente de abóbora, de mogango, isso tudo é produzido aqui, né, posso ter esquecido de alguma, de coentro, Provavelmente esqueci de alguma mais assim ó, o que é produzido, repolho, alface, abóbora, cenoura, beterraba, couve, couve chinesa, nabo, rabanete, quiabo, abóbora e mogango, melancia para doce, abóbora para doce, a mandioca a batata-doce, milho verde, e no caso milho doce e o milho amarelo.

José Ribeiro: Pimenta e pimentão também né?

Francisco: Pimenta, pimentão, repolho eu acho que devo ter falado, pepino, melão, vai ficar alguma de fora, porque, geralmente, ah tomate. Geralmente as plantas da época, pra não precisar nem um químico né, então a gente procura plantar mais na época, porque aí tem o controle das próprias, insetos, as coisas do daquele momento ali.

José Ribeiro: E frutas?

Francisco: Fruta tem desde a Bergamota, Bergamota, caqui, limão, laranja vários variedades, ameixas, abacate, ananás, banana, tem pitanga, araçá, goiaba, né, ah, acerola, tem também deixa eu ver, é, guabiroba, amoras tem dois tipos de amora, framboesa, então é bem variado, uva, figo.

José Ribeiro: Fora os animais né, eu vi que tinha uma vaca ali!

Francisco: Isso! Tem umas vacas de leite, quando alguém precisa de leite,.

José Ribeiro: Tem galinha?

Francisco: Tem galinha, pato, marreco.

José Ribeiro: Sim, e tem uma parte também mas não sei se é daqui, que é a

silvicultura.

Francisco: É mato, área verde, que serve de abrigo para os animais, inseto, que é companheiro pra ter o controle biológico.

José Ribeiro: peixe também tem?

Francisco: Carpa, carpa e jundiá!

José Ribeiro: Deixa eu fazer a última pergunta. O que você espera do Futuro, caso o teu futuro, sendo voluntário aqui da horta?

Francisco: Olha tche! Eu, até mesmo, como, tu estás me fazendo uma entrevista, que pessoas como tu, teu órgão de ensino divulgue esse tipo de trabalho para que isso aí, se estenda por outros bairros, por outros municípios, por outros estados. Porque se chama horta, se tu parar e observar bem, é uma horta que é pública, e ao mesmo tempo ela não pertence a nenhum órgão de governo. Área pertence uma escola particular e beneficia uma população. Então esse tipo de modelo é que tem ser levado adiante, claro que em muitas ocasiões aí não vão conseguir um técnico, um engenheiro, um veterinário totalmente de graça mas a gente sabe, eu já pertenci ao quadro público, a gente sabe que existe a EMATER, que existem ONGs aí, no nosso caso aqui no sul mesmo, que também é nosso parceiro, o centro de apoio ao pequeno agricultor, o CAPA, o CAPA é parceiro aqui, que tem técnicos, tem veterinários, tem Engenheiro agrícola, que podem colaborar com isso né, com um mínimo de investimento de uma Prefeitura de um estado, tu consegue fazer um trabalho desse, de resgatar muito aí auto estima das pessoas, acabar um pouco com a violência, no bairro, porque essa horta aqui ela não beneficia só o as pessoas que estão diretamente plantando aqui, ela beneficia quem ta em volta, as pessoas vem até de outros bairros fazer compra aqui, então isso cria um intercâmbio entre as pessoas a aquela história do, tira um pouco aquele rótulo de “bairro dos marginais”. . .” a horta, mas ela ta lá no Pestano, não sabia que tinha” e as pessoas vem aqui e começam a enxergar que tem gente muito boa, que aqui passa no Getúlio Vargas enxergam que do Getúlio Vargas ter pessoas muito boas, então que lá no bairro Dunas, porque se ouve sempre falar que é violento, lá no bairro Navegantes e lá tem um colega já começando a desenvolver um bom trabalho nesse sentido, que a gente tem apoiado com máquinas né, e alguma troca de ideia e até a semente a gente já cedeu pra eles, que tenha uma horta dessas lá no Fragata e “N” lugares e municípios. É isso que eu espero desse trabalho, que se estenda.

José Ribeiro: Bom, é queria agradecer a tua entrevista, que é muito relevante ouvir essas informações, é muito bonito, é saber desse projeto daqui da horta do Pestano. Então, queria agradecer e dizer que vai ser muito relevante pra minha dissertação essas respostas, saber como é, como os voluntários trabalham aqui, como funciona todo esse processo, é um projeto muito bonito, agradeço muito.

Francisco: José, assim, pra mim foi um prazer ter te recebido, e quando quiseres trazer algum parente, algum colega, alguém para visitar pode trazer, a porteira não tem cadeado, nessa aqui não tem. Podes não encontrar ninguém, a gente senta na sombra, tá conversando, daqui a pouco aparece alguém, porque aqui não existe, as pessoas não depende do relógio, elas depende do seu tempo, pode não encontrar, vai repetir a visita, puedes não encontrar os mesmos, vão encontrar outros, mas aí tu vai te identificar, tu vai ser bem acolhido aqui.

E05

Nome: Neiva Tim Lidcke

Nascimento: ##### Natural: #####

Endereço: #####.

Profissão atual: Dona de Casa.

Telefone: #####

Data entrevista: 22 de Fevereiro de 2019

Pesquisador: José Ribeiro

José Ribeiro: Antes de tudo que agradecer muito pela oportunidade, a senhora ter aberto sua casa, seu espaço particular para conversar um pouco comigo, eu quero dizer que eu pesquisa, já faz uns 4 anos que eu pesquiso hortas urbanas, essas hortas dentro da cidade, e dessa vez eu gostaria muito de ouvir um pouco o relato dos voluntários que participam das hortas né, então por isso que é muito importante o seu relato para mim poder construir a minha dissertação, que é a respeito disso, tá. Antes eu que le falar se a senhora me autoriza, eu queria que a senhora falasse o seu nome completo e diz se autoriza ou não eu utilizar o seu relato a respeito da sua participação na horta comunitária do bairros pestano.

Neiva: pode ser, eu autorizo sim.

José Ribeiro: Qual seu nome completo?

Neiva: Neiva Tim Lidcke!

José Ribeiro: Sim, é, depois eu pego ele tá. Dona Neiva, o que a senhora fazia antes de ser voluntária aqui na horta do bairro pestano?

Neiva: Eu plantava essa horta aqui!

José Ribeiro: A senhora ficava nesse espaço aqui?

Neiva: Sim.

José Ribeiro: Qual nome aqui? É metlurgica?

Neiva: É artefatos e cimento são marcos! Ela trabalha só com coisas de cimento.

José Ribeiro: Então antes da senhora ser voluntária na horta a senhora estava aqui, e antes daqui?

Neiva: Antes daqui eu plantava nas terras lá da dona Landa, plantava lá.

José Ribeiro: A senhora nasceu onde?

Neiva: Eu, eu nem sou daqui da área, eu sou lá da colônia Osório.

José Ribeiro: Aqui no município de Pelotas mesmo?

Neiva: Sim, é no terceiro distrito de Pelotas mas eu vim pra essa zona com onze anos.

José Ribeiro: Quando que a senhora nasceu? A data.

Neiva: primeiro de julho de 1956.

José Ribeiro: E hoje a senhora reside aqui, junto a essa metalúrgica?

Neiva: Sim, aqui é outra história né, não paga nada.

José Ribeiro: Sim, a senhora utiliza, a senhora reside aqui e ajuda na segurança desse espaço e cuidar.

Neiva: É, fico aí na volta, nos finais de semana.

José Ribeiro: Deixa eu te fazer uma pergunta, como a senhora conheceu aquela horta ali do bairro pestano?

Neiva: Eu conheci ela, que tavam falando ali na igreja, na comunidade, que tavam precisando de gente pra plantar lá, aí fiquei meia, ligada já, eu disse ó, vou perguntar pro francisco como é que funciona e é isso, mas é isso, é uma parte e deixa outra parte, aí o resto vende, me interessei.

José Ribeiro: sim, a senhora começou quando a trabalhar ali na horta?

Neiva: Eu to indo no segundo ano!

José Ribeiro: Ah sim, e o que a senhora costuma produzir mais ali?

Neiva: Olha, no primeiro ano eu plantei muito alface, plantei uns mil pé de alface, até colhi bem, agora esse ano parece que o clima não está ajudando muito, ou era muito seca, agora depois veio muito chuva, agora ta uns calor de verão, que a planta queima né! Não dá, só não sei agora quando vir um clima bom de novo, pra março em diante já, vai melhorar de novo.

José Ribeiro: Sim, deixa eu te falar, a senhora já está nessa horta já faz dois anos né! Por que trabalhar na horta até os dias de hoje?

Neiva: Uma porque eu gosto de mexer na terra, me criei assim, dez, onze anos eu já mexia na terra, gosto, gosto, é bom porque dá uma renda a mais, um dindin a mais, e quando as plantas são assim meio ruim, ai dá até pra desacorçoar, ai quando muda o clima de novo, aí vamos de novo. (risos)

José Ribeiro: Sim, sim, entendi.

Neiva: Ai vamos de novo.

José Ribeiro: Qual a importância da horta comunitária na sua rotina?

Neiva: Em primeiro lugar faz bem pra mim não ta em casa, em compensação voltar pra casa, não dá, muito estresse, em primeiro lugar aparece a depressão, que eu não gosto, quero sair fora dela, tenho que fazer alguma coisa, ai eu faço essas coisas aí, me ocupo lá, aqui eu não penso em nada, ainda mais agora que o guri resolveu se ajuntar lá com a mulher lá dá, do condomínio querência, parece que é, ele ta um mês pra lá, então eu vou ter que me ocupar mais ainda (risos), por causa que eu fico sozinha aqui a noite.

José Ribeiro: E qual a sua relação com os voluntário ali? A senhora, ah, eu acho que tenho um relato, da dona, que mora na rua 10.

Neiva: Euzira.

José Ribeiro: Euzira, é. Acho que é Euzira o nome dela.

Neiva: Hum.

José Ribeiro: E ela fala que ela tem um vínculo de amizade muito forte com algumas pessoas ali da horta, inclusive que vocês tem alguns projetos sociais.

Neiva: Sim.

José Ribeiro: de levar alimentos, pra outros lugares né.

Neiva: é.

José Ribeiro: Poderia falar um pouquinho mais desse, disso.

Neiva: Isso é quando a gente planta bastante e assim, dá, mas quando, esse ano plantou pouco, não deu pra gente fazer isso.

José Ribeiro: Mas em outra hora já deu?

Neiva: Em outras horas já deu, primeiro ano que eu tive lá já deu, esse ano tá muito fraco.

José Ribeiro: E o que vocês fizeram no ano passado com esse excedente?

Neiva: Não lembro muito ao certo, deixa eu ver, é, foi feita uma distribuição, dos alimentos, pessoal também comeu um, tinha muita coisa. Ali o pessoal costuma é,

plantar mais é milho, milho e feijão, eu já não sou disso, eu sou mais de verdura (risos)

José Ribeiro: Ah entendi. É, com esse tempo mais seco.

Neiva: Ralou, ralou tudo.

José Ribeiro: Sim, deixa eu fazer a quinta pergunta. O que a senhora espera do seu futuro sendo voluntária da horta, trabalhando com a terra com aquela horta?

Neiva: Ficar na saúde e não ter doença, se eu ficar parada eu acho que a doença entra (risos), a doença entra, eu sei por mim, sei pela minha mãe também, quando a mãe parou de plantar, de criar os bichinhos dela entrou numa depressão que foi até o final da vida, nunca mais deu pra tirar o remédio.

José Ribeiro: Na época que a senhora plantava ali e produzia bastante o quanto que senhora deixava de comprar, pra, porque a senhora produzia né, então talvez a senhora não precisava mais consumir, a senhora conseguia se manter com essa, com a produção da horta?

Neiva: pouca coisa.

José Ribeiro: o que mais que a senhora consumia dela?

Neiva: Mais era verdura mesmo. Eu não planto outras coisas, outras coisas é mais com eles mesmo.

José Ribeiro: Sim, sim. E o período que a senhora trabalha mais na horta qual é?

Neiva: Eu pouco de manhã e um pouco a tardezinha, por que depois ta quente (risos)

José Ribeiro: sim.

Neiva: A não ser agora, em março já vai mudar tudo de novo, a fico um pouco mais lá.

José Ribeiro: Sim.

Neiva: Uma tarde, uma manhã. No intervalo eu fico aqui.

José Ribeiro: Cuidando dessa horta aqui também?

Neiva: é, isso aí , já é, plantei minhas couves aí de novo, ela tava abandonada desde o ano passado, ela tava abandonada, tinha um matagal, tive que baixar tudo primeiro, fora um mês de esterco, pra cá eles não botaram esterco, ninguém botou esterco, ai não adiantava plantar mais aqui, aí fui pra lá, deu bem o negócio lá, eu disse “opa, ta bom” (risos), dai larguei aqui, mas agora vou retomar aqui de novo, aqui eu sigo dando uma volta esse final de semana, to em casa mesmo.

José Ribeiro: Bom, eu queria agradecer a oportunidade do seu relato e acho

que o seu relato é muito importante pra mim poder construir a minha dissertação né, que é a respeito de hortas urbanas, eu acredito que de alguma forma a gente precisa ter um contato com terra e tem pessoas que herdaram isso né.

Neiva: Eu preciso.

José Ribeiro: A senhora tem um histórico de agricultura?

Neiva: desde os 11 anos.

José Ribeiro: A sua família é da área rural?

Neiva: sim, desde os 11 anos e não aprendi a fazer outra coisa. To tentando fazer outras coisas mas eu penso assim, o que que eu vou fazer, o que que eu posso fazer, ai eu fico mais em casa, daí eu volto de novo, e vamos pra horta de novo (risos), eu acho que vou assim até o fim (risos).

José Ribeiro: Eu queria agradecer muito o seu relato e eu tenho certeza que vai me ajudar muito a construir minha dissertação.

E06

Nome: Volnei Matias Filho

Cidade de Nascimento: ##### Data nascimento: #####

Endereço: #####

Bairro: Três Vendas.

Município: Pelotas – RS.

CEP:#####

Telefone: #####

Entrevista: 26 de Fevereiro de 2019

Pesquisador: José Ribeiro

José Ribeiro: Bom, é, Boa Tarde Professor, antes eu queria agradecer pela oportunidade de mais uma vez da escola ter aberta as portas né, me auxiliar nessa minha pesquisa sobre hortas urbanas, eu já no meu TCC eu já fiz uma pesquisa sobre, né, eu trabalhei e pesquisei sobre hortas urbanas e educação ambiental e agora, na minha dissertação eu estou estudando um objeto específico que essa hora no bairro Pestano né, que, esse espaço onde é a horta né, lá não no bairro Pestano ele pertence a escola né.

Volnei: Isso!

José Ribeiro: Então, por isso eu achei, eu e a minha orientadora achamos relevante buscar na escola esses relatos também de contato né, da escola e a horta.

Antes de começar, eu queria pedir pro senhor falar teu nome completo, a data de nascimento e local de nascimento. Só para uma formalidade, que esses relatos exigem pra se tornarem formal né. poderia começar?

Volnei: Meu nome é Volnei Matias Filho, nasci no dia 22 de julho de 1969 em Pelotas.

José Ribeiro: Professor! Eu gostaria que o senhor relatasse qual é a relação da escola com aquele espaço antes de se tornar essa hora consolidada hoje?

Volnei: Tá! O colégio Simon ele é mantido por uma associação, de três paróquias da Igreja Luterana, a Associação Educacional de Pelotas, que é a mantenedora do Colégio, É formada por essas três paróquias da Igreja Luterana aqui de Pelotas, depois da Fundação, na Fundação do colégio Simon se imaginavam um colégio agrícola, porque tava acontecendo no final da década de 50 e da década de 70 uma migração bastante grande do Meio Rural para o meio urbano, de moradores que eram os luteranos, que tavam vindo pra cidade, então, se pensou no colégio quando foi fundado mas a procura por uma escola agrícola não foi tão grande mas tinha sim uma procura muito grande aqui do bairro, por escola, porque não tinha escola aqui no bairro, então, o colégio se consolidou como escola de 1º grau na época, não de Ginásio que chamavam na época.

José Ribeiro: qual o período éra?

Volnei: 1963, quando foi fundado, e aí então, se iniciou dentro desse início do colégio se buscava também um espaço, pra atividades então de agricultura, dos alunos e o espaço também que o que as igrejas pudessem utilizar como o Centro Comunitário, E aí se consegui através da prefeitura a doação daquele terreno lá no Pestano, que antes não existia o bairro, só plantação como os fundadores costumam dizer, era só plantação de arroz, e aí como se conseguir aqueles nove hectares de lá, né, nessa com a formalidade, de sempre utilizar para educação ou para área assistencial né, então, esse viés né a gente sempre, sempre seguiu, então, aconteceram por parte da igreja e por parte do colégio diversos projetos assistenciais, então tem formalizado lá no local o Centro Comunitário Bom Pastor e dentro desse centro comunitário metade do espaço é utilizado com uma horta Comunitária, E aí se conseguiu uma parceria com o CAPA para insumos pra técnico né, pra fazer uma horta comunitária, então, as famílias de moradores do bairro começaram a trabalhar na hora, pra subsistência própria, para vender o excedente da produção, pra manter aquele vínculo que tinham com a terra, né, porque muitos lá eram agricultores que vieram pra zona urbana e perderam né, a horta, perderam, o local que tinham pra ta trabalhando na terra, então é um resgate também de dignidade, de Cultura deles e tradição para trabalhar lá horta. O Colégio hoje tem através da mantenedora, tem o técnico agrícola que ele mora lá né, o Francisco, dá apoio pela manhã pra horta e a tarde ele trabalha no Colégio,

eventualmente a gente visita horta, e leva os alunos aqui do colégio para olhar a horta, para falar sobre produção de alimentos, a horta trabalha com produção orgânica, falar sobre a relação do veneno, do agrotóxico, da produção orgânica, da Saúde né, então se faz essa parceria e ali no centro comunitário, quem está realizando projetos hoje é uma das paróquias a Paróquia Três Vendas que trabalha com o projeto vida plena, que eles trabalham lá com taekondo, com futsal, com futebol, com projeto de alfabetização e de biblioteca para as crianças, no projeto de culto infantil que chama né e Culto aos domingos também.

José Ribeiro: Sim, tu falou sobre três paróquias né! Tu pode me citar?

Volnei: É a paróquia três vendas né, a sede da paróquia três vendas é ali na Fernando Osório, A comunidade Martin Lutero, a paróquia Trindade, que tem uma comunidade aqui ao lado do colégio e a comunidade reconciliação e a comunidade São Lucas aqui na Santa Terezinha e a paróquia São João, que a paróquia Luterana do centro, então, que é a paróquia mais antiga da cidade que deu origem as outras.

José Ribeiro: E tu sabe mais ou menos dos moradores que se deslocaram, são moradores aqui no município de Pelotas interior ou eles são mais distante?

Volnei: Aqueles que frequentam a horta tu quer dizer?

José Ribeiro: É, não, nesse início de história da migração.

Volnei: É, vieram de São Lourenço e do da zona rural de Pelotas, meu avô, meus avós paternos né vieram da colônia Progresso. Os avós da minha esposa né, vieram da colônia aliança, então, assim como muitos, né, os ancestrais, tem essa origem do campo.

José Ribeiro: e a escola hoje ela trabalha com essa, com esse objeto de ser mais “Agrícola” de dar suporte a essas pessoas que tem essa cultura mais rural?

Volnei: A mantenedora do colégio especificamente né, continua apoiando o trabalho da horta Comunitária né, nós como colégio a gente enxerga como um espaço importante né, e com essa, com Francisco né que é o técnico agrícola que tem toda essa, esse conhecimento de horta a gente, a gente no colégio também planta uma horta, Para os alunos do dia a dia trabalham tanto com plantas medicinais, com plantio e desenvolvimento, a colheita né, de hortaliça, de fruta, de verdura, na nossa própria horta, E aí se tem a possibilidade de vários projetos de educação ambiental também né, porque a gente sabe que hoje a criança anda dentro de casa né, no piso flutuante e de tênis, então essa coisa de botar a mão na terra, de correr na areia, de brincar embaixo da árvore que a gente tem aqui no colégio, é o objetivo do colégio né, ter um ambiente natural, um ambiente mais preservado nesse sentido, para buscar um pouco de relacionamento das crianças e também nossa, de toda comunidade escolar com o meio ambiente.

José Ribeiro: Professor! E como é que o mais especificamente como é que é a relação da escola hoje com a horta do bairro Pestano? Quais as relações que escola tem além é claro da questão da Educação Ambiental, existe outras relações com aquela horta?

Volnei: A gente leva os alunos para conhecer a horta, para conversar com o pessoal que trabalha na horta, para falar sobre a questão da produção de alimentos e apoia né o trabalho através das parcerias né, com o CAPA, com o técnico agrícola, do espaço né como um todo.

José Ribeiro: A escola não chega a consumir parte daquelas promoções, uma parte do excedente?

Volnei: Não, o colégio não, a gente não tem né, a função da merenda, a gente, os alunos trazem de casa né, o lanche ou adquire na cantina, Então por causa disso Colégio como instituição não compra alimento. Mas, de tempos em tempos né, nas épocas né, de safra de cada coisa muitas vezes eles vem aqui fazer a venda para os pais na saída do colégio. Tem os eventos maiores que é a SimonFest, festa junina, eventos maiores do colégio a gente convida também o pessoal da horta pra colocar uma banca, pra fazer a venda dos produtos deles né, isso incentiva que o pessoal vai lá fazer a compra também né, direto.

José Ribeiro: E esse, essa horta do Pestano é a única, a escola é vinculada tem essa parceria só com a horta do Pestana ou há outras iniciativas? Nesse mesmo sentido de horta urbana.

Volnei: Não né, ela ocupa espaço d centro comunitário.

José Ribeiro: E a escola tem algum projeto? É claro, a escola já tem esse projeto da horta aqui mesmo né, Como uma forma de educação e há algum projeto, de outros espaços.

Volnei: Não, pra outros espaços não.

José Ribeiro: Bom professor, eu gostaria de agradecer essas informações, eu acho, acredito que é muito relevante é, compreender um pouco do papel da escola também, com aquele espaço né dentro da cidade, eu acho muito relevante, Eu também sou professor então, estabelecer esses vínculos com os alunos com outras formas de consumo e produção, é importante né, eu queria agradecer mais uma vez pela oportunidade.

E07

Nome: Fábio André Mayer

Nascimento: #####.

Endereço:#####

Profissão atual: Engenheiro Agrônomo.

Telefone: #####

Email: #####

Data entrevista: 27 de março de 2019

José: Ah, Só para início né, da, como, só para formalidade mesmo, na, como eu pego os relatos através do áudio, eu preciso da autorização, da, desses indivíduos né, pra utilizar aquilo que foi falado durante o áudio, por uma mera formalidade eu queria que tu se apresentasse, tipo, falasse o teu nome a tua data de nascimento, o local que tu nasceu.

Fabio: É, Fabio André Mayer , engenheiro agrônomo, nascido em novembro de 1970, em Canguçu. Atuo no CAPA desde 2000.

José: eu que tu me explicasse né, já que tu antecipou né, o trabalho do CAPA como instituição? Fabio: O CAPA é uma organização não governamental que foi criado em 1978, numa época que a Revolução Verde expulsava muitos agricultores do campo, devido ao modelo de agricultura, baseado em agrotóxicos, então o CAPA surge em 1978 pra resgatar e começar a trabalhar com o que chamava-se agricultura alternativa, que com o passar do tempo, é, hoje a gente fala em agroecologia né, tu trabalho conceito do Social, do cultural, do Ambiental, do econômico e o CAPA que é uma organização não-governamental, que quer dizer centro de apoio e promoção da agroecologia, então o capa trabalhar com agricultura familiar, com povos tradicionais, Comunidades Quilombolas, indígenas é, cuja, é ligada à igreja iclb, né um serviço da iclb, e se coloca à disposição então para os agricultores, para trabalhar uma agricultura realmente sustentável, né, o capa trabalha com a agroecologia, então, trabalha com organização social, cooperativas, associações, grupos ecológicos, e a instituição capa, existe nos três estados do sul do Brasil, temos três núcleos, em, no Rio Grande do Sul, que é em Pelotas, Santa Cruz do Sul e Erechim. Depois temos dois outros nucleos, no Paraná, Marechal Cândido Rondon em Verê, e uma extensão em Saltinho Santa Catarina, então, os trabalhos cada um tem a sua coordenação e hoje o capa trabalha ligado também a fundação Luterana de diaconia, acompanha essa trabalho todo e o comim que é o conselho de Missão indígena, quem trabalha em todo o Brasil,

José: E, esses projetos, eles podem receber apoio independente do local que eles estejam, se for area rural ou urbana eles podem receber auxilio?

Fabio: Sim, é , principalmente nosso foco principal, do nosso trabalho ir adiante, a gente tem que trabalhar a organização social, quer sejam em grupos, né, geralmente

num grupo de cinco pessoas que aí a gente utiliza recursos e projetos né, é, com relação a horta do pestano a gente tem um trabalho de 2002, na organização social, no projeto de inclusão das famílias, e tem um resgate de valores né, de muitas famílias que outrora estavam fragmentadas né, e que a gente percebeu que essas famílias tinham um elo com o meio rural, e em vários momentos elas, a grande maioria das famílias que estão ali que já passaram por ali, vieram oriundas do meio rural, tem um elo muito forte, então quando vieram pra cidade na perspectiva de encontrar algo ou algum trabalho, não conseguiram, muitas famílias dessa se se desestruturaram né, então uma horta que é uma área da igreja também, ligada ao colégio Alfredo Simon, é uma área que que tava, então, Parado né, e a gente teve essa ideia então, de ter um projeto, de fazer uma produção orgânica dentro do urbano, né, então, hoje ainda é uma das únicas hortas urbanas que a gente tem aqui na região, aqui é essa né, que é um trabalho já consolidado.

José: Sim, Fabio deixa eu te perguntar: Qual a tua função aqui?

Fabio: No capa, eu como engenheiro agrônomo, eu dou Assessoria Técnica a grupos, de base ecológica, grupos de agricultores ecologistas, que por sua vez fazem feira, ligados a associações como a “arpasul” que é uma feira ecológica né, ou ligado à União, que também tem espaços ecológicos tem produção de semente crioula, né, Há muitos agricultores destes que produzem alimentos ecológicos e entrega nos mercados institucionais, nas feiras ecológicas e famílias que estão em vulnerabilidade social, dentro do projeto “pea” também, então meu trabalho é assessorar Tecnicamente na produção dessa agricultura limpa, também a gente da assessoria à cooperativas na parte da gestão, temos cooperativas aqui na colônia Maciel, “capsul” que vai trabalhar principalmente com frutas, então a gente tem o apoio na gestão da cooperativa também, eu também trabalho com povos tradicionais, comunidades indígenas, Guaranis, em Barra do Ribeiro, já tive em Rio Grande trabalhando com Guaranis e em Canguçu, agora principalmente na Barra do Ribeiro, também trabalhamos com comunidades, Eu trabalho com Comunidades Quilombolas, to atualmente com quatro comunidades quilombolas em um projeto, morando bem no quilombo que, é financiado pela Caixa Econômica Federal, então basicamente é isso sim, Entre várias outras coisas mais o foco é esse trabalhar principalmente questões relacionadas à produção, apoio das famílias né, trabalhar com sonho, com aquilo que elas querem pra sua vida.

José: E, ah, como que o capa chegou até a horta Comunitária? como que iniciou essa.

Fabio: Como o capa é ligado a, ieclb, em não sei precisar bem o ano mas por volta de 2002.

José: “ieclb” é?

Fabio: Igreja evangélica de confissão luterana do Brasil.

José: ok.

Fabio: É, por volta dos anos 2000, 2002 então a gente teve uma ideia juntamente com a escola Alfredo Simon mais o Francisco né, o Chico que reside na área, até hoje é um técnico né, a gente aprovou um projeto, projeto junto com a igreja ieclb, então esse projeto deu um subsídio Inicial, assim, para a gente comprar alguns equipamentos que precisava, umas ferramentas né, alguns insumos, alguns compostos orgânicos, para ter aquele, aquele início né, então projeto deu esse start no primeiro começo e depois do, mesmo sem o projeto, o capa junto com Chico continua uma supervisão o capa da essa supervisão, juntamente com o chico que ta ali, a gente dá um apoio também, técnico, um apoio muitas vezes em sementes daquilo que eles querem, recentemente Montamos uma estufa plástica ali também, pra eles poderem produzir nas temperaturas amenas mais próximo de inverno ou em dias de chuva, é, então atualmente, mesmo sem projeto a gente continua dando esse apoio dentro do tempo, dentro das possibilidades daquilo que o capra consegue né, e a escola Alfredo Simon também que a gente tem um convênio permanente, o Chico tem horas dedicadas a sua remuneração do seu trabalho ali na horta, para coordenar o processo, para estar junto com as famílias né, que não é só produção técnica mas tem toda uma inclusão, um resgate de valores sociais, culturais né, de saber ouvir as pessoas, saber que eles tem um conhecimento também, então a gente trabalha isso né, e muito mais coisas vão acontecer a gente espera muito em breve, agora é possível a gente conseguir uma ferramenta jurídica que permite que a gente consiga comprar pelas nossas cooperativas, porque esses agricultores não tem mais outro modelo 4 né, Então hoje tem um momento que é permitido ter um outro documento, que vai permitir, que eles sendo agricultores do rururbano que consigam ter uma espécie de modelo 4, que poderão vender produtos também, então a gente sonho agora esse ano fazer um planejamento de produção também, pra colocar nos nossos postos, como aqui também no capa, na barão de santa tecla 510, feiras e vem outros circuitos de vendas, não só o que eles vendem ali, na escola mas aumentar esse possibilidade de ter uma venda mais garantida né, ou seja ampliar.

José: Sabe, é claro não existe ainda essa ao modelo 4 né que tu citou?

Fabio: Não! é uma ferramenta nova, documento novo, porque normalmente pra vender produtos tem que ter a “dap” declaração de aptidão ao Pronaf, o cara tem que ter uma carta de um modelo de uma declaração que é agricultor, que é emitido pelo sindicato né ou pela fetraf, então esse documento eles não consegue tirar, porque eles não tem terra no nome deles, Eles não têm né estão no urbano, Mas hoje se permite né, inclusive ver melhor o nome desse documento, Mas é uma espécie do modelo 4, que permite eles estarem vendendo.

José: Eu acho que já falou um pouco mas, só pra reiterar, qual o trabalho do capa hoje, assim, junto a horta do pestano?

Fabio: É, junto horta, principalmente, pensar junto né, fazer um planejamento estratégico da gestão ali né, do que produzir, quando produzir né, de ver as sementes, as melhores adaptadas pra aquilo que eles querem, Porque tem uma diversidade muito grande, chega a ter em torno de 20, 30, 40 produto diferentes, que eles produzem né, seja na cebola, aipim, seja quiabo, é, rúcula, couve batata inglesa, batata doce, tomate, Beterraba, tem uma infinidade muito grande, milho, criações, então é um perfil assim, é uma extensão do que a gente trabalha no meio Rural e tem uma extensão perfeitamente completa dentro da cidade, dentro de duas hectares que é onde o projeto se estende hoje né, de produção. Então, nosso trabalho é esse, supervisionar, ver sementes né, dá um apoio na questão se precisa de um sombrite, uma estufa, tentar fazer projetos pra viabilizar isso né, captar recursos para que possa canalizar, quebrar também às vezes algum preconceito que se tem né, quando uma pessoa fica na dúvida se é orgânico, quando começa a ir lá na horta, caminhar na horta, comprar na horta e ver os agricultores ali trabalhando, conversando com eles, é, essa percepção é clara, então o capa faz muito esse trabalho, essa supervisão, essa continuidade, desse sonho, porque é muito difícil um projeto ter essa duração, que nem eu te falei, de 2002 até 2019 né, então já são 17 anos de trabalho, esses agricultores não estão ali por acaso tem todo um suporte do capa que não é de pouco tempo são 17 anos né onde a gente tá no dia a dia, na rotina, levando eles também né, dentro das Ferramentas da extensão Rural, levando esses Agricultores pra intercambio pra ter formação, cursos né, já levamos eles pra, seja dia de Campo que a gente faz na colônia, para trabalhar sistema agroflorestal é, para trabalhar um jeito mais moderno pra fazer agricultura, então tudo isso a gente trabalha com eles né, a gente provoca, essa, a gente proporciona isso, a estrutura para isso, ah vamos pegar um carro, vamos lá num agricultor a 70, 80, 100 km para ver aquela experiência, a gente faz isso permanentemente durante esses 17 anos, a gente nunca abandonou tá sempre junto né, ainda mais com o francisco que é o técnico agrícola que reside, que mora ali né, então tem toda a soberania do conhecimento das relações com as pessoas ali né, dentro desse bairro.

José: sim, e existem outros projetos similares assim, parecidos em Pelotas e região que o capa auxilie, algo parecido?

Fabio: Em hortas urbanas?

José: É!

Fabio: A gente já fomentou algumas né, em periferias tipo navegantes a muito tempo atrás, pequeno hortas né, que a gente acabou até fazendo cisternas, projetinhos assim, que é uma que eu me lembro né, que foi ali pro lado da gotuzzo eu acho, a gente potencializou, estimulou né mas a que tem concretude, que continua

é essa né, das outras eu atualmente eu não tenho esse relato assim, mas precisa ver esses desertos né, que são as cidades, grandes desertos em produção, que são frágeis né, cada vez mais há uma conscientização nossa do capa, talvez do brasil e no mundo de que esses desertos né de pedra de construção precisão também cada vez mais ter essas hortas urbanas. Então, isso é um trabalho que a gente estimula, que a gente acha importante, de continuar de ter mas eu desconheço no momento alguma que tenha potencial, que tenha esse trabalho social, de cunho social, porque é um trabalho de inclusão social, a horta do pestano já teve até 12, 15 famílias né, em algum momento assim, então há momentos que tem mais, que em menos né.

José: Bom, é eu queria agradecer né, o espaço que vocês me deram pra responder algumas perguntas e acredito que essas respostas vão ser muito pertinentes pra minha dissertação né, essa dissertação também fala sobre essas temáticas inclusão social, de saber popular, então acredito que vai ser muito relevante e muito obrigado!

Fabio: Ta bem! José então agradeço também, no que depender de nós do capa, a gente está aqui se precisar mais alguns esclarecimentos mais alguma conversa né, a gente é parceiro, a gente tem sido parceiro da universidade, e é bom dentro do curso de geografia porque amplia nessa visão multidisciplinar que a gente quer né, que a gente proporciona isso, essa visão, ampla, grande onde está tudo relacionado, interligado né, é bom esse teu trabalho né, isso dá visibilidade para aquilo que a gente tá fazendo, mostra a gente tá no caminho certo, tamo junto aí também para colaborar no que precisar.

José: obrigado!